CENTRO UNIVERSITÁRIO UNICARIOCA

MESTRADO PROFISSIONAL EM NOVAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO

Marcus Paulo Gioscia

ENSINO TECNOLOGICO QUALIFICADO NO PERIODO DE PANDEMIA E ISOLAMENTO SOCIAL

Rio de Janeiro

2021

Marcus Paulo Gioscia

ENSINO TECNOLOGICO QUALIFICADO NO PERIODO DE PANDEMIA E ISOLAMENTO SOCIAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Novas Tecnologias Digitais na Educação do Centro Universitário UniCarioca como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Novas Tecnologias Digitais na Educação.

Orientadores: Prof. DR. Paulo Rodrigues de Carvalho e Prof. Dr. Alessandro Jatobá

Rio de Janeiro

2021

Marcus Paulo Gioscia

MARCUS PAULO GIOSCIA

ENSINO TECNOLOGICO QUALIFICADO NO PERIODO DE PANDEMIA E ISOLAMENTO SOCIAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Novas Tecnologias Digitais na Educação do Centro Universitário UniCarioca como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Novas Tecnologias Digitais na Educação.

O Presidente da Banca, abaixo assinado, atesta que os membros da banca participaram desta defesa de dissertação.

Examinado por:

gov.br Documento assinado digitalmente
ALESSANDRO JATOBA
Data: 30/09/2025 09:19:54-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Alessandro Jatobá, D. Sc. (UniCarioca)
Presidente da Comissão Examinadora

Prof. Hugo Cesar Bellas, D. Sc. (UniCarioca)

Profa. Bárbara Bulhões Lopes de Andrade, D. Sc. (FIOCRUZ)

Rio de Janeiro

2025

G494e Gioscia, Marcus Paulo
Ensino tecnológico qualificado no período de pandemia e isolamento social / Gioscia, Marcus Paulo; orientador: Alessandro Jatobá coorientador: Paulo Victor Rodrigues de Carvalho. – Rio de Janeiro, 2025.
117 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação) – Centro Universitário UniCarioca, Rio de Janeiro, 2024.

1. Aprendizagem. 2. Ensino a distância. 3. Informática. 4. Pandemia. I. Jatobá, Alessandro, prof. orient. II. Carvalho, Paulo Victor Rodrigues de, prof. coorient. Título.

CDD: 371.344

DEDICATÓRIA

Dedico este presente trabalho a minha mãe Neuza, que em vida, sempre me incentivou a lutar pelos meus sonhos e sempre fazer o bem
para todos, agradeço também a minha esposa pelo apoio e parceria durante a realização desse grande sonho em fazer esse mestrado e as minhas filhas as quais no meio da minha formação me agraciaram com sua chegada, em meio a pandemia me tornei pai de duas lindas meninas Maria e Brenda, o papai ama vocês duas!

AGRADECIMENTOS

Confesso que esse tópico foi o último e mais difícil de escrever, pois não existe palavras para agradecer a Deus, minha família e amigos pelo apoio nessa grande jornada. E essa jornada me mostrou diversos lados da vida acadêmica que eu nunca imaginava viver, foram várias experiencias fantásticas!

Agradeço de coração aos coordenadores desse mestrado, principalmente ao professor Antônio Carlos Mól e sua equipe, pela parceria com os alunos e dedicação em fazer fornecer um curso de mestrado tão fascinante para todos nós.

Agradeço também ao Professor e orientador, Alessandro Jatobá, que além de ter aceitado ser meu orientador, também pode compartilhar seu grande conhecimento com todos nós alunos e lembro de seus ensinamentos com muita alegria no coração, pois foram marcantes em minha vida, com palavras de incentivos e motivação em me ajudar nessa pesquisa. Muito obrigado meu grande amigo e professor Alessandro Jatobá.

Deixo aqui também o meu agradecimento a todos os professores do MPNTDE, os quais eu fui agraciado com os vossos conhecimentos em sala de aula, os quais foram enriquecedores. Também a toda a equipe da UniCarioca, pela grande oportunidade de me permitir fazer parte da turma de aluno desse mestrado.

Aos meus amigos de turma, que turma diferenciada, cada um mostrando seus talentos e somando com muita parceria em todos os trabalhos que realizávamos em grupo, foi fantástico o compartilhamento de conhecimento, somou muito em minha evolução como pessoa e como professor.

Por fim, agradeço ao Instituto Infnet, a qual eu sou professor e que me incentivou a iniciar esse mestrado.

Deus muito obrigado por tudo e por até aqui conseguir vencer mais uma grande jornada na minha vida!

RESUMO

A questão do ensino a distância é um assunto em voga na sociedade e acaba por polarizar opiniões acerca de seus métodos e eficácia, tanto por especialistas, quanto do público informal em geral. Embora o ensino fundamental (EaD) não seja a forma mais recente de educação, seu novo formato, modernizado com a introdução das tecnologias da informação, especialmente de informática e internet, agrega recursos colaborativos que mudam completamente sua funcionalidade e resultados potenciais. Estimulada por esses novos recursos e potencialidades disponíveis em EaD por meio de computadores e da Internet, esta tese tem como objetivo explorar um modelo hipotético considerando a relação entre flexibilidade infinita, formação técnica, colaboração e aprendizagem "colaborativa" em EaD online. De maneira clara e direta, o presente trabalho tem por objetivo central promover um estudo empírico acerca dos resultados de aprendizagem dos alunos pelas plataformas de ensino a distância no período pandêmico que se instaurou na sociedade e mudou toda a dinâmica de ensino. Para tanto, se faz necessário trazer para o debate pesquisas cientificamente relevantes que tratem do assunto e nos ajude e enriquecer o estudo com ideias e dados. É esperado, por fim, que o trabalho consiga se colocar na mesma mesa dos especialistas da área, objetivando servir como material teórico para novos pesquisadores que queiram trazer uma nova abordagem para a discussão aqui exposta.

Palavras-chave: Aprendizagem; Ensino a Distância; Informática; Pandemia.

ABSTRACT

The issue of distance learning is a topic in vogue in society and ends up polarizing opinions about its methods and effectiveness, both by specialists and the informal public in general. Although elementary education (EaD) is not the most recent form of education, its new format, modernized with the introduction of information technologies, especially computer and internet, adds collaborative resources that completely change its functionality and potential results. Stimulated by these new resources and potentialities available in EaD through computers and the Internet, this thesis aims to explore a hypothetical model considering the relationship between infinite flexibility, technical training, collaboration, and "collaborative" learning in online EaD online. In a clear and direct way, the present work has as main objective to promote an empirical study about the learning outcomes of students through distance learning platforms in the pandemic period that established itself in society and changed the entire teaching dynamics. Therefore, it is necessary to bring to the debate scientifically relevant research that deals with the subject and help us and enrich the study with ideas and data. Finally, it is expected that the work will be able to place itself on the same table as specialists in the area, aiming to serve as theoretical material for new researchers who want to bring a new approach to the discussion presented here.

Keywords: Learning; Distance learning; Computing; Pandemic.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -Percepção da oferta da Educação Superior no Brasil em um cenário pós pandemia

Figura 2 -Caminho evolutivo entre as quatro fases da transição do Ensino Remoto Emergencial para o Ensino Híbrido

Figura 3 -Ambiente AVA

Figura 4 -Ambiente Moodle

Figura 5 -Ambiente Google Meet

Figura 6 -Ambiente Zoom

Figura 7 -Ambiente Skype

Figura 8 -Ambiente VLibras

LISTA DE GRÁFICOS

Quadro 1 - Gerações EAD

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Alguns destaques da EaD no Brasil no século XX
Tabela 2 – Gerações de EaD de acordo com Maia e Mattar (2007)
Tabela 3 – Gerações de EaD de acordo com Moore e Kearley (2008, p.26)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

2D – Bidimensional

3D – Tridimensional

RV – Realidade Virtual

RVI – Realidade Virtual Imersiva

SUMÁRIO

Sumário

1. INTRODUÇÃO....13
1.1 Inquietação....14
1.2 Caracterização do problema....16
1.3 Tecnologia e educação....17
1.4 Plataformas e tecnologia utilizadas....19
1.5 Cidadania e Educação....20
1.6 O projeto político pedagógico....22
1.7 A relação entre projeto político pedagógico e gestão escolar....24
2. OBJETIVOS....33
2.1 Objetivo Geral....33
2.2 Objetivos Específicos....33
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA....33
3.1 EAD e tecnologia....33
3.2 Metodologia de ensino....35
3.3 Pandemia, o isolamento social e o EAD....37
3.4 Início do ead na pandemia....39
3.5 Ensino híbrido....41
4. MÉTODO....45
4.1 Sequência Didática....48
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO....51
5.1 Resultado da Pesquisa de Campo....55
5.2 Recursos tecnológicos e o EAD....58
5.3 Outros recursos....71
5.4 Ambiente virtual de aprendizagem....73
5.5 Tutoria em EAD....75
5.6 Competências profissionais EAD....79
5.7 Legitimação e democratização do EAD....81
5.8 Mídias e ferramentas utilizadas no EAD....88
5.9 Dicas para o ensino à distância....93
6. CONCLUSÃO....100
7. REFERÊNCIAS....102
8. ANEXOS....116

1. INTRODUÇÃO

Segundo Araújo ET AL (2017), o termo tecnologia é algo bem abrangente, que não se limita somente aos maquinários desenvolvidos, mas que por sua vez, “engloba a totalidade de coisas que a engenhosidade do cérebro humano conseguiu criar em todas as épocas, suas formas de uso e, suas aplicações”, normalmente com finalidades de gerir e diminuir o tempo das atividades realizadas, ou até mesmo, “transpor barreiras impostas pela natureza, estabelecer uma vantagem, diferenciar-se dos demais seres irracionais”, consequentemente, levando a muitos avanços, tais como o desenvolvimento da própria escrita, do raciocínio crítico, de equações, da leitura e tantos outros avanços que vão se aprimorando com o passar dos anos. (ARAÚJO ET AL, 2017).

De acordo com Ramos (2012), a palavra tecnologia é originária do grego “tekne e significa “arte, técnica ou ofício [...] já a palavra logos significa “conjunto de saberes”, derivando assim, de informações e saberes que são capazes de criar e transformar o determinado meio a que estão inseridas, sanando as demandas criadas pelas necessidades humanas. Segundo este autor, também pode ser considerada um “conjunto de técnicas, métodos e processos específicos de uma ciência, ofício ou indústria”. (RAMOS, 2012)

Já de acordo com Altoé e Silva (2005), no setor de educação, as tecnologias começaram a se desenvolver por volta do ano de 1940 nos Estados Unidos, com intuito militar diante da segunda guerra mundial e as ferramentas audiovisuais.

Estas ferramentas arguiram complemento escolar na “Universidade de Indiana, em 1946” e são motivos recorrentes de evolução, pesquisas e inserção até os dias atuais.

Por volta de 1960, os meios de comunicação se alastraram e ganharam corpo mundial, sendo que, foi nesta época também, que ocorreu a “revolução eletrônica”, ou seja, desenvolvimento de rádio e televisão, sendo os percursores desta revolução, o Canadá e os Estados Unidos.

E por volta de 1970, a tecnologia evolui e surgindo assim, os envoltos da informática, já sendo pesquisados e relacionados com finalidade educativa. (ALTOÉ E SILVA, 2005)

Tal concepção de tecnologia educativa produziu uma ausência de identidade, desorientação profissional e falta de utilização desse campo de conhecimento. A literatura sobre a evolução histórica da introdução do computador na vida humana revela elementos contraditórios para compreender a sua inserção na escola, cujos limites são evidenciados em termos de uma preocupação apenas técnico administrativa e econômico-determinística. (CONTE E MARTINI, 2015)

No Brasil a tecnologia voltada à educação, foi implementada por volta de 1939, ligada a educação a distância promovido pelo “Instituto Radio-Monitor” e “Instituto Universal Brasileiro”, cujos experimentos primários era transmitir o conhecimento por ondas de rádio. (MARIA LUIZA BELLONI, 2001)

O “Movimento de Educação de Base (MEB)”, utilizou-se deste conceito das ondas de rádio e propôs alfabetizar “jovens e adultos por meio das escolas radiofônicas, principalmente das regiões norte e nordeste”, do país. (VANILDA PEREIRA PAIVA, 1987)

Outro destaque para a educação tecnológica do Brasil, foi o “projeto Minerva”, desenvolvido pelo rádio MEC de forma experimental, que visava “usar o satélite doméstico, utilizando rádio e a televisão como meios de transmissões”, para os fins educacionais, buscando canalizar duas etapas, uma que primava pelo treinamento dos docentes e o outro buscava levar conhecimento as “três primeiras séries do ensino fundamental”, sendo desativado no ano de 1976. (ALTOÉ E SILVA, 2005).

1.1 Inquietação

O processo de aprendizagem atualmente é composto por formas de tecnologias, principalmente as tecnologias digitais, que acabam favorecendo as informações e as comunicações relativas aos processos lúdicos, a processos audiovisuais, textuais, musicais entre outros.

De acordo com Otto (2016), “a televisão, o vídeo, o computador, a internet, resinificam a educação” e que por sua vez, agregam no processo de aprendizagem de ambos os lados, docentes e educandos. (OTTO, 2016).

Segundo Ramos (2012), as tecnologias encontradas “dentro da sala de aula” são variadas, indo “da mais simples como o giz, até as mais evoluídas como o Datashow” e atualmente margeando tablets e computadores.

Desta forma a “tecnologia educacional”, visa compreender o adjacente de técnicas, artifícios e métodos que se beneficiam destes meios digitais, formando um elo de apoio aos docentes, que se bem utilizados, auxiliam e muito no desenvolvimento educacional, no rendimento de aprendizagem e na forma criativa de resolução dos problemas. (RAMOS, 2012)

> [...] A tecnologia é mais poderosa, quando utilizada com abordagens construtivistas de ensino, que enfatizam mais a solução de problemas, o desenvolvimento de conceitos e o raciocínio crítico do que a simples aquisição de conhecimento factual. [...] A tecnologia não é uma panaceia para a reforma de ensino, mas ela pode ser um catalisador significativo para a mudança e uma ferramenta para apoiar a indagação, composição, colaboração e comunicação dos alunos. [...] O professor, [...] deverá estar lado a lado de seus alunos como aprendiz levando também seus alunos a criarem e fazerem crescer seus próprios conhecimentos. [...] (DINIZ, 2001)

A forma como a educação se relaciona com fatos tecnológicos, é algo induzido recentemente no âmbito escolar, algo que vem se adequando de acordo com as transformações globais e fundamenta muito do desenvolvido arguido na formação dos professores e na forma como estes conseguem ajustar o "o processo ensino-aprendizagem".

Desta forma a Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), presente nas estruturas escolares e nas salas de aula, compreendidos como aparelhos eletrônicos, computadores e até mesmo os aparelhos celulares, precisam de orientação e supervisão clara dos professores, para que seu uso se destine a utilização correta e vise o resultado do aprendizado. (RAMOS, 2012) A TV é outro aparato tecnológico inserido nas escolas, que se difunde a algum tempo trazendo benefícios aos docentes e aos alunos. Através deste meio é possível reproduzir um filme, um documentário e até mesmo uma aula com mais dinâmica, através de imagens, sons e etc. (RAMOS, 2012).

Segundo Segantini (2014), as "ferramentas tecnológicas como Tablets, lousas interativas e aplicativos, estão mudando o cenário educacional em nosso país" e vem inserindo etapas para um efetivo diagnosticam de mudanças, tais como, a funcionalidade da "digitalização de documentos", que por sua vez, acelera e otimiza muitos dos processos realizados na base escolar. Outra mudança a ser destacada é em relação aos laboratórios de informática escolares, que atualmente já são conectados diretamente a internet, agilizando assim, novas pesquisas e novos campos de aprendizagem.

E desta forma, ainda vale a compreensão da mudança relativa ao "plano pedagógico", que mesmo enfrentando algumas barreiras, procura cada vez mais realizar "atividades online adaptadas com as presenciais". (JÉSUS HENRIQUE SEGANTINI, 2014)

Atualmente segundo Otto (2016) a maior parte das escolas do Brasil, sejam elas municipais, estaduais ou particulares, convivem com o acesso das tecnologias, seja atreves de um laboratório de informática, ou através do próprio celular que se disseminou socialmente a praticamente todas as idades, 'sendo os mais comuns diante de seus acessos, "A TV, o vídeo, a telefonia celular". Otto (2016), entende que "computadores (hardware) estão cada vez mais

poderosos permitindo o surgimento de ferramentas (software) de apoio ao processo de ensino aprendizagem".

A compreensão de que as formas de tecnologia já estão inseridas no cotidiano, demandam uma preparação de seus receptores, buscando assim, demonstrar como "à educação tem dimensões mais profundas", e que a sociedade como um todo, é marcada pela "diversidade de linguagens, na busca de tecnologias", tudo para acompanhar as evoluções e a "qualidade na educação", de forma que, os assuntos tratados em sala de aula, possam a vir ser correlatos com o dia a dia dos indivíduos. (OTTO, 2016).

1.2 Caracterização do problema

Em 2020, entre o final de fevereiro e o início de março, o mundo passou a enfrentar uma grave ameaça à saúde pública provocada pelo Coronavírus (COVID-19), uma doença altamente contagiosa que afeta principalmente o sistema respiratório, podendo evoluir para quadros graves e, em muitos casos, levar à morte. Diante desse cenário, a Organização Mundial da Saúde (OMS), agência das Nações Unidas responsável pela coordenação das ações globais de saúde pública, atuou no monitoramento da disseminação da doença, na emissão de diretrizes científicas e no apoio aos países em situações de emergência sanitária, além de promover pesquisas e políticas de prevenção em saúde (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2024).

Esta doença induziu um novo cenário nas rotinas diárias dos indivíduos em nível mundial, impondo medidas de isolamento social e quarentena domiciliar, especialmente para grupos classificados como de risco, além da suspensão das atividades presenciais em escolas, áreas de lazer e segmentos considerados não essenciais à sobrevivência humana (SANTOS, Boaventura de Sousa, 2020).

Com as transformações impostas pela pandemia da COVID-19, o cotidiano educacional sofreu mudanças significativas, levando alunos e docentes a realizarem suas atividades predominantemente em seus domicílios. Nesse contexto, Allan (2020) destaca que, com o avanço da COVID-19, muitas escolas e universidades passaram a rever suas metodologias de ensino, tornando a tecnologia um elemento essencial para a continuidade dos processos educacionais.

Como tudo ocorreu muito rápido, não houve uma adaptação e sim uma imposição de adaptação em relação as aulas e atividades, que antes ocorriam de forma presencial e agora só ocorrem de forma virtual, uma mudança significativa aos “milhares de professores e milhões de estudantes”, que precisaram “encontrar novas formas de lecionar e aprender”. (ALLAN, 2020). Mesmo para um mundo em plena ascensão tecnológica, com as gerações atuais cada vez mais conectadas e habituadas a utilizar processos tecnológicos, a transição de momentos presenciais para momentos de educação a distância, é dificultosa e limitadora, tanto para docentes quanto para alunos. Nesse sentido, Siqueira reforça uma reflexão crítica ao afirmar que a tecnologia tem proporcionado novos modos de ensinar e aprender, por meio de diferentes recursos didáticos que ampliam o acesso à informação, anteriormente pouco explorados no ensino presencial, possibilitando, assim, a aproximação entre indivíduos mesmo diante do distanciamento físico (SIQUEIRA, Ethevaldo, 2020).

1.3 Tecnologia e educação

Segundo Lopes et al. (2007), o ensino a distância é algo antigo, que vem evoluindo com as tecnologias disponíveis de cada época e, sua origem data por volta do século XVIII, “quando um curso por correspondência foi oferecido por uma instituição de Boston (EUA)”, tendo essa prática se disseminado no século XIX, na “Europa, [...] Suécia, Reino Unido e Espanha”.

Já por volta do século XX, este conceito se alastrou, levando conhecimento por correspondências para “países como Austrália, Alemanha, Noruega, Canadá, França e África do Sul”, de forma que neste mesmo século, com a constante aderência deste sistema por correspondência, a educação a distância passou a ser considerada e reconhecida como uma “modalidade de ensino”. (LOPES ET AL, 2007).

A Inglaterra por volta de 1969 com a “British Open University”, foi a primeira universidade pioneira no ensino superior à distância, pois trouxe, segundo Lopes et al. (2007), “inovações nos instrumentos de comunicação entre professores e alunos”, principalmente diante dos modos de enviar os materiais, bem como, de recebê-los de volta para correção e demais.

Esta universidade se beneficiou da tecnologia existente, utilizando-se de “meios impressos, televisão e cursos intensivos [...] em períodos de recesso de outras universidades convencionais”, para efetivar o modelo de EAD a estudantes de graduação.

A Espanha por sua vez, seguida por “Costa Rica, Venezuela, El Salvador, México, Chile, Argentina, Bolívia e Equador”, a partir de 1972, agregaram tais ideias da Open

University e visaram completar o estudo a distância, para graduandos e para pós-graduações. (LOPES ET AL, 2007).

No Brasil, a Educação a Distância (EAD) teve suas primeiras iniciativas associadas à utilização das ondas de rádio, ainda na década de 1920. Embora considerada uma proposta inovadora para a época, essa modalidade destacou-se pelo seu potencial educativo e social. Segundo o site Matheus Soluções, a fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro exerceu um papel relevante no desenvolvimento do ensino a distância, uma vez que seus idealizadores acreditavam na educação da população brasileira, especialmente das camadas mais humildes, por meio de um sistema de ensino pouco convencional, voltado à difusão de conhecimentos sobre a realidade social, cultural e educacional do país naquele período, configurando-se, assim, como uma das iniciativas precursoras da EAD no Brasil (MATHEUS SOLUÇÕES, 2010).

Para Costa e Faria (2008), o ensino a distância é configurado como “uma atividade de ensino e aprendizado sem que haja proximidade entre professor e alunos”, sendo o ensino e a aprendizagem realizados somente através da comunicação, entre algum dos vários, recursos tecnológicos existentes.

Ainda segundo Costa e Faria (2008), o EAD pode ser considerado “uma estratégia educativa baseada na aplicação da tecnologia à aprendizagem”, não necessitando de lugar ou ocupação definidos, bastando assim, somente a vontade de aprender. (COSTA E FARIA, 2008).

Segundo os autores Costa e Faria (2008), ainda destacam outros pontos importantes em relação a evolução do ensino a distância, pois este método visa uma: “Quebra” da barreira espaço/tempo e a democratização do acesso. Qualquer pessoa, independentemente de idade, ocupação tempo e lugar pode fazer uso dessa estratégia. [...] De forma que, a atividade de ensino coaduna com políticas que vem sendo implementadas no Brasil e no mundo que visam a universalização da educação. (COSTA E FARIA, 2008).

Até período recente, a maior parte da oferta de cursos na modalidade de Educação a Distância (EAD) concentrava-se no ensino superior, especialmente nos níveis de graduação e pós-graduação. Contudo, com a chegada repentina da pandemia da COVID-19 em 2020, os sistemas educacionais públicos e privados foram obrigados a suspender, de forma imediata, as atividades presenciais. Nesse contexto, com o apoio da tecnologia e da internet, a EAD tornou-se essencial para garantir a continuidade do processo de ensino e aprendizagem, assumindo papel central na manutenção das atividades educacionais (BALDEZ, 2020).

Segundo Castro (2020), em reportagem publicada no portal de notícias *G1*, no contexto das transformações impostas pela pandemia, os grupos que mais enfrentaram dificuldades de adaptação foram os alunos do ensino fundamental e médio, bem como os professores. Isso ocorreu porque as medidas de quarentena aceleraram de forma abrupta situações que, até então, estavam mais associadas à Educação a Distância, impactando aproximadamente 480 mil estudantes da rede pública e mais de 170 mil da rede privada (CASTRO, 2020).

O EAD foi a forma encontrada de manter parte da rotina destes indivíduos, tendo em vista que, docentes e alunos precisaram aprender a conviver a distância e se fazer uso da tecnologia disponível para suprir este momento. (CASTRO, 2020).

1.4 Plataformas e tecnologia utilizadas

Com a imediaticidade, ligada ao momento delicado de pandemia, escolas, professores e educandos, necessitaram se adaptar aos novos meios de ensino – aprendizagem, ligados a métodos de educação a distância e a tecnologia disponível. Já por sua vez, o "governo federal determinou que as instituições de ensino estão isentas de cumprirem o mínimo de dias letivos, mas manteve a carga horária necessária para completar o ano de estudo" e desta forma, segundo Oliveira (2020), métodos como "Aulas pela TV e internet, já comuns nas redes privadas de ensino", acabaram por sua vez, devido a situação momentânea, ganhando vez, voz e câmeras diante dos espaços das redes municipais e estaduais. (OLIVEIRA, 2020)

Além das plataformas de redes sociais, como Facebook, Instagram e WhatsApp, que desempenham papel relevante por meio de chamadas de vídeo, organização de cronogramas e suporte às atividades de ensino virtual, a adaptação ao contexto educacional durante a pandemia também foi destacada por gestores da educação. Segundo Cecília Amendola Motta, presidente do Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed), em entrevista à imprensa especializada, foi extremamente desafiador para os sistemas estaduais e municipais tomarem decisões rápidas e garantir a continuidade das atividades escolares diante do fechamento das escolas, recorrendo às soluções disponíveis em cada localidade, como rádio, transmissões online e materiais impressos, devido à ausência de tempo para planejamento prévio (CASTRO; MOTTA, 2020):

> Nada substitui professor com o aluno na sala de aula. [...] Não há dúvidas de que haverá perdas na aprendizagem, se comparado ao período normal, sem pandemia, [...], mas com todo esforço, estamos falando em um momento de exceção e vamos fazer o melhor possível. A tecnologia veio para ficar, não vai parar depois [da pandemia], mas vai ser como um complemento, em reforço no contraturno escolar. (OLIVEIRA, 2020).

Em pesquisas referentes ao assunto, é possível notar que cada estado, bem como cada escola, vem adotando sua própria forma de manter o ensino às crianças e adolescentes. A plataforma Zoom Meetings, é uma das tecnologias EAD que está sendo utilizada, esta plataforma visa a criação de uma sala virtual, criada por um administrador que poderá encaminhar convites aos participantes e realizar o repasse de informações, podendo ser gravado ou não, visando nestes casos, conteúdos relativos as matérias escolares. (ALVES, 2020)

Outras plataformas, segundo Allan (2020), que seguem o mesmo segmento de organizar aulas/ reuniões, são plataformas abertas "Microsoft Office 365, o Google Classroom, o Trello e tantos outros softwares" de modo que o educando e o docente possam interagir, mesmo a distância e "fazer upload e download de arquivos, gravar vídeos ou áudios, criar grupos, fazer pesquisas, produzir jogos e várias outras atividades que permitirão criar novos formatos de ensino e aprendizagem online". (ALLAN, 2020).

Outro aplicativo possível para ser utilizado em sala de aula, é o Hangouts Meet, que pertence ao "G-Suit for Education da Google", que permite realizar chamadas de áudio, videoconferências e disponibilização de matérias. Outro aplicativo a ser utilizado é o Skype, que também possibilita chamadas ao vivo, com áudio e imagem, bem como disponibiliza chats que podem ser utilizados em grupos, para repasse de materiais e orientações. (WEB TERRA, 2020)

Outro fator importante a ser mencionado, são os gêneros digitais, que comumente são utilizados com conteúdo que rodeiam as redes sociais, de forma crítica e analítica, para proporcionar um debate e "ampliar a compreensão de textos que pertencem a esses gêneros e a possibilitar uma participação mais qualificada do ponto de vista ético, estético e político nas práticas de linguagem da cultura digital". (BNCC, 2017)

1.5 Cidadania e Educação

A educação exerce papel central na formação dos cidadãos que interagem em contextos culturais, sociais e políticos diversos. Nesse sentido, a cidadania pode ser compreendida como o conjunto de direitos e deveres que permeiam a vida dos indivíduos, possibilitando sua participação ativa na vida pública e política da sociedade. Atualmente, esse conceito apresenta-se de forma ampliada, não se restringindo apenas às dimensões políticas e sociais, mas envolvendo também o compromisso com a busca por uma melhor qualidade de vida individual e coletiva (ARAÚJO, 2007).

Sob essa perspectiva, a cidadania assume um caráter multidimensional, uma vez que as relações humanas são complexas e envolvem aspectos físicos, psíquicos, cognitivos, ideológicos, científicos e culturais. Compreender essas múltiplas dimensões é fundamental para a construção de estratégias educacionais que promovam condições de vida mais dignas e equitativas para todos os indivíduos (ARAÚJO, 2007). Para que tal ideal se concretize, faz-se necessária uma educação que concilie esses princípios e respeite a individualidade de cada cidadão, promovendo a cidadania como instrumento de transformação social, fundamentada em valores como democracia, justiça e igualdade, com a participação ativa de toda a sociedade.

Ao considerar o papel da escola na contemporaneidade, observa-se que, muitas vezes, o ambiente escolar é compreendido apenas como um espaço destinado à aprendizagem de disciplinas específicas, como História, Física ou Geografia. Contudo, enquanto instituição formadora, a escola precisa ir além da transmissão de conteúdos, assumindo também a responsabilidade pela construção da cidadania. Para que os sujeitos tenham condições de participar de forma crítica e consciente das decisões políticas e sociais, é imprescindível que a escola seja democrática e ofereça um ensino de qualidade, criando condições concretas para o desenvolvimento dessas competências (ARAÚJO, 2007).

Nesse contexto, as discussões sobre educação têm ressaltado a importância de uma escola que respeite a heterogeneidade e a individualidade dos estudantes. O processo de aprendizagem não ocorre de forma uniforme, uma vez que cada indivíduo possui ritmos, capacidades e formas próprias de aprender, o que exige práticas pedagógicas sensíveis à diversidade presente no ambiente escolar (HEDLUND, 2011).

Além disso, Johann (2009) destaca que os conflitos observados no macrocosmo social se refletem diretamente nos comportamentos individuais. A ausência de referências éticas ou o controle excessivo por meio de regras rígidas e punições pode comprometer o equilíbrio social, especialmente em contextos democráticos nos quais os interesses de minorias acabam se sobrepondo ao bem coletivo. Diante disso, a educação precisa ser pensada como um meio capaz de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, equilibrada e humanizada, promovendo condições para que os indivíduos possam viver de forma mais plena e feliz.

Para alcançar esse objetivo, a educação deve estar pautada na ética, envolvendo todos os atores do ambiente escolar — gestores, professores, alunos e famílias — na construção de uma prática educativa ampla e comprometida com a formação cidadã (JOHANN, 2009). Nesse sentido, Freire (1983, apud HEDLUND, 2011) reforça a ideia de que a ética está intrinsecamente relacionada à política no âmbito da educação, constituindo um dos

fundamentos da prática pedagógica. Assim, o educador precisa assumir o caráter político de sua atuação, compreendendo que o ato educativo não é neutro.

Complementarmente, a prática educativa, ao se relacionar com a política, configura-se como um processo de construção de vivências e relações, não se limitando à simples transmissão de conteúdo. Dessa forma, a escola deve ampliar seus objetivos, criando um ambiente que incentive a autonomia intelectual, a iniciativa e o desejo dos estudantes de buscar novos conhecimentos de acordo com seus interesses e necessidades (HEDLUND, 2011).

Em outras palavras, torna-se essencial preparar os educandos para uma aprendizagem permanente, que se estenda ao longo da vida e em diferentes campos de atuação. Para isso, a escola deve oferecer espaços que estimulem o pensar, refletir, analisar, criticar, criar, argumentar e avaliar, favorecendo o desenvolvimento de competências cognitivas e éticas fundamentais à formação cidadã (HEDLUND, 2011). A ética, nesse contexto, possibilita a construção de saberes que conduzem o indivíduo a se reconhecer como um cidadão crítico, capaz de distinguir entre o justo e o injusto, a partir das práticas e valores vivenciados no ambiente escolar (CAMARGO; FONSECA, 2008).

Por fim, a escola configura-se como um espaço privilegiado para que os indivíduos reconheçam seu papel na sociedade, compreendendo conceitos fundamentais como liberdade, direitos e deveres. A partir dessa compreensão, o sujeito torna-se capaz de refletir criticamente sobre sua posição social e sobre as responsabilidades que dela decorrem, fortalecendo sua atuação consciente e ética no exercício da cidadania (CAMARGO; FONSECA, 2008).

1.6 O projeto político pedagógico

O projeto político-pedagógico é responsável por delinear uma visão geral dos objetivos, metas e estratégias da instituição escolar, tanto na esfera administrativa quanto pedagógica; portanto é parte do planejamento e gestão da instituição. Este planejamento tem como objetivo nortear as decisões de ação, a fim de que os gestores consigam chegar a seus objetivos (BETINI, 2005).

É uma ferramenta importante para a administração da instituição porque se trata de um guia para direcionar as decisões e deve ser definida coletivamente. Com relação ao termo, é político pois tem relação com o âmbito de formação do cidadão como agente atuante e transformador de sua realidade, da sociedade em que vive; é pedagógico pois se expressa por meio das atividades escolares, que são planejadas de forma a alcançar os objetivos definidos pela instituição.

Este instrumento permite identificar a escola como uma instituição social, uma vez que ela atua na área da educação e formação dos cidadãos, portanto deve ser pensada e organizada de forma a melhorar estes aspectos (BETINI, 2005). Para a criação de um projeto político pedagógico, é preciso considerar diversas dimensões que se relacionam com o contexto escolar: econômico, político e social. Tais aspectos da sociedade influenciam nas atividades e na organização da escola, portanto é necessário considerá-los para a criação de um projeto eficaz (BETINI, 2005).

Nesse contexto, Aguilar (1997, apud BETINI, 2005) faz apontamentos sobre as dimensões que devem ser consideradas, destacando a dimensão estrutural e conjuntural, a qual se relaciona com o contexto macro da sociedade e com os aspectos anteriormente mencionados, incluindo a exclusão social e educacional, o desemprego, a situação dos trabalhadores, a coexistência de riqueza e pobreza, a precariedade das políticas públicas e a escassez de recursos destinados às instituições escolares.

Nesse sentido, Aguilar (1997, apud BETINI, 2005) complementa que esses determinantes são fundamentais, uma vez que a escola participa diretamente da formação de cidadãos que irão viver em determinada sociedade e, consequentemente, transformá-la. Dessa forma, torna-se essencial considerar o tipo de sociedade que se pretende construir a partir do processo educativo. Além disso, o autor destaca a dimensão ética valorativa como outro aspecto indispensável à formação cidadã, pois é por meio dela que se estabelecem os valores que orientarão as ações no ambiente escolar. Segundo Aguilar (1997, apud BETINI, 2005, p. 40), entre esses valores destacam-se a tolerância radical, que pressupõe a preocupação com o outro e se opõe ao individualismo da postura liberal; a valentia cívica, entendida como a disposição para lutar por causas consideradas corretas e justas; a solidariedade, que envolve o sentimento de irmandade aliado a ações concretas; e a justiça, que orienta tanto a valentia cívica quanto a solidariedade, sendo o justo e o injusto definidos nas inter-relações estabelecidas entre a escola e as famílias que ela atende.

A Historicidade da Instituição também deve ser considerada na criação do projeto político-pedagógico e se refere à realidade interna da instituição, ou seja, as experiências passadas e a relação com o presente para poder planejar um futuro. Para tanto, é importante considerar esferas espaciais, temporais e culturais que são criadas dentro da instituição, é a sua identidade. Desta forma, é possível delinear um projeto político-pedagógico que se relacione de forma harmoniosa com a história da instituição, afirmando sua identidade (AGUILAR, 1997, apud BETINI, 2002).

O autor ainda comenta sobre a dimensão do Processo de Conhecimento, que se define pelo conteúdo que será produzido na instituição. Esta dimensão diz respeito ao currículo oficial da escola, e a sua relação com todas as outras dimensões citadas (BETINI, 2002).

Desta forma, o projeto político-pedagógico se faz importante na esfera de gestão de uma instituição escolar, como uma referência às suas ações; um documento com dados sobre as condições de funcionamento e os objetivos estabelecidos (FREITAS et al., 2004 apud BETINI, 2002). Esta ferramenta ajuda a escola a alcançar seus objetivos e a falta desta ferramenta pode acarretar numa escola desorganizada, que reflete um descaso com o contexto educacional e, consequentemente com a sociedade (BETINI, 2002).

1.7 A relação entre projeto político pedagógico e gestão escolar

A educação se define por um direito do cidadão e dever do estado. Por conta deste caráter, se cria uma responsabilidade de traçar métodos para que esta obrigação seja cumprida. É notável que praticamente todos os países do mundo possuem leis que garantem o acesso de seus cidadãos à educação básica; uma vez que esta é a base da cidadania (CURY, 2005). Sendo um direito de todos os cidadãos, as escolas devem ter este valor como central, desta forma, cabe ao gestor da instituição de assumir a efetivação desse direito durante sua atuação na escola (CURY, 2005).

Na década de 90, a gestão escolar passou por mudanças a fim de se adequar às mudanças que ocorriam no estado, decorrentes de um novo sistema econômico global. As instituições escolares acabaram por adotar um tipo de proposta chamada de “Gestão Autônoma das Escolas”, cujo objetivo era dar mais força aos gestores das escolas (FONSECA, 2009). A Unesco deu um caráter de evolução a esta nova forma de gestão escolar, apontando que a maior autonomia da administração seria positiva, porém, este modelo de administração acabou sendo alvo de críticas quando foi implantado nas instituições em países europeus.

As críticas se referiam ao caráter quantitativo do controle do desempenho, que acabava forçando as escolas a compararem o desempenho de seus alunos entre si, causando julgamentos. Esta mudança acabou por evidenciar mudanças de caráter administrativo, deixando de lado a cultura escolar e pedagógica (FONSECA, 2009). No Brasil, estas mudanças acabaram por ocorrer em um período conturbado, marcado por desequilíbrio financeiro e aumento da inflação decorrentes do período militar. Os educadores reivindicavam

um modelo de gestão inclusiva como forma de mudança, por suas entidades profissionais e sindicais como:

> Associação Nacional de Política e Administração da Educação (Anpae), a Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (Anped), a Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (Anfop), além das entidades reivindicativas, como o Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (Andes/ SN) e a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) (FONSECA, 2009, p. 186).

A partir dessa movimentação, as leis brasileiras começaram a ser modificadas, propondo a descentralização; a partir disso, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e o Plano Nacional de Educação (PNE) adotaram o projeto político-pedagógico (PPP) como ferramenta que permitiria a maior participação dos educadores no processo de gestão institucional (FONSECA, 2009). Mais precisamente, a Constituição de 1988 estabeleceu as políticas que voltaram a sociedade rumo à democratização. A gestão democrática foi estabelecida no ensino público pelo Art. 206; IV. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 reforçou o princípio pelo Art. 3º, inciso VIII, e através do Art. 14, estabeleceu:

> I – Participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto político-pedagógico da escola;
> II – Participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes (PICOLI; CARVALHO, 2008, p. 9).

Esta modificação permitiu que as instituições escolares pudessem alcançar uma maior eficiência com menor custo para o Estado. A gestão escolar, então, passou a ser compreendida como um conjunto de ações para modificar as práticas pedagógicas e de administração, além de novas formas de financiamento como a utilização do Programa de Dinheiro Direto na Escola (PDDE). Algumas outras ações do âmbito escolar foram criadas a partir de acordos do governo com o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento, como o projeto Pró Qualidade; Educação Básica para o Nordeste; Municipalização do Estado do Paraná e Fundo de Desenvolvimento da Escola, que tinha por objetivo melhorar os resultados de escolas no Norte, Nordeste e Centro-oeste (FONSECA, 2009).

A gestão democrática é um princípio da educação nacional e torna obrigatória, nas escolas públicas, a participação de todos os profissionais, de forma ativa a fim de executar as ações estabelecidas pelo projeto pedagógico (CURY, 2005). De modo a garantir a educação para todos os cidadãos, as instituições devem pautar suas ações e atuação no projeto pedagógico que deve ser elaborado com a participação dos professores e outros profissionais

envolvidos. O gestor responsável pela instituição deve liderar a atuação, porém, todos os profissionais são responsáveis pela execução do planejamento (CURY, 2005).

O projeto político-pedagógico é um meio de conduzir a organização e administração escolar de forma a auxiliar os profissionais para uma construção coletiva de saberes e ações que devem ter como objetivo atender as necessidades da escola e da comunidade que ela atende. A partir das mudanças citadas, ocorridas na década de 90, o projeto político pedagógico é importante para guiar a descentralização da gestão (AMARAL, 2015). Apesar das mudanças voltadas para a democratização da gestão educacional, ainda existem resquícios de uma gestão autoritária, praticada no passado não apenas no setor educacional.

Apesar disso, como é um projeto, e poderá ser implementado aos poucos, como um vir a ser, é possível trabalhar no sentido de elaborar o projeto político-pedagógico que venha a possibilitar o desenvolvimento dos alunos no âmbito cultura, científico e tecnológico, e inserir a sociedade nas decisões de que caminhos a escola deverá tomar, e rumo a que tipo de sociedade deve se pautar sua construção de saberes (PICOLI; CARVALHO, 2008).

Vasconcelos (2006, apud AMARAL, 2015) define como uma sistematização de um constante processo de Planejamento Participativo, que se define por uma caminhada, ou seja, vai se adequando às necessidades encontradas no caminho, definindo as ações educativa que serão adotadas na escola. É uma ferramenta de mudança da realidade da sociedade em que se estabelece através da instituição escolar.

Além disso, o projeto político-pedagógico é importante para que a escola alcance sua autonomia, pois, de fato, toda instituição educacional precisa apresentar um documento que expõe seus objetivos como uma forma de justificar as ações adotadas (AMARAL, 2015). A escola que possui afirmada a sua autonomia pode criar sua própria identidade, se colocar como espaço público, um lugar de debate fundamentado na reflexão coletiva; o projeto político pedagógico irá orientar a direção do trabalho para que isso se torne uma realidade (VEIGA, 2000 apud AMARAL, 2015).

Apesar de ter que apresentar um documento que explicite seus objetivos e ações, o projeto político-pedagógico não se trata de um documento que, quando pronto, será encaminhado às autoridades e arquivado; mas ele é um instrumento que deve estar em constante modificação, pois auxilia na busca pela cidadania, organizando a instituição escolar para tal (KAZIMA; VALEIRO, 2017). Neste modelo de gestão democrática, o gestor tem como papel principal, permitir que se crie um canal de comunicação entre a instituição e a sociedade na qual ela se insere, de forma a favorecer a participação desta na tomada de decisões a respeito dos rumos que a educação irá tomar ali.

O gestor deixa de ser apenas um administrador e passa a ser um facilitador, para proporcionar um ambiente que favoreça o melhor desempenho do aluno; a participação da comunidade permite que o gestor possa trabalhar diversos aspectos relacionados a melhorias na educação (AMARAL, 2015). O gestor não pode mais se prender a única função de fazer a escola funcionar, se focando em aspectos administrativos, suas atribuições na gestão democrática são bem mais amplas, é uma tarefa de articulação à qual ele deve se propor (AMARAL, 2015).

De acordo com Paraná (2018b), muitos diretores ainda transferem a responsabilidade da elaboração do projeto político-pedagógico aos professores, por não se darem conta da importância de seu papel neste espaço, ou não darem a devida atenção ao documento. O papel do diretor é criar oportunidades para que haja encontros entre todos os atores envolvidos na elaboração dos planos escolares, para discussão dos problemas e elaboração de possibilidades.

O diretor deve se atentar à aspectos legais, uma vez que ele deve se inteirar dos procedimentos relacionados aos atos regulatórios da oferta de ensino da escola. O projeto político-pedagógico deve ser devidamente encaminhado ao Núcleo Regional de Educação, para que este emita o Parecer de Verificação de Legalidade. Para isso, o projeto político pedagógico deve estar atualizado com as informações da escola, por isso a necessidade de revisar constantemente, ao menos uma vez por ano o documento (PARANÁ, 2018b).

Com relação à participação, todos os atores da sociedade têm um espaço para contribuir com a instituição escolas; educadores se responsabilizam pela mobilização da escola e comunidade; alunos são os atores centrais com os quais a escola deve se preocupar; os pais e a comunidade em geral devem ter participação nas decisões financeiras e do tipo de cidadania que se quer formar dentro da instituição (KAZIMA; VALEIRO, 2017).

De acordo com Kazima e VALEIRO (2017, p. 3), o projeto político-pedagógico é constituído de alguns documentos como: “O Projeto Político Pedagógico envolve a composição dos documentos: Proposta Pedagógica, Regimento Escolar, Planos de Ação da Escola, o Plano de Trabalho Docente, os Parâmetros Curriculares Nacionais e Referenciais Curricular de Educação Infantil.” Discussões a respeito da construção do projeto político pedagógico envolvem temas como questões pedagógicas, administrativas e financeiras. Todos os temas devem ser discutidos com a participação dos diferentes membros da escola e sociedade. Para que isso seja organizado, é preciso desenvolver uma forma democrática de organização e gestão escolar, para garantir o funcionamento das decisões tomadas. É preciso programar as ações de forma a relacioná-las ao fazer pedagógico, dando forma e vida ao projeto político-pedagógico (KAZIMA; VALEIRO, 2017).

A instituição de ensino deve levar em conta algumas dimensões para realizar suas atividades e planos, como o eixo administrativo, que se refere à organização da instituição; nesta esfera, o gestor é responsável por envolver toda a sociedade e membros da instituição na tomada de decisões. A autonomia administrativa diz respeito à escola poder elaborar seus próprios projetos, assim como a autonomia jurídica possibilita que a escola defina suas regulações, a autonomia financeira permite que a escola administre seus recursos e a autonomia pedagógica que dá liberdade para que a instituição defina o melhor caminho para elaborar suas propostas pedagógicas de acordo com as necessidades da sociedade (PASSOS, 2001, apud KAZIMA; VALEIRO, 2017).

O eixo administrativo possui o objetivo de planejar, acompanhar e avaliar a aplicação dos recursos de forma a atender as necessidades da escola e da sociedade, em conformidade com o plano de gestão pública. É preciso uma organização nessa esfera a fim de planejar e elaborar um orçamento, prestando contas conforme as necessidades do projeto político pedagógico, a fim de conseguir pôr em prática as propostas sugeridas (KAZIMA; VALEIRO, 2017). Nesta esfera, a forma de gestão pode variar conforme o estilo do administrador, tem relação com os mecanismos que ele adota para inserir a comunidade na tomada de decisões dentro da instituição, a definição dos valores que constituem o centro do trabalho escolar e a democratização da informação dentro do ambiente escolar (KAZIMA; VALEIRO, 2017).

Os controles burocráticos também são definidos pela própria escola ou podem ser externos, pode ser estabelecido que é papel do professor estabelecer formas de avaliar e informar sobre o desempenho dos alunos, como forma de averiguar a qualidade do trabalho (KAZIMA; VALEIRO, 2017). A racionalidade interna diz respeito a forma como a escola escolhe para movimentar seus recursos para alcançar seus objetivos, neste âmbito, o projeto político-pedagógico também serve como um norteador (KAZIMA; VALEIRO, 2017).

A administração de pessoal tem relação com a escolha dos profissionais que farão parte da instituição e que se adequem à filosofia de trabalho proposta; nesta esfera ainda consta a administração de material que é a organização dos recursos para compra de material ou consertos, por exemplo, (KAZIMA; VALEIRO, 2017). Por fim, no eixo administrativo é preciso ter um modo de definir o nível de participação da comunidade em todas as ações da escola, de forma a averiguar se a gestão democrática está, de fato acontecendo (KAZIMA; VALEIRO, 2017).

O eixo pedagógico tem relação com as ações de ensino, que visam averiguar a qualidade e propor melhorias; está ligado à missão da instituição, os objetivos propostos e a necessidade da sociedade. A comunidade escolar tem a tarefa de definir qual tipo de escolar

ela quer construir, qual sua finalidade, e trabalhar de forma a concretizá-la (KAZIMA; VALEIRO, 2017).

Para garantir o adequado funcionamento da instituição, o projeto político-pedagógico abrange alguns aspectos, definidor por Veiga (1991, apud KAZIMA; VALEIRO, 2017, p. 6-7):

> a) Poder decisório visando à melhoria do ensino-aprendizagem: refere-se a medidas pedagógicas para reduzir a evasão e a repetência. Isso envolve definir conteúdos curriculares, produzir ou usar material didático diferenciado, desenvolver tecnologia educacional, oferecer atividades extracurriculares voltadas para o ensino e a cultura.
> b) Adoção de critérios próprios de organização da vida escolar: diz respeito ao estabelecimento de calendário anual, horário, oferta de merenda, transporte escolar e de material escolar e uniforme aos alunos carentes.
> c) Pessoal Docente: refere-se às ações desenvolvidas para a melhoria da qualidade do pessoal docente, que tem relação direta com os resultados pedagógicos da escola. Dentre as principais ações estão: atualização dos professores, aquisição de materiais para consulta e enriquecimento das atividades e de infraestrutura de apoio à sala de aula.
> d) Acordos e parcerias de cooperação técnica: podem ser firmadas com outras escolas da rede ou particulares, faculdades, universidades, empresas, organizações não governamentais, dentre outras. São ações que visam o enriquecimento da ação educativa e exigem criatividade, iniciativa e capacidade de negociação.

O autor ainda cita aspectos do eixo financeiro, que cuida da organização dos recursos e de sua aplicação; todas as ações do eixo financeiro devem ser realizadas com transparência e responsabilidade. Os recursos têm origem no Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), que objetiva auxiliar a instituição na melhora de sua infraestrutura, a fim de melhorar o desempenho da escola. Para definir melhor a situação da instituição, é preciso avaliar a sua dependência financeira, que é uma análise do quanto a escola depende do órgão central, a fim de definir os critérios de contribuição.

O controle de prestação de contas tem objetivo de definir a forma como o dinheiro está sendo gasto, e o critério de prioridade. A captação de recursos tem relação com as formas de captação de recursos da instituição, através de convênios com outras empresas (KAZIMA; VALEIRO, 2017). Por fim, as autoras apontam o eixo jurídico, que se relaciona com a construção de suas regulações e orientações. O objetivo deste eixo é promover o conhecimento da Legislação Educacional e do Regimento da Escola, que orientam os professores, funcionários, pais e estudantes com relação a seus direitos e deveres. É importante fornecer conhecimento a respeito dos direitos e deveres de cada um, uma vez que estes podem não ser respeitados; quando se tem o conhecimento adequado o cidadão pode exercer sua plena cidadania.

Nesse sentido, o Projeto Político-Pedagógico (PPP) organiza o trabalho pedagógico e orienta a ação da escola de forma ampla e integrada, articulando diferentes projetos e atividades institucionais. Trata-se de um documento de caráter global e contínuo, com ações previstas para todo o ano letivo e perspectivas de longo prazo, inclusive voltadas à mudança da cultura escolar. Por isso, deve ser revisto periodicamente, especialmente no início de cada ano, compreendendo-se como um processo dinâmico que se constrói e se ajusta conforme o desenvolvimento da instituição (PARANÁ, 2018a).

O PPP estrutura-se a partir de três elementos fundamentais: o marco situacional, o marco conceitual e o marco operacional. O marco situacional corresponde ao diagnóstico da realidade escolar, considerando as necessidades da instituição e de sua comunidade. A partir dessa análise, constrói-se a identidade da escola, o que possibilita orientar as práticas pedagógicas e decidir sobre mudanças ou permanências nos princípios institucionais, sempre com foco na aprendizagem dos estudantes. Esse diagnóstico deve contemplar aspectos culturais, sociais e identitários, como gênero, raça, etnia e orientação sexual, por serem constitutivos do contexto em que a escola está inserida e essenciais para o planejamento de ações pedagógicas coerentes (PARANÁ, 2018a).

O marco conceitual, por sua vez, fundamenta teoricamente a função social da escola. Com base no diagnóstico realizado, a instituição relaciona sua realidade aos referenciais teóricos que orientam suas escolhas pedagógicas, definindo valores, objetivos e compromissos que sustentam o trabalho docente. Esse marco é central para o planejamento das práticas educativas e requer o envolvimento da equipe gestora e pedagógica na reflexão sobre tendências educacionais, legislações vigentes e diretrizes curriculares, de modo a alinhar teoria e prática no cotidiano escolar (PARANÁ, 2018a).

Já o marco operacional traduz essas concepções em ações concretas, definindo estratégias de curto, médio e longo prazo nas dimensões administrativa e pedagógica. Esse planejamento deve ser continuamente avaliado e ajustado, assegurando coerência com os marcos situacional e conceitual. A elaboração do PPP costuma ser impulsionada pela necessidade de melhoria do contexto escolar e pelo fortalecimento da participação da comunidade nos processos decisórios. Para isso, é essencial analisar as condições reais da escola, suas fragilidades, potencialidades e formas de organização, promovendo debates coletivos sobre gestão, estrutura pedagógica, distribuição de poder e fundamentos regimentais, de modo a orientar propostas de mudança consistentes (VEIGA, 2013; VASCONCELLOS, 2014, apud PARANÁ, 2018b).

Nota-se a importância do envolvimento tanto dos gestores da instituição escolar quanto da comunidade na elaboração de um projeto político-educacional, tendo em vista que esta ferramenta é útil tanto para organizar a instituição no âmbito administrativo, quanto no âmbito pedagógico. O projeto político-pedagógico se estrutura como uma ferramenta norteadora, na qual se podem constatar os avanços realizados pela instituição e as dificuldades que ainda deverão ser superadas. O projeto vem como uma forma de colocar em prática da forma mais eficaz possível o conceito de gestão democrática, e pode ser considerado como uma ferramenta de participação e de aproximação da sociedade com as instituições de educação. Nesse contexto, Veiga (2004, apud KAZIMA; VALEIRO, 2017) ressalta a importância desse documento para uma melhor organização institucional, ao evidenciar conflitos e contradições que podem se tornar pauta de discussão da comunidade educacional, com vistas à proposição de novos caminhos e à adequação da atuação docente às necessidades e à realidade da sociedade em que a instituição se insere. Trata-se, assim, de um instrumento que contribui para a superação de relações competitivas e autoritárias, favorecendo o estabelecimento de relações mais horizontais e saudáveis, essenciais para a construção de um ambiente propício à aprendizagem e à formação social.

De acordo com o que foi apresentado, é possível notar que a educação e o espaço escolar é um ambiente extremamente importante e base da construção dos cidadãos como indivíduos participantes na sociedade, que têm a capacidade de lançar um olhar crítico sobre as situações, transformar e reconstruir conceitos. Desta forma, para a construção de uma nova sociedade é preciso que primeiro haja escolas que possam oferecer ensino de qualidade aos alunos, e que permitam a participação de toda a comunidade.

O caráter democrático de uma sociedade está intimamente relacionado a aspectos culturais que envolvem o respeito e a promoção de condutas fundamentadas nos direitos humanos (ONU, 1948). Para que esses princípios se concretizem, o espaço escolar precisa ser constantemente repensado e aprimorado, de modo a promover valores como a dignidade humana, a igualdade e o respeito às diferenças (FREIRE, 1996).

Nesse sentido, torna-se necessário romper com culturas historicamente estabelecidas, a fim de favorecer a incorporação de novos valores sociais. Na sociedade contemporânea, observa-se que a noção de direitos humanos nem sempre ocupa um lugar central nas decisões políticas e sociais, sendo, muitas vezes, deslegitimada no senso comum. É recorrente, por exemplo, a ideia equivocada de que tais direitos servem apenas para proteger pessoas que cometeram crimes, o que evidencia a necessidade de uma educação comprometida com a formação crítica e cidadã (BRASIL, 1988; FREIRE, 1996).

O âmbito educacional precisa levar em consideração esta realidade no planejamento de suas ações de forma a modificar o pensamento e promover o respeito e o comportamento moral e ético, como forma de promover a mudança para melhor dentro da sociedade (CARVALHO, 2007). Quando se considera a democracia fora do eixo dos direitos humanos, está reduzindo está a simples mecanismos de representação política. Não é apenas o ensino de melhores formas de escolha que irão melhorar o sistema educacional, é preciso considerar todos os aspectos citados, pois a ética se relaciona com muitas áreas da vida social.

A escola precisa ser um ambiente que estimule os alunos, que os motive a promover mudanças através da informação e conhecimento. A escola que se propõe a cumprir este papel pode ser chamada de uma escola cidadã, aquela que é um lugar de aprendizado e de desenvolvimento e construção de conhecimento e estímulo da vontade de aprender e de buscar suas próprias respostas.

O cidadão deve ser capaz de problematizar para atuar na sociedade, nesta ótica a educação deve estar apto a preparar os alunos para a reflexão crítica, o desenvolvimento da capacidade de pensar, argumentar, buscar (HEDLUND, 2011). A escola precisa deixar de ser um ambiente de mera transmissão de conhecimento, onde os educadores apenas seguem roteiros pré-determinados e não desenvolvem atividades ou não abrem espaços de discussão, especialmente quando se trata de assuntos polêmicos que surgem no âmbito social.

O gestor que se dispõe a construir uma escola cidadã tem um papel fundamental e central neste cenário; ele atua como o agente transformador, é ele quem cria as condições necessárias para que a educação oferecida seja de qualidade e atenda às necessidades da sociedade. O gestor precisa trabalhar com metodologias que possam trazer à tona os valores, a escola deve ser um ambiente acolhedor, que proporcione a aprendizagem significativa que tenha foco em seus alunos e acima de tudo os respeite em suas diferenças, de forma a não permitir ações de discriminação (HEDLUND, 2011).

Os professores, como atores importantes neste cenário, devem continuamente estar dispostos a aprender novas teorias que considerem as necessidades da população, e colocá-las em prática dentro das salas de aula com seus alunos. Os educadores quando valorizam a comunicação, conseguem proporcionar espaços de discussão saudáveis que permitirão aos alunos pensarem e refletir. A promoção da autonomia dos alunos é uma importante ferramenta para que estes possam futuramente, transformar a sociedade, portanto as escolas devem incentivas e abrir espaço para que estes alunos possam pensar e refletir criticamente, a fim de chegar a um consenso em conjunto uns com os outros.

Desta forma, se prepararão para a sociedade onde muitas pessoas devem, através da comunicação, chegar a consensos e decisões que irão afetar a todos.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

O presente trabalho objetiva analisar empiricamente os resultados de aprendizagem dos alunos no ensino a distância durante o período pandêmico.

2.2 Objetivos Específicos

I Apresentar as plataformas mais eficazes para promover o ensino a distância;

II Discutir o nível de aprendizado alcançado por meio deste método pedagógico de ensino;

III Mostrar como a pandemia causada pelo vírus da Covid-19 impactou no ensino e aprendizado dos alunos das redes públicas e privadas de ensino;

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 EAD e tecnologia

O uso de tecnologias digitais na educação, bem como de recursos pedagógicos mediados por ferramentas tecnológicas, pode estimular a criatividade, o raciocínio lógico, a colaboração, a capacidade de pesquisa e o desenvolvimento de competências essenciais ao mundo contemporâneo. Nesse sentido, compreender tendências educacionais e desenvolver habilidades voltadas ao futuro torna-se fundamental no contexto escolar atual (KENSKI, 2012; MORAN, 2015).

À medida que a educação a distância (EaD) passa a ocupar espaço cada vez mais significativo na sociedade, especialmente em decorrência da pandemia da COVID-19, torna-

se imprescindível discutir o papel da tecnologia nesse modelo educacional. Entre as vantagens da EaD, destaca-se a possibilidade de acompanhamento das atividades acadêmicas por meio de ambientes virtuais, nos quais os estudantes produzem, compartilham e interagem com conteúdo diretamente conectados à rede global de informações (VALENTE, 2014).

Em 2020, graças ao avanço das tecnologias digitais, escolas de todo o país puderam dar continuidade às atividades educacionais, mesmo diante do distanciamento social imposto pela crise sanitária. Ainda que parte dos estudantes apresentasse dificuldades no uso de computadores e plataformas digitais, tais tecnologias mostraram-se essenciais para a superação dos impactos educacionais provocados pela pandemia, evidenciando a relevância da tecnologia na educação a distância (UNESCO, 2020).

Nesse contexto, a EaD caracteriza-se por ser mediada por recursos tecnológicos que possibilitam diferentes formas de interação pedagógica. Em ambientes de distanciamento social, essas ferramentas são utilizadas para promover maior autonomia discente, uma vez que os estudantes passam a utilizar os recursos disponíveis para construir o próprio conhecimento. Com o fortalecimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), os alunos podem acessar ambientes virtuais de aprendizagem, comunicar-se com docentes e colegas, assistir a videoaulas, realizar atividades avaliativas e participar de fóruns de discussão (MORAN, 2015).

A educação a distância, portanto, apresenta-se como um modelo de ensino alinhado às características das crianças e adolescentes do século XXI, uma vez que se fundamenta no uso das novas tecnologias digitais. Esse formato atende às necessidades dos estudantes contemporâneos, que já estão inseridos em uma cultura digital e buscam aprender por meio de recursos tecnológicos. Além disso, possibilita aos professores a adoção de metodologias mais flexíveis, como o ensino híbrido, no qual o docente assume o papel de mediador do processo de aprendizagem, enquanto o aluno torna-se protagonista de sua formação (BACICH; TANZI NETO; TREVISANI, 2015).

Por fim, considerando que muitos estudantes pertencem à chamada geração Z, marcada pela familiaridade com o uso da tecnologia, observa-se que metodologias tradicionais tendem a apresentar limitações quanto à manutenção do foco e do engajamento em sala de aula. Em contrapartida, quando a tecnologia é integrada de forma pedagógica ao processo de ensino, favorece a interação, a motivação e a aprendizagem significativa, especialmente entre os chamados “nativos digitais” (PRENSKY, 2001).

3.2 Metodologia de ensino

A educação dos filhos constitui uma das principais preocupações das famílias, o que leva pais e responsáveis a buscarem instituições de ensino que assegurem um processo educativo consistente, sem lacunas pedagógicas e conduzido por profissionais qualificados. Entre os fatores que influenciam essa escolha, destaca-se o método de ensino adotado pela escola. Contudo, a metodologia não é relevante apenas para pais e alunos, mas também para a própria instituição, uma vez que orienta o plano pedagógico, organiza o trabalho docente e fundamenta as práticas educacionais cotidianas (LIBÂNEO, 2013).

O termo “método” tem origem no latim *methodus*, que significa caminho ou direção para alcançar determinado objetivo. No campo educacional, refere-se ao conjunto de princípios, estratégias e procedimentos utilizados para a produção e transmissão do conhecimento. Assim, os métodos de ensino englobam as ferramentas e práticas empregadas pelos docentes para mediar a aprendizagem, buscando motivar crianças e jovens e favorecer a construção do conhecimento de forma significativa (SAVIANI, 2008).

Nesse sentido, a metodologia de ensino configura-se como o somatório de atitudes, recursos e decisões pedagógicas que definem a forma como o professor ensina e como os alunos se relacionam com os saberes escolares. Recursos como textos, materiais visuais, vídeos, plataformas digitais e outras tecnologias podem ser utilizados conforme os objetivos educacionais e o perfil dos estudantes (MORAN, 2015).

Ao selecionar um método de ensino, a escola materializa sua missão, visão e valores, garantindo coerência entre o projeto pedagógico e a formação integral do aluno. Dessa forma, a metodologia orienta o professor quanto às estratégias didáticas e aos recursos a serem utilizados, além de oferecer transparência às famílias sobre os princípios que norteiam o processo educativo (VEIGA, 2004).

Os métodos tradicionais de ensino, historicamente predominantes nas escolas brasileiras, baseiam-se na centralidade do professor como transmissor do conhecimento e na posição passiva do aluno como receptor das informações. Nesse modelo, o conteúdo é previamente organizado e apresentado de forma expositiva, sendo a aprendizagem avaliada por meio de provas, trabalhos e tarefas domiciliares, com ênfase na memorização e no desempenho acadêmico (LIBÂNEO, 2013).

Esse modelo pedagógico prioriza currículos padronizados e materiais didáticos estruturados, visando à aquisição de conhecimentos técnicos e ao alcance de resultados mensuráveis, especialmente em avaliações externas, como vestibulares e exames de acesso ao ensino

superior. Por essa razão, ainda é considerado por muitos pais e educadores como um método seguro e eficiente (SAVIANI, 2008).

Em contraposição, abordagens pedagógicas fundamentadas na teoria da interação social defendem que o conhecimento é construído coletivamente, por meio da interação entre os sujeitos. Inspiradas em autores como Vygotsky, essas metodologias valorizam o trabalho em grupo, a colaboração e o desenvolvimento de competências socioemocionais, reconhecendo o professor como mediador do processo de aprendizagem (VYGOTSKY, 1998).

O construtivismo, amplamente associado às contribuições de Jean Piaget, compreende o aluno como protagonista da aprendizagem, entendendo que o conhecimento se constrói a partir da interação entre o sujeito e o meio. Nesse contexto, o professor atua como facilitador, criando situações-problema e respeitando o ritmo individual dos estudantes, o que exige turmas menores e acompanhamento pedagógico mais próximo (PIAGET, 1976).

A metodologia Montessori, por sua vez, enfatiza a autoeducação e a autonomia do aluno, propondo ambientes preparados e organizados para estimular a aprendizagem sensorial e prática. Nesse modelo, o educador assume o papel de observador, acompanhando o desenvolvimento do estudante e intervindo apenas quando necessário, respeitando o tempo e o interesse de cada criança (MONTESSORI, 1989).

Outra abordagem relevante é a pedagogia de Reggio Emilia, desenvolvida na Itália sob a liderança de Loris Malaguzzi, que defende a criança como sujeito ativo do processo educativo. Essa metodologia valoriza a participação das famílias, a expressão criativa e o aprendizado por meio da investigação e da experiência, entendendo a educação como um processo coletivo e dinâmico (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 2016).

A pedagogia Waldorf, criada por Rudolf Steiner, propõe uma educação humanizada, interdisciplinar e fundamentada em atividades artísticas, práticas e morais. O foco está na experiência vivida pelo aluno, priorizando o desenvolvimento integral — intelectual, emocional e social — em detrimento da mera transmissão de conteúdos, sendo reconhecida pela UNESCO como uma abordagem inclusiva e promotora do respeito à diversidade (STEINER, 1997; UNESCO, 2019).

Por fim, destaca-se a pedagogia freireana, formulada por Paulo Freire, que compreende a educação como prática de liberdade. Seu método baseia-se no desenvolvimento do pensamento crítico por meio da leitura do mundo antes da leitura da palavra. O processo educativo, segundo Freire, envolve a investigação da realidade do aluno, a tematização dos conteúdos e a problematização crítica, estimulando a autonomia, a consciência social e a transformação da realidade (FREIRE, 1987).

3.3 Pandemia, o isolamento social e o EAD

Com a pandemia da COVID-19, as instituições de ensino foram obrigadas a suspender as atividades presenciais e adotar o ensino remoto emergencial como alternativa (WHO, 2020; BRASIL, 2020). Para garantir a continuidade das aulas, recorreram a ferramentas digitais como Moodle, Google Meet e Zoom (HODGES et al., 2020). Contudo, essa transição abrupta evidenciou dificuldades relacionadas ao acesso à internet, à infraestrutura tecnológica e à adaptação pedagógica (MORAN, 2020; ARRUDA, 2020). Tais desafios impactaram diretamente a qualidade do ensino e da aprendizagem, exigindo novas estratégias educacionais.

De acordo com Oliveira et al. (2020), na educação a distância, os alunos são os protagonistas de sua aprendizagem, tornando-se autônomos, capazes de criar e buscar novas competências para que possam intervir em seu cotidiano. A educação a distância possui diversos conceitos difundidos por diversos autores, conceitos esses que levam em consideração a particularidade dessa modalidade de ensino, mas sempre há um eixo comum.

Já Vergara (2007) aponta que o EAD normalmente é definido como um modelo de ensino externo, ou seja, alunos e professores não compartilham a mesma sala de aula e o mesmo espaço físico ao mesmo tempo. A separação física entre professores e alunos é regulada por alguns recursos impressos, mecânicos ou eletrônicos, que podem favorecer sua interação. A educação a distância também pode ser definida como um sistema de tecnologia de comunicação bidirecional, que pode ser em grande escala e substituir a interação pessoal entre professores e alunos em sala de aula por meio do sistema e da atuação conjunta de diversos recursos didáticos, além da organização e apoio de tutoria para fornecer aos alunos uma aprendizagem independente e flexível (ARETIO, 1994). Petri (1996) diz que a educação a distância é uma forma de educação que visa democratizar o conhecimento, pois é uma opção de ensino que permite a professores e instituições de ensino transmitir conhecimentos a quem deseja aprender onde deveria estar disponível, sem estar vinculado à estrutura tradicional de ensino estrito com pré-local ou tempo determinado.

Quadro 1 - Gerações EAD

Gerações - Educação a Distância					
Descrição	**1ª Geração**	**2ª Geração**	**3ª Geração**	**4ª Geração**	**5ª Geração**
Designação	Ensino por correspondência	Tele-ensino	Multimídia	*E-Learning*	*M-Learning*
Representação e mediatização de conteúdos	Monomídia	Múltiplas Mídias	Multimídia interativa	Multimídia colaborativa	Multimídia conectada e contextual
Suporte tecnológico de distribuição de conteúdos	Impressa	Emissões Radiofônicas e Televisivas	CDs e DVDs	Internet e Web	PDAs, telefones, celulares, *players* de MPn, *Smartphones*
Frequência e relevância dos momentos comunicacionais	Quase inexistente	Muito reduzida	Muito reduzida	Significativa e relevante	Significativa e relevante
Período	1850 - 1960	1960 - 1985	1985 - 1995	1995 - 2005	2005 - ?

Fonte: Adaptado de MOORE E KEARSLEY (2007)

Nesse contexto, Houlden e Veletsianos (2019) afirmam que a aprendizagem online é frequentemente apresentada como um método educacional flexível, sendo compreendida como um aspecto da democratização do acesso à educação. Além disso, Oliveira et al. (2020) apontam que a EAD atua como um multiplicador de conhecimento, permitindo que pessoas sem condições financeiras ou logísticas tenham acesso a conteúdo de forma simples, rápida e dinâmica. Nesse sentido, a educação a distância amplia oportunidades formativas e contribui para a redução de desigualdades educacionais. Nesse sentido, para Hack (2011) a educação a distância é vista como uma forma de eliminar a distância geográfica e temporal por meio da disponibilização de tempo e local de aprendizagem para os alunos totalmente on-line.

Segundo o MEC (2020), a educação a distância é uma modalidade de ensino em que alunos e professores estão separados física ou temporariamente, devendo ser utilizados meios de informação e comunicação e tecnologias, modalidade regulada por legislação específica e podendo ser utilizada no ensino básico educação (educação de jovens e adultos), educação

profissional técnica de ensino médio e ensino superior. De acordo com o Decreto nº 9.057 / 2017, a educação a distância é:

> Art. 1º: Para os fins deste Decreto, considera-se educação a distância a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos. (BRASIL, 2017, p. 1).

Para Neder (2000), a EaD é um meio e uma ferramenta que pode ampliar as oportunidades de atendimento escolar e adultos, para que novas tecnologias de comunicação e informação possam ser utilizadas. O desafio permanente dessa modalidade de ensino é não deixar o foco da significação política originária da proposta, e verificar se o suporte técnico utilizado é o mais adequado para o desenvolvimento de conteúdos, para alcançar a maior interatividade e socialização pessoal possíveis (SANTOS, 2020). Com a pandemia causada pelo covid-19, a educação a distância tornou-se uma ferramenta que permite que as pessoas recebam educação, enquanto a educação presencial se torna inviável devido ao risco de infecção.

3.4 Início do ead na pandemia

Portanto, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, em 30 de janeiro de 2020, que o surto da COVID-19, causado pelo SARS-CoV-2, constituía uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional, em razão de sua rápida disseminação e impacto global (WHO, 2020). Essa declaração marcou o início de medidas sanitárias rigorosas em diversos países, incluindo o distanciamento social e a suspensão de atividades presenciais, ou seja, o mais alto nível de alerta da organização estipulado pelo
Regulamento Sanitário Internacional (Organização Pan-Americana da Saúde / OMS, 2020). O primeiro caso Covid19 veio da cidade de Wuhan, província de Hubei, República Popular da China, em 31 de dezembro de 2019. A princípio, a Organização Mundial de Saúde foi alertada para vários casos de pneumonia, mas de uma nova cepa (tipo) de coronavírus que não havia sido encontrada em humanos antes. Em 7 de janeiro de 2020, uma semana após o aparecimento do primeiro caso, as autoridades chinesas confirmaram que haviam descoberto um novo tipo de coronavírus. O coronavírus ou coronavírus é a segunda causa principal de resfriado comum (depois do rinovírus) e, até as últimas décadas, raramente causou doenças mais graves em humanos do que o resfriado comum. Um total de sete coronavírus humanos (HCoV) foram identificados: HCoV-229E, HCoV-OC43, HCoV-NL63, HCoV-HKU1,

SARS-COV

(causando síndrome respiratória aguda grave), MERS-COV (causando síndrome respiratória grave) e o mais recente coronavírus novo é denominado SARS-CoV-2. Este novo tipo de coronavírus causa a doença de Covid-19 (Pan American Health Organization / WHO, 2020).

Em 18 de março de 2020, devido à Covid-19, o Ministério da Educação-MEC suspendeu o ensino presencial em todo o Brasil de acordo com o Decreto nº 343 de 17 de março de 2020.

> Art. 1º Autorizar, em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, nos limites estabelecidos pela legislação em vigor, por instituição de educação superior integrante do sistema federal de ensino, de que trata o art. 2º do Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017 (PORTARIA Nº 343, de março de 2020).

No mês seguinte, por meio do Decreto nº 376, de 3 de abril de 2020, o MEC autorizou a suspensão dos cursos técnicos de ensino médio presencial por mais 60 dias. Diante da situação atual, a educação a distância é considerada a única opção para não interromper as aulas durante o período de isolamento. O processo de ensino é realizado no mesmo ambiente. Segundo a Associação Brasileira de Educação a Distância-ABED (2020), o EAD é uma modalidade de ensino em que a maioria (e em muitos casos é especializada) as atividades de ensino são realizadas, e alunos e professores não ficam no mesmo lugar ao mesmo tempo.

Nessa perspectiva, a educação a distância distingue-se da educação presencial, uma vez que a prática docente deixa de estar centrada exclusivamente na figura do professor e a aprendizagem não se restringe mais ao espaço físico da sala de aula. Professores e alunos passam a interagir em ambientes virtuais, ainda que de forma síncrona ou assíncrona, superando barreiras geográficas e temporais, o que constitui uma das principais características desse modelo de ensino (MORAN, 2015; HODGES et al., 2020).

O contexto atual evidencia que a educação não permanecerá a mesma, e a sala de aula tradicional tende a ser ressignificada. Em decorrência da pandemia da COVID-19, ocorreram mudanças inesperadas na dinâmica escolar e na rotina educacional, afetando a relação entre alunos e professores e transformando os processos de ensino e aprendizagem, o que levou à adoção de novas abordagens educacionais mediadas por tecnologias digitais (ARRUDA, 2020; UNESCO, 2020).

3.5 Ensino híbrido

A discussão do ensino híbrido (o termo em inglês Blended Learning é a tradução mais usada no Brasil) não é novidade: no momento em que esta dissertação foi escrita, há trabalhos em desenvolvimento há trinta anos - um bom exemplo é Bonwell e Eisen (1991).

O mundo tem testemunhado a evolução tecnológica de dispositivos e todas as novas possibilidades relacionadas à mobilidade, conectividade e acesso a tais dispositivos e suas tecnologias. Incontáveis aspectos da vida humana - para não mencionar quase todos os aspectos -foram afetados por uma ou mais conquistas tecnológicas nas últimas décadas. No entanto, é recorrente que, em comparação com as possibilidades trazidas pelo progresso tecnológico, o campo da educação sempre apresenta um certo grau de lentidão ou resistência: Embora muitos setores da sociedade tenham passado por mudanças estruturais nos últimos anos, as etapas da educação são. ser demais aos meus olhos. devagar. Mesmo com todas as mudanças promovidas pela educação a distância (EAD), ainda persistem alguns medos, preconceitos ou desconhecimento de um número considerável de pessoas, até a chegada da pandemia da covid-19 (SILVEIRA, 2021).

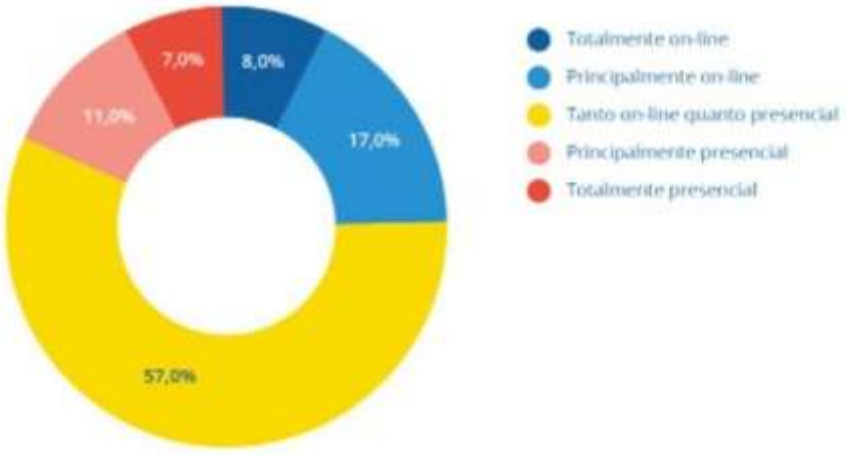
Em março, houve um movimento no Brasil que os contemporâneos nunca viram: a pandemia de Covid-19 fez com que escolas e universidades fechassem, e a tecnologia, o conhecimento e a infraestrutura já comuns ao EAD foram adotados com extrema rapidez, mesmo que fosse não em grande escala no início, mas adaptado a situações novas e incertas. Portanto, com base em uma mistura de conhecimento acumulado, senso de urgência, muitas incertezas e uma grande quantidade de improvisação, o ensino à distância de emergência - uma das inúmeras nomenclaturas que substituem temporariamente o ensino presencial, foi implementado, por meio de fusões que se tornaram possível ambiente virtual anteriormente subutilizado, ferramentas de videoconferência que muitas pessoas não conhecem e inúmeros softwares usados por professores e alunos (SILVEIRA, 2021).

Nesse contexto, Silveira (2021) afirma que o equilíbrio entre duas formas de ensino aparentemente opostas — presencial e a distância — integradas no conceito de educação mista, busca consolidar um modelo que reúna as potencialidades de cada modalidade, reduzindo ou evitando suas fragilidades. Além disso, Pérez-Sanagustín et al. (2017) detalham como aplicar os MOOCs (Massive Open Online Courses) à aprendizagem combinada. Entretanto, uma série de eventos desencadeados pela pandemia do novo coronavírus em escala global impactou diretamente todos os aspectos da vida humana, incluindo a educação. Diante desse cenário, autores como Kuklinski e Cobo (2020) defendem que a educação

combinada se configura como uma forte tendência no ensino superior no mundo pós-pandêmico.

As emergências provocadas pela pandemia - e a adoção de soluções de ensino à distância por muitas instituições de ensino superior para substituir os cursos presenciais - inevitavelmente levarão a uma mudança na percepção das pessoas sobre a dicotomia clássica que envolve a forma como a educação é fornecida nesta dissertação, limitamo-nos ao ensino superior (com ênfase na graduação), embora muitas reflexões possam ser aplicadas a outros níveis de ensino. Uma pesquisa recente conduzida pelo Ipsos World Economic Forum Research Institute confirmou esta afirmação (SILVEIRA, 2021). Em 29 países, quase um quarto (23%) dos adultos em todo o mundo acreditam que dentro de cinco anos, o ensino superior do seu país estará totalmente ou quase todo online; no entanto, quase metade (49%) dos entrevistados acreditam que o ensino superior será oferecido online e presencial (WEF, 2020).

Figura 1 - Percepção da oferta da Educação Superior no Brasil em um cenário pós-pandemia



Fonte: Silveira (2021)

No entanto, vale destacar o nível de crescimento dos cursos à distância em relação aos cursos presenciais: o número de matrículas em cursos à distância quase triplicou em 2019 (em relação a 2009), e o número de cursos oferecidos aumentou nos 11 anos, ou seja, cinco vezes mais. Ressalta-se que o número de cursos presenciais aumentou 41%, e o número de matrículas aumentou apenas 20% no mesmo período - vale ressaltar que a população cresceu 8% no mesmo período, enquanto no mesmo período aumentou 12%. Porém, percebe-se que, a partir de 2005, o número de matrículas em cursos presenciais segue em tendência de queda - as matrículas em 2019 são 7% menores que em 2019 em 2015 (SILVEIRA, 2021).

O surgimento da educação a distância (HODGES et al., 2020) mais cedo ou mais tarde se tornará a realidade da maioria das instituições de ensino superior no Brasil - apesar da matrícula injusta de alunos e dos diversos efeitos emocionais e onerosos do trabalho docente (ARAÚJO et al., 2020). Nesse ponto, toda instituição e todo profissional são desafiados não apenas em termos de tecnologia, mas principalmente em termos de estratégias de ensino (cátedra) e estrutura e processos organizacionais (aspectos institucionais). Da mesma forma, é necessário considerar que outras experiências de aprendizagem devem ser fundamentalmente adaptadas ou mesmo indisponíveis por não estarem presentes. Nesse sentido, Kuklinski e Cobo (2020), bem como Silveira (2020), discutem os diferentes estágios evolutivos da resposta das instituições de ensino superior à pandemia da COVID-19, que vão desde a adoção do ensino remoto emergencial até a consolidação de um modelo de aprendizagem pós-combinada:

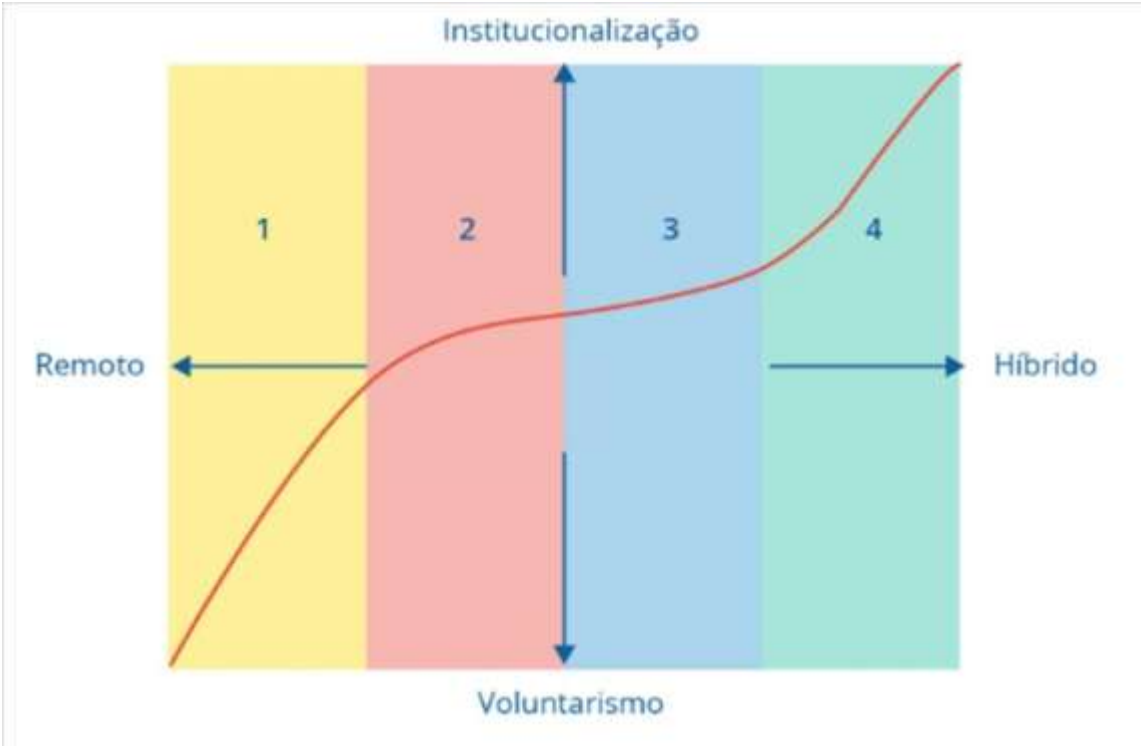
Na fase 1, há a utilização de soluções de ensino à distância, principalmente baseadas em atividades sincronizadas de longa duração, é quase sempre descritiva, suportada por um sistema de videoconferência. Araújo et al. (2020) mostra que no contexto do Brasil, Microsoft Teams, Google Meet e Zoom nesta ordem são as ferramentas digitais que os professores insistem em utilizar para atividades remotas. Obviamente, essa situação também traz para a organização a instabilidade relacionada ao desempenho e disponibilidade da infraestrutura técnica, e a organização geralmente tenta solucionar o problema quando ocorre um problema. No contexto da América do Norte, essa etapa é a primeira a ser alcançada em março de 2020. O mesmo é verdade para algumas instituições de ensino superior no Brasil, embora em um número considerável de casos, demore vários meses para adotar estratégias de ensino a distância (ARAÚJO et al., 2020). A característica desta etapa é que, sempre que possível, o processo de educação presencial é quase imediata e diretamente convertido em atividades remotas, o que inclui o uso de quase os mesmos métodos, os mesmos materiais e, possivelmente, os mesmos mecanismos de avaliação.

Na fase 2, há uma adaptação ao ensino híbrido, com menos espaço para improvisação; embora ainda possa não haver um plano institucional claro, os problemas de infraestrutura tendem a se tornar pontuais e rapidamente resolvidos (Kuklinski & Cobo, 2020; Silveira, 2020). Além disso, o processo de avaliação passa a ser reconsiderado, e as longas videoconferências dão lugar a encontros mais curtos, intercalados com atividades ativas dos alunos (Araújo et al., 2020).

Na fase 3, a instituição já deve estar preparada para um cenário de ensino misto, mesmo com o retorno parcial às atividades presenciais, pois alguns professores e alunos continuam dependentes de atividades remotas (Kuklinski & Cobo, 2020). Assim, as organizações precisam integrar momentos presenciais e atividades online, buscando um equilíbrio entre interações síncronas e assíncronas (Silveira, 2020).

Na fase 4, denominada Ensino Híbrido, espera-se que todos os processos de aprendizagem que não agreguem valor à experiência presencial sejam progressivamente convertidos em atividades de ensino a distância, otimizando recursos, ampliando a flexibilidade e potencializando a eficiência pedagógica. Na mesma direção, palestras remotas síncronas com pouca ou nenhuma interação devem ser substituídas por conteúdo assíncrono. Além disso, as experiências presenciais e remotas (síncronas e assíncronas) devem ser parte integrante do mesmo design de experiência de aprendizagem - por sua vez, é mais bem personalizado com o suporte de software adaptativo (UNESCO, 2020). Não está claro até que ponto as soluções remotas são adotadas, mas certamente serão mais intensas e disseminadas do que antes da pandemia de Covid-19.

Figura 2 - Caminho evolutivo entre as quatro fases da transição do Ensino Remoto Emergencial para o Ensino Híbrido



Fonte: Silveira (2021)

Por sua vez, as organizações devem considerar, de forma estratégica, como integrar momentos face a face e atividades remotas, de modo que se alcance um equilíbrio entre momentos síncronos e assíncronos. Além disso, Silveira (2020) acredita que os principais

desafios do ensino a distância e do ensino híbrido são a infraestrutura inexistente ou insuficiente, bem como a falta de habilidades para lidar com a tecnologia na formação educacional. Ademais, destacam-se a falta ou insuficiência de recursos digitais de aprendizagem, a ausência de sistemas adequados de avaliação e feedback e a educação inadequada. Por fim, somam-se ainda o acúmulo de tarefas fora do ambiente educacional e as mudanças nas relações interpessoais.

A situação no período pós-pandemia permanece, evidentemente, incerta; contudo, considerando que o público-alvo é mais maduro em comparação aos níveis escolares anteriores, observa-se uma tendência ao uso de possibilidades mistas na escolha dos mecanismos de oferta do currículo, especialmente no contexto do ensino superior. Nesse sentido, torna-se necessário ampliar a discussão sobre a educação híbrida (SILVEIRA, 2021).

4. MÉTODO

A base metodológica para a elaboração deste estudo fundamenta-se na pesquisa bibliográfica, a qual se caracteriza como um procedimento sistemático de levantamento, análise e interpretação de produções teóricas já publicadas sobre determinado tema. Nesse tipo de investigação, a discussão crítica e a avaliação dos conteúdos são elementos centrais para a construção do conhecimento científico, uma vez que permitem ao pesquisador compreender o estado da arte da temática estudada e delimitar com maior precisão o objeto de pesquisa (GIL, 2008; MARCONI; LAKATOS, 2017). Além disso, uma das características dessa metodologia consiste na realização de leituras exploratórias e analíticas de materiais teóricos antes da definição final do problema de pesquisa, possibilitando maior rigor conceitual e metodológico (SEVERINO, 2016).

A pesquisa bibliográfica, em sua estrutura e finalidade, possibilita ao pesquisador a realização de um trabalho científico alinhado aos objetivos propostos, com critérios bem definidos e metodologia adequada, em consonância com suas necessidades enquanto investigador e enquanto contribuinte da comunidade científica. Esse tipo de pesquisa permite o aprofundamento teórico, a comparação de diferentes abordagens e a construção de um referencial sólido para a análise do fenômeno estudado (BOCCATO, 2006, p. 272; GIL, 2008).

O método bibliográfico tem início com a investigação preliminar do tema e, após a delimitação do objeto de estudo, o pesquisador passa a fundamentar suas análises em autores

que já se dedicaram à mesma temática. Considerando que o conhecimento científico se encontra, tradicionalmente, registrado em livros, artigos e documentos, a pesquisa bibliográfica constitui-se como base orientadora para diferentes tipos de investigação, permitindo a sistematização teórica e a construção do referencial conceitual do estudo (GIL, 2008; SEVERINO, 2016).

> Dessa forma, cabe ao pesquisador estabelecer uma estratégia de pesquisa bibliográfica que tanto facilite a identificação dos principais trabalhos em meio a uma quantidade grande de possibilidades que permeiam a produção científica mundial, como garanta a capacidade de estabelecer as fronteiras do conhecimento advindo dos achados científicos. Para tanto, o uso de uma metodologia de avaliação por meio de um estudo bibliométrico pode ajudar a equacionar esses dilemas. (TREINTA; FILHO; SANT'ANNA; RABELO, 2014, p.508).

Uma das vantagens de escolher a pesquisa bibliográfica é que o pesquisador pode fazer estruturas com as informações coletadas e pesquisar em todas as plataformas. Desse modo, as regras são claras e ele entende o funcionamento do projeto. Esse tipo de metodologia auxilia o pesquisador a responder as questões que ele tem em mente durante o trabalho, pois permite que o tema seja compreendido de uma forma ampla. Com a grande quantidade de informações disponíveis na internet, o pesquisador também precisa entender as regras e leis que defendem os direitos autorais e de uso de imagem.

> [...] pode-se considerar a metodologia como uma forma de discurso que apresenta o método escolhido como lente para o encaminhamento da pesquisa. O primeiro passo se caracteriza pela escolha de determinada narrativa teórica que veiculará a concepção de mundo e de homem responsável pela forma como o pesquisador irá apreender as condições de interação possíveis entre o homem e a realidade. Significa que existem diferentes modos de entender a realidade, como também há diferentes posições metodológicas que explicitam a construção do objeto de estudo, a postura e a dinâmica que envolvem a pesquisa, dando visibilidade aos movimentos empreendidos pelo pesquisador nessa direção (LIMA; MIOTO, 2007, p.39).

Conforme Lima e Mioto (2007), os estudiosos que decidem pela pesquisa bibliográfica precisam ter muita atenção, supervisão epistemológica e compreensão do caminho e da metodologia do programa.

> No entanto, a flexibilidade na obtenção dos dados não torna a pesquisa bibliográfica mais fácil. Ao contrário, requer mais trabalho do pesquisador, pois exige disciplina e atenção tanto no percurso metodológico definido quanto no cronograma de estudos proposto para que a síntese integradora das soluções não seja prejudicada. É um movimento incansável de apreensão dos objetivos, de observância das etapas, de leitura, de questionamentos e de interlocução crítica com o material bibliográfico que permite, por sua vez, um leque de possibilidades na apreensão das múltiplas questões que envolvem o objeto de estudo (LIMA, MIOTO, 2007, 44).

Segundo Lima e Mioto (2007), essa metodologia permite que revisões constantes sejam feitas, trazendo um sentido de proximidade entre pesquisados e pesquisa, aprimorando e definindo melhor toda a estrutura e os seus processos metodológicos.

> O método dialético implica sempre em uma revisão e em uma reflexão crítica e totalizante porque submete à análise toda interpretação pré-existente sobre o objeto de estudo. Traz como necessidade a revisão crítica dos conceitos já existentes a fim de que sejam incorporados ou superados criticamente pelo pesquisador. Trata-se de chegar à essência das relações, dos processos e das estruturas, envolvendo na análise também as representações ideológicas, ou teóricas construídas sobre o objeto em questão (LIMA; MIOTO, 2007, p.40).

De acordo com Lima e Mioto (2007), a pesquisa bibliográfica é essencial para a construção do conhecimento científico, em especial por trazer hipóteses e novas interpretações sobre os diferentes temas que os estudiosos optem por estudar, até mesmo aqueles que não são tão explorados. Dessa maneira, possibilitando pesquisas futuras. Segundo Lima e Mioto (2007) todas as etapas da pesquisa bibliográfica são essenciais para que a análise seja eficiente:

> É importante considerar que o pesquisador pode estabelecer quantos campos forem necessários para que o instrumento permita o exame detalhado das obras pesquisadas. Desse modo, pode ser elaborado um roteiro com mais de três campos de investigação, como também com vários outros subcampos. Essa construção, porém, terá de estar atenta ao objeto de estudo e aos objetivos a serem alcançados pela pesquisa. Cabe destacar ainda que o roteiro deve ser construído sempre em observância àquilo que pedem os objetivos definidos para o estudo, o que requer do pesquisador muita clareza quanto a eles, sendo que ao empreender reformulações deve necessariamente rever os campos que compõem o roteiro. Por fim, a análise e interpretação dos dados consistem na síntese integradora que apresenta a reflexão, realizada a partir do referencial teórico e dos dados obtidos no intuito de realizar uma aproximação crítica dos objetivos propostos (LIMA; MIOTO, 2007, p. 42).

A pesquisa só faz sentido, e tem mais chances de ser eficaz através da utilização de um método. Afinal, como Lakatos e Marconi (2003) afirmam, não há ciência sem o uso de métodos científicos. Desse modo, “pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos” (GIL, 2002, p. 1).

4.1 Sequência Didática

Nesse contexto, Raupp e Beurem (2006, p. 30) definem: “o método é o ordenamento que se deve auferir aos diferentes processos necessários para alcançar determinado fim estabelecido ou um objetivo esperado”. O método escolhido para a elaboração deste estudo é a pesquisa bibliográfica, que consiste na discussão ativa e na avaliação para a construção da pesquisa. Outra grande marca deste tipo de metodologia diz respeito ao estudo de textos, artigos, materiais teóricos que se relacionam ao tema escolhido, em que o pesquisador precisa ler e se aprofundar, antes de delimitar o seu objeto de pesquisa. Tendo como escolha a revisão bibliográfica, este estudo também é qualificado como exploratório e qualitativo fundamentado em livros e artigos científicos. Gil (2007) explica o objetivo das pesquisas exploratórias:

> Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições (GIL, 2007, online).

Pesquisa bibliográfica é a investigação ou revisão de trabalhos publicados com base em teorias que orientam o trabalho científico, que requer a dedicação, pesquisa e análise de pesquisadores engajados no trabalho científico e visa coletar e analisar textos publicados para fundamentar o trabalho.

Nesse sentido, Zabala (1998) define sequência didática como um conjunto de tarefas estruturadas, sistemáticas e definidas para atingir objetivos educacionais específicos, iniciais e finais conhecidos por professores e alunos. Isso requer planejamento prévio e planejamento mental, para que o aprendizado de determinado conteúdo seja finalmente alcançado. A atividade de sequenciamento didático levanta a especificidade de um conjunto de atividades de ensino integradas, destinadas a ensinar o conteúdo passo a passo. A organização das atividades, por sua vez, visa proporcionar aos alunos o acesso a práticas simuladas de linguagem, ou seja, ajudá-los a aprender a ler bem alguns tipos de textos que preenchem nossas vidas em sociedade, os preparam para saber como usar a linguagem em diferentes contextos sociais e lhes fornecem ferramentas práticas para melhorar suas habilidades de leitura e escrita.

Nesse contexto, no âmbito dos estudos pedagógicos e do aprimoramento da didática, destaca-se a contribuição de José Carlos Libâneo, referência na área, ao enfatizar a importância de considerar os aspectos externos à escola, relacionados à vida e à realidade sociocultural do aluno. Para o autor, a compreensão da visão de mundo do educando é

fundamental para que o processo educativo possa ser construído de forma significativa e contextualizada (LIBÂNEO, 1994; 2013). Além disso, no que se refere ao ambiente e aos aspectos externos à instituição escolar, é relevante mencionar o estudo de Xavier e Fernandes (2008), que desenvolvem uma reflexão sobre a utilização de ambientes não formais como estratégia para potencializar a aprendizagem de jovens. Segundo os autores, esses espaços ampliam as possibilidades educativas ao integrar experiências do cotidiano aos conteúdos escolares (XAVIER; FERNANDES, 2008).

Dessa forma, a promoção de atividades fora da escola, como a realização de oficinas, projetos comunitários e mutirões nas redondezas da instituição, constitui-se como uma prática pedagógica coerente com essa perspectiva, especialmente considerando que, em muitos contextos, o corpo discente é majoritariamente formado por moradores da própria região. Tais ações favorecem a articulação entre escola e comunidade, contribuindo para uma formação mais crítica, participativa e socialmente comprometida (LIBÂNEO, 2013; XAVIER; FERNANDES, 2008).

Para Libâneo, é fundamental compreender o contexto social de cada indivíduo, suas relações com o processo de ensino, seus traços de personalidade e a forma como seu meio sociocultural influencia a aprendizagem. O autor defende que o professor deve utilizar essas informações como uma ferramenta analítica para refletir sobre sua prática pedagógica, avaliando o que realiza em sala de aula e em ambientes informais de aprendizagem (LIBÂNEO, 1994; 2013). Nesse sentido, o conhecimento teórico e a didática tornam-se elementos indissociáveis do processo educativo, pois a compreensão adequada dos conteúdos depende da articulação entre esses dois tipos de saberes. Para que isso ocorra de maneira efetiva, é necessário que o docente adote processos metodológicos coerentes com a realidade dos alunos, respeitando seus ritmos, experiências prévias e necessidades formativas. Assim, a prática pedagógica passa a ser intencional, contextualizada e orientada para a construção significativa do conhecimento (LIBÂNEO, 2013).

Dessa forma, à luz da perspectiva de Libâneo, a organização de sequências didáticas estruturadas constitui uma estratégia pedagógica coerente com a proposta de uma educação contextualizada, reflexiva e centrada no aluno. Ao planejar etapas progressivas, com objetivos claros, momentos de acolhimento, diagnóstico, desenvolvimento e avaliação, o professor consegue articular teoria e prática, promover a participação ativa dos estudantes e adequar os conteúdos às demandas reais do contexto profissional e social dos educandos.

Nessa perspectiva, apresenta-se a seguir um exemplo de sequência didática aplicada em uma instituição de pós-graduação, a qual ilustra como a metodologia pode ser organizada de modo sistemático, favorecendo a aprendizagem significativa, a autonomia discente e o desenvolvimento de competências colaborativas exigidas pelo mercado contemporâneo.

Como exemplo, pode-se utilizar a sequência didática semelhante àquela aplicada na instituição em que ministro aulas de pós-graduação.

Contexto:

Aluno ingressante em um curso de pós-graduação com carga horária total de 256 horas.

Ingresso do aluno na pós-graduação:

Passo 1 – Avaliação curricular e entrevista com o coordenador da área:

O aluno, que nesse momento é candidato, envia seu currículo à central de matrículas para análise do coordenador do curso, que realiza também uma entrevista. Após a aprovação, o candidato é incorporado ao quadro de alunos.

Passo 2 – Criação dos acessos do aluno:

A equipe da central de matrículas cria o login do aluno para acesso à plataforma LMS. Em seguida, ele é enturmado e recebe, por e-mail, o calendário acadêmico. Todas as aulas também passam a constar em sua agenda virtual.

Sequência didática para a aula online

Dia 1 – Primeiro dia de aula

1. O professor inicia a sala virtual 15 minutos antes para recepção dos alunos.
2. No horário agendado, realiza a abertura com uma seção de boas-vindas e apresentação pessoal.
3. Cada aluno se apresenta brevemente.
4. O professor apresenta a programação acadêmica da disciplina.
5. A grade curricular é composta por quatro blocos semestrais.
6. Cada bloco contém 16 encontros de 4 horas, denominados módulos.
7. Os alunos validam seus acessos ao LMS e a plataformas parceiras, se necessário.
8. Início da aula de 4 horas, com pausa de 30 minutos.
9. Em cada tema, o professor realiza demonstrações práticas ou promove discussões aplicadas à realidade.
10. Chamada e validação da presença dos alunos.

Dia 2 ao Dia 7 – Continuidade da sequência didática

1. Abertura da sala virtual 15 minutos antes.
2. Breve retomada do conteúdo anterior.
3. Espaço de 30 minutos para esclarecimento de dúvidas.
4. Apresentação de novos temas.
5. Ao final de cada módulo, o professor solicita feedback dos alunos.
6. Chamada ao final da aula.

Dia 8 – Avaliação

1. Abertura da sala virtual 15 minutos antes.
2. Retomada dos conteúdos anteriores.
3. Apresentação de um caso prático semelhante ao da realidade profissional.
4. Divisão da turma em grupos de até cinco alunos.
5. Avaliação com duração de 3 horas, contendo:
    a. Desenvolvimento de uma solução técnica;
    b. Apresentação da tecnologia implementada;
    c. Justificativa das decisões adotadas;
    d. Documentação de todas as etapas;
    e. Entrega do material no LMS.
6. Encerramento com chamada.
7. Lançamento das notas e devolutiva avaliativa no LMS.

Objetivo da avaliação:

O objetivo dessa avaliação é desenvolver a cooperatividade e o trabalho em equipe, competências essenciais para um mercado que demanda profissionais de tecnologia colaborativos, críticos e capazes de resolver problemas reais de forma integrada.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A praticidade da educação a distância facilitou o acesso à escola para milhões de pessoas, e esses cursos foram ministrados inicialmente por meio de livros impressos distribuídos por cartas. Com o advento das tecnologias da informação, o rádio, a televisão e mais recentemente a Internet e outros meios de comunicação foram acrescentados e, devido à dificuldade de acesso, posso explorar a educação em locais onde nunca sonhei com especialização.

Surge da necessidade de receber educação e se preparar para pessoas que de alguma forma não conseguem se mudar para outra cidade ou mesmo porque não têm tempo de ir para um local com educação formal em sala de aula. Além de aprender a matéria do curso ministrado, os indivíduos também irão dominar novas tecnologias e habilidades que irão diversificar seu aprendizado. Essa é uma forma de aplicar metodologia para aproximar os alunos do mundo globalizado.

Utilização de recursos técnicos, como computadores, Internet, plataformas, etc. Permite que os alunos se aproximem de outros alunos e dos próprios professores ou tutores. Nesses espaços, eles fazem perguntas, conversam, enviam materiais e aprendem como os demais alunos. Hoje, a formação profissional tem promovido a valorização da carreira de cada trabalhador e passou a ser uma exigência do mercado de trabalho. Como uma nova opção na escolha de cursos para aprimorar suas qualificações profissionais. A educação a distância (EAD) encontra falta de oportunidades para diminuir a distância de um conhecimento que por algum motivo deixou de ser disseminado, seja pela longa distância ou pela correria do tempo, também coincide com trabalho, escola e residência. Muitas pessoas escolhem esse tipo de educação.

Outro motivo do aumento da demanda por esses cursos é a falta de profissionais qualificados no mercado de trabalho, o que leva as empresas a investirem em seus profissionais em cursos corporativos onde a empresa possa acompanhar de perto o desenvolvimento. A educação conduz o desenvolvimento profissional dos alunos e concretiza a exploração de novos objetivos por meio do crescimento conquistado nos cursos de qualificação.

Leroy (1993) divide o conhecimento existente na sociedade em três formas diferentes: oral, escrita e digital. Embora essas formas tenham se originado em épocas diferentes, elas coexistem e todas existem na sociedade atual. No entanto, eles nos levam a diferentes cognições, múltiplas racionalidades e diferentes comportamentos de aprendizagem.

Pois com a restauração do crescimento econômico e a consolidação da democracia, fomos recentemente conquistados pela sociedade. Vivemos em um mundo globalizado e interdependente, mas somos dominados por uma lógica anormal para favorecer o destino do país e até mesmo dos indivíduos de uma forma descontraída forma. competição.

A educação a distância começou no século XIX. Não foi usado como meio de aprendizado até as últimas décadas deste século. Em 1833, um anúncio publicado na Suécia já mencionava o ensino por correspondência (carta), em 1840 na Inglaterra. Issac Pitmaan contribuiu para seu progresso na escrita de cartões de comunicação entre alunos. Depois foi a

vez dos correios, rádio, televisão e avanço tecnológico trocarem cartas, e tínhamos um grande número de opções de ensino a distância.

Em nosso país, o ensino a distância teve início na década de 1930, por meio de monitoria de faculdades para oferecer diversos cursos profissionalizantes, por meio de troca por correspondência. Isso é possível pela impressão em massa, permitindo que mais e mais pessoas sejam educadas. Em 1960, foi criada a educação para a radiodifusão, e seus programas eram voltados para a área educacional, cobrindo um grande território. Esse era um dos meios de ensino a distância na época. Logo depois, na década de 1970, foi a vez da televisão veicular cursos profissionalizantes e cursos de educação básica para oferecer cursos de educação básica para quem não tinha chance de ingressar nas instituições de ensino para se profissionalizar, é o caso dos programas de TV. Empresa de radiodifusão, rede Globo. (Ribas, 2010). Segundo Niskier (2000, p. 49), ele disse:

> A EAD tornou-se a modalidade fundamental de aprendizagem e ensino, no mundo inteiro. Antes cercada de mistério, hoje é até mesmo reivindicada por sindicatos poderosos, no Brasil, onde o seu prestígio cresce de forma bastante visível. Parte-se de um conceito extremamente simples: alunos e professores separados por uma certa distância e, as vezes pelo tempo. A modalidade modifica aquela velha idéia de que, para existir ensino, seria sempre necessário contar com a figura do professor em sala e de um grupo de estudantes.

Em nosso país, o termo educação a distância era desconhecido, muitas pessoas não acreditavam nessa filosofia de ensino, mas com o tempo, esse método de ensino foi sendo reconhecido. Dentre eles, os alunos escolhem seu próprio tempo de aprendizagem, o que mudou o problema de que apenas professores e alunos têm aprendizagem ou ensino em sala de aula, ou seja, educação formal. No início, as escolas regulares padronizaram o ensino por não respeitarem a escolha de cada aluno.

Com EaD, isso mudou esse ponto de vista e tem um novo paradigma de alta eficiência, que apresenta várias novas possibilidades para ferramentas síncronas e assíncronas. Ele precisa acreditar firmemente que todo aluno é possível estudar em seu próprio tempo, mas obedecendo às regras de entrega de lição de casa e educação formal.

O ensino a distância é baseado na interação entre professores e alunos, o que determina o caminho para esse processo de ensino e conhecimento. Por meio desses ambientes virtuais de ensino baseados principalmente na prática construtivista. Além disso, para concretizar esses princípios a partir da produção coletiva, o professor deve saber utilizar as ferramentas fornecidas por esses ambientes para estimular e motivar os alunos para a prática das atividades. Portanto, os modelos utilizados no ensino tradicional e presencial não devem ser simplesmente transferidos para o ambiente virtual.

O tutor a distância é a pessoa que auxilia professores e alunos e tem como função construir os materiais que precisam ser aprendidos nos cursos presenciais e virtuais. Por outro lado, um tutor presencial é uma pessoa que auxilia em reuniões presenciais, organiza a frequência dos alunos em uma plataforma apropriada e ajuda a resolver quaisquer problemas que os alunos encontrem durante o processo de aprendizagem. curso.

Portanto, o design meticuloso dos materiais didáticos é extremamente importante, pois somente tal método de ensino pode ter um impacto significativo nos alunos e se tornar um dos principais fatores que afetam a motivação dos alunos para a aprendizagem. Ao planejar as disciplinas para a EAD, explore os recursos disponibilizados pelo ambiente virtual de aprendizagem, como a possibilidade de inserção de áudio e imagens, principalmente o uso de ferramentas de chat e fórum.

De acordo com o depoimento, podemos relatar que se trata de uma nova forma de alcançar a mesma qualidade de ensino superior dos outros cursos. Os alunos podem escolher seu próprio horário de estudos, o que é diferente de outros cursos que têm tempo para estudar.

Segundo Otto Peters (1973) citado por Nunes em 1992. Ead é um método de compartilhamento de conhecimento por meio de novas habilidades e atitudes compatíveis com os princípios organizacionais e divisão de trabalho. O uso generalizado dos meios de comunicação permite instruir muitos alunos ao mesmo tempo.

As escolas presenciais são polifônicas. O som se espalha no ambiente, dando sentido ao espaço educacional. A escola fechada ainda exala uma linguagem que percorre seu entorno. A escola virtual é exibida na tela do computador, e a escola virtual se mostra por meio de sua imagem. A escola virtual é o símbolo da nova era da tecnologia no campo da educação.

Um lugar para compartilhar o fluxo de informações e informações para disseminar o conhecimento. O ambiente virtual de aprendizagem é construído com base no incentivo a atividades colaborativas. Neste ambiente, os alunos não se sentirão sós, isolados, basta falar como uma máquina ou um tutor, e é também virtual. Aprender independente dos professores significa que os alunos são encorajados a construir seu próprio conhecimento com base em sua prática e reflexão existentes, e se tornarem participantes e autores de sua aprendizagem.

Nesta nova formação, um facto fundamental do seu desenvolvimento é que a linguagem escrita é, sem dúvida, a mais importante no domínio da comunicação entre os professores. Os materiais servirão de suporte escrito, o que é essencial para comprovar o nível de compreensão sobre a exposição em sala de aula ou espaços virtuais. Tema de. Na maioria das vezes, o lugar onde os alunos interagem com outros alunos é este espaço.

Caso seja um espaço onde os alunos podem aprender, compartilhar seus conhecimentos com outras pessoas e tirar dúvidas com tutores remotos que se reúnem em data e horário agendados, ou seja, combinam com alunos como chats e fóruns com prazo de resposta planejado. E são usados como requisitos para itens de fechamento a serem adicionados à nota final.

Com base nas premissas feitas neste trabalho, podemos concluir que há uma diferença inegável entre o ensino presencial tradicional e o ensino a distância. Uma das principais diferenças entre os dois modelos é o tipo de aluno e seus interesses. Portanto, na EAD, os professores não devem usar os mesmos moldes usados no ensino tradicional. No ensino tradicional, alunos e professores têm contato físico.

Para os cursos à distância, em ambiente virtual de ensino / aprendizagem, a fim de se antecipar às possíveis dúvidas dos alunos, professores e tutores também as criam da forma mais atrativa e dinâmica possível, pois o livro didático constitui a principal ferramenta de interesse do aluno. Permaneça o mesmo durante todo o processo de aprendizagem.

5.1 Resultado da Pesquisa de Campo

As salas de aula são tradicionalmente consideradas ambientes formais de ensino; por conseguinte, os espaços situados fora delas são classificados como ambientes não formais. A sala de aula configura-se como um ambiente estruturado para o ensino por meio da prática pedagógica, sustentado pela autonomia docente. Entretanto, esse espaço formal não deve ser compreendido como universal ou exclusivo para os processos educativos. Conforme destacam autores da área, os ambientes informais tendem a reduzir a pressão psicológica sobre o aluno e a minimizar a sensação de aprisionamento, promovendo um clima mais leve e, consequentemente, um aprendizado mais fluido e descomplicado (XAVIER; FERNANDES, 2008).

Nesse sentido, ao utilizar ambientes não formais ou virtuais para fins educacionais, o professor deve atentar-se a fatores que podem interferir na aprendizagem, tais como distrações externas, ruídos comunicacionais e dispersão da atenção discente. Ademais, é fundamental que o docente ou mediador interaja ativamente com os alunos, estimulando sua participação,

uma vez que a interatividade constitui um dos principais caminhos para manter o engajamento. Aulas dialógicas, que favoreçam a expressão de opiniões e a problematização de temas, contribuem para que o estudante se sinta seguro e motivado a participar do processo de construção do conhecimento (LIBÂNEO, 2013).

Nesse contexto, é importante destacar que o período pandêmico vivenciado mundialmente, ao longo de pelo menos dois anos, alterou profundamente a dinâmica das instituições de ensino, tanto públicas quanto privadas. Como resultado, houve uma migração forçada para o ensino remoto, mediado por ferramentas digitais capazes de viabilizar a continuidade do processo educativo por meio de plataformas tecnológicas.

À luz desse cenário, uma tecnologia educacional como o computador, associada a redes interativas, favorece novas formas de acesso à informação e à comunicação, além de ampliar significativamente as fontes de pesquisa em sala de aula. Por meio desses recursos, professores e alunos podem expandir o domínio do conteúdo disciplinar, explorar softwares educativos, produzir materiais próprios e compartilhá-los em ambientes virtuais, potencializando a aprendizagem colaborativa (FERNANDES, 2004).

Foi nesse ambiente de transformação que se desenvolveu a presente pesquisa de campo. À época, eu atuava como coordenador e professor de pós-graduação no Instituto Infnet e conduzi um estudo com o objetivo de identificar estratégias para a continuidade das aulas durante o período pandêmico, sem comprometer o rendimento acadêmico dos alunos nem a qualidade das práticas didáticas adotadas pelos docentes.

Inicialmente, realizei reuniões com todos os professores, com o corpo acadêmico e com a reitoria da instituição, nas quais apresentei a proposta de migração para aulas online síncronas (ao vivo), utilizando os recursos tecnológicos já disponíveis. Paralelamente, sugeri a digitalização integral do conteúdo acadêmico de cada disciplina e sua disponibilização na plataforma Moodle, adotada institucionalmente como Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA).

Em seguida, promovi sessões de escuta com os alunos das turmas de pós-graduação sob minha coordenação. Nesses encontros, houve aceite imediato da proposta de transição para a modalidade online, sobretudo pelo fato de que a maioria dos estudantes já se encontrava em regime de trabalho remoto e possuía familiaridade com tecnologias digitais, por se tratar majoritariamente de profissionais da área de tecnologia da informação.

Após a consolidação dessas informações, apresentei os resultados à diretoria e à reitoria da instituição. Como desdobramento, minhas turmas de pós-graduação foram utilizadas como projeto-piloto por algumas semanas. Os dados coletados indicaram resultados positivos, tanto em termos de assiduidade quanto de engajamento e desempenho acadêmico. Em razão disso, a iniciativa foi estendida para todas as turmas da instituição, abrangendo cursos de graduação, pós-graduação e extensão.

Esse resultado empírico corrobora as proposições de Moran (2007), que enfatiza que a tecnologia no ambiente escolar deve, inicialmente, ser utilizada para qualificar práticas já existentes. Em um segundo momento, quando o professor desenvolve formação técnico-pedagógica adequada, a tecnologia pode promover mudanças parciais no processo de ensino-aprendizagem. Finalmente, em um terceiro estágio, a tecnologia passa a viabilizar transformações mais profundas, flexibilizando o planejamento curricular e reconfigurando a própria dinâmica escolar.

Por fim, ressalta-se que a escolha dos objetivos pedagógicos e dos métodos de ensino constitui uma estratégia didática essencial, integrante do plano de ensino de qualquer profissional da educação. Assim, os resultados desta pesquisa de campo indicam que o método adotado se mostrou funcional e eficaz, na medida em que integrou ferramentas tecnológicas ao processo de ensino-aprendizagem, sem prejuízo da qualidade pedagógica, promovendo, ao contrário, maior acessibilidade, continuidade educacional e inovação didática.

5.2 Recursos tecnológicos e o EAD

Nos últimos anos, o aumento do uso de tecnologia em ambientes de ensino tem sido óbvio. Uma das formas mais óbvias desse tipo de interação com a tecnologia educacional é a modalidade online e a educação a distância (EaD) no ensino híbrido. Maia e Mattar (2007) apontam que o crescimento do mercado de educação a distância (EaD) foi 'explosivo' no Brasil e no mundo. Os dados podem ser vistos em todos os lugares: o número de instituições que oferecem determinados cursos à distância está crescendo exponencialmente, o número de cursos e disciplinas oferecidos, o número de alunos matriculados, o número de professores que desenvolvem conteúdos e passam a lecionar cursos à distância, o número de atendimentos empresas provedoras, e seu investimento no mercado, artigos e publicações sobre educação a distância, o crescimento das tecnologias disponíveis, etc (VILAÇA, 2010).

De acordo com o autor, essa realidade tem levado cada vez mais professores a participarem de atividades e projetos relacionados à educação a distância, seja como parte de sua formação, seja em sua formação profissional, seja ela voluntária, por necessidades específicas, ou ainda por marketing e atualização de cursos. A adoção da EaD deve ser acompanhada de formação teórica e prática e reflexão.

De maneira geral, é necessário compreender as características, possibilidades, potencialidades e limitações das diferentes formas de ensino, incluindo educação a distância, tecnologia e recursos disponíveis. No entanto, também é possível que alguns professores e alunos tenham confusão ou mal-entendidos sobre o que é educação a distância, o conceito de distância e a terminologia utilizada (VILAÇA, 2010).

A compreensão a distância é afetada pela compreensão a distância (GOUVÊA e OLIVEIRA, 2006; TORI, 2010). A distância deve ser entendida basicamente como a

separação espacial (geográfica / local) entre os participantes do processo educacional, sejam eles alunos ou professores. Nos cursos de videoconferência, é comum que os alunos fiquem juntos, mas em um local diferente do professor. Por outro lado, quando a aprendizagem é realizada pela Internet, é comum que alunos e professores acessem cursos, materiais e recursos didáticos em diferentes locais e horários. Esses dois exemplos ilustram as diferentes possibilidades de alienação entre alunos e professores. Portanto, a incompreensão das possíveis formas de educação a distância muitas vezes leva a críticas e até preconceito contra a educação a distância (VILAÇA, 2010).

Nesse sentido, o autor faz duas considerações. Em primeiro lugar, distância - ou separação espacial - não significa necessariamente divergência de tempo (ordem cronológica). Portanto, alunos e professores podem participar simultaneamente das mesmas atividades para fins de ensino em diferentes locais, por exemplo, atividades que utilizam o chat como meio.

Em segundo lugar, como apontam Valente e Mattar (2007), a distância física entre os participantes não significa distância humana. O autor prossegue salientando que o EaD pode manipular o espaço e o tempo para promover a educação. Tori (2010) apontou que a educação a distância pode realmente eliminar a distância, especialmente se considerarmos o potencial da Internet. O autor discute o uso de tecnologia interativa para reduzir a distância entre as situações de ensino e aprendizagem.

Nos últimos anos, a EaD tem se tornado o foco de muitas pesquisas e tem produzido grande repercussão na mídia, sendo cada vez mais adotada por escolas, universidades, professores, etc. A popularidade e popularidade da educação a distância parecem estar diretamente relacionadas à popularização, desenvolvimento e expansão da Internet e das novas tecnologias (MAIA e MATTAR, 2007).

Esse fato leva as pessoas a interpretarem mal a educação a distância como uma novidade. Tori (2010) destacou que a educação a distância (EAD) não é tão recente quanto muitos pensam. O uso de novas tecnologias neste modelo é a razão de trazer inovação e novos recursos para EAD (VILAÇA, 2010).

Na verdade, de acordo com os autores, esse método de ensino tem uma longa história e é difícil definir seus marcos ou momentos de fundação. A literatura apresenta diferentes situações e pode ser considerada a experiência inicial da educação a distância. Maia e Mattar (2007) apontam que, nas ideias de alguns autores, as cartas de Platão e as cartas de São Paulo foram as primeiras experiências de educação a distância. Porém, a invenção da imprensa escrita é mais considerada como o desenvolvimento tecnológico que contribuiu para o

surgimento da EaD. Os pesquisadores acreditam que desde a década de 1720, há registros de cursos de taquigrafia à distância oferecidos por meio de anúncios em jornais.

No entanto, a EaD apareceu efetivamente em meados do século XIX devido ao desenvolvimento dos meios de transporte e comunicação (como trens e correio), principalmente por meio do ensino por correspondência. (MAIA e MATTAR, 2007). De maneira geral, o autor associa o surgimento da EaD ao uso da tecnologia de impressão (principalmente jornais). Portanto, os jornais se tornarão uma das primeiras ferramentas de educação a distância (MAIA e MATTAR, 2007).

Conforme Vilaça (2010), embora atualmente existem níveis surpreendentes de EaD por meio da Internet, é importante lembrar que existem outras formas de EaD em uso, incluindo o ensino por correspondência e por meio de programas de TV e rádio. No Brasil, essas tecnologias mais recentes podem ser consideradas as primeiras iniciativas formais de educação a distância. A tabela a seguir traz alguns destaques da história da educação a distância no Brasil no século XX:

Tabela 1 – Alguns destaques da EaD no Brasil no século XX

Quadro 1 - Alguns destaques da EaD no Brasil no século XX	
Década de 20	Criação da Radio Sociedade do Rio de Janeiro por Roquette Pinto (MAIA e MATTAR, 2007; CARLINI e TÁRCIA, 2010)
1939	Instituto Monitor (MAIA e MATTAR, 2007; CARLINI e TÁRCIA, 2010)
1941	Instituto Universal Brasileiro (MAIA e MATTAR, 2007; CARLINI e TÁRCIA, 2010)
1947	Universidade do Ar – fundada por SENAC e SESC e emissoras associadas (MAIA e MATTAR, 2007);
1970	Projeto Minerva (MAIA e MATTAR, 2007);
1977	Telecurso – da Fundação Roberto Marinho (MAIA e MATTAR, 2007)

Fonte: Vilaça (2010)

Alves (2009) apontou na discussão sobre a história da educação a distância no Brasil que os registros históricos mostram que o Brasil é um dos maiores países no desenvolvimento da educação a distância no mundo, principalmente até a década de 1970. Outros países progrediram, o Brasil estagnou e as classificações internacionais diminuíram. No final do milênio, a ação positiva aconteceu novamente, e vimos um novo crescimento e entramos em uma nova fase de prosperidade e desenvolvimento. A trajetória da educação a distância é dividida em diferentes estágios ou gerações por alguns pesquisadores (por exemplo, MAIA e MATTAR, 2007; MOORE e KEARSLEY, 2008).

Esses departamentos geralmente consideram principalmente o tipo de tecnologia usada. Análises e recomendações de várias gerações mostram diferenças entre os autores, mas a educação por correspondência tem sido tradicionalmente classificada como a primeira geração da educação a distância (MAIA e MATTAR, 2007; MOORE e KEARSLEY, 2008). Vejamos a proposta de Maia e Mattar (2007) na Tabela 2 abaixo.

Tabela 2 – Gerações de EaD de acordo com Maia e Mattar (2007)

Quadro 2 – Gerações de EaD de acordo com Maia e Mattar (2007)

Geração	Forma	Recursos instrucionais e tecnológicos básicos
Primeira	Ensino por Correspondência	Materiais impressos, livros, apostilas
Segunda	Novas mídias e universidades	Rádio, Vídeo, TV, Fitas cassetes
Terceira	EaD on-line	Internet, MP3, ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), vídeos, animações, ambientes 3D, redes sociais, fóruns,

Fonte: Vilaça (2010)

Para Maia e Mattar (2007), vivemos hoje na terceira geração: educação a distância online, na divisão preconizada por Moore e Kearsley (2008), como a atual. O momento reflete a quinta geração: sala de aula virtual baseada em computadores e na Internet. As gerações EaD de Moore e Kearsley podem ser resumidas na Tabela 3 abaixo:

Tabela 3 – Gerações de EaD de acordo com Moore e Kearley (2008, p.26)

Quadro 3 – Gerações de EaD de acordo com Moore e Kearsley (2008, p. 26)

Geração	Forma	Recursos instrucionais e tecnológicos básicos
Primeira	Ensino por Correspondência	Materiais impressos, livros, apostilas
Segunda	Transmissão por rádio e televisão	Rádio, Vídeo, TV, Fitas cassetes
Terceira	Universidades abertas	materiais impressos, TV, Rádio, telefone, fitas cassete
Quarta	Teleconferência	Teleconferência interativa com áudio e vídeo
Quinta	Internet/web	Internet, MP3, ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), vídeos, animações, ambientes 3D, redes sociais, fóruns ...

Fonte: Vilaça (2010)

Valente e Mattar (2007) destacam que recentemente, a EaD passou a utilizar mais intensamente as tecnologias de telecomunicações e transmissão de dados, som e imagem cada vez mais integradas aos computadores. É claro que a educação deve buscar o uso da internet, para expandir o papel e o desempenho de alunos e professores.

Frequentemente, professores podem ser encontrados para apresentar ou defender a EaD e estabelecer um antagonismo entre a EaD e o ensino tradicional. No entanto, esse tipo de "objeção" mostra imprecisão conceitual na prática, podendo produzir efeitos contrários às expectativas, levando a um mal-entendido sobre o que é EaD e o que significa "tradição". As discussões até o momento permitiram compreender a quão próxima a educação a distância está da tecnologia, principalmente as novas tecnologias de informação e comunicação (BARROS, 2009, KENSKI, 2010).

A educação com a ajuda da tecnologia da informação e comunicação requer forte apoio e companheirismo da trajetória de crescimento dos alunos como pré-requisito. Diante do contexto atual, Maia e Silva (2020) explicaram seus esforços em inserir ferramentas que auxiliem e promovam a educação em um ambiente virtual, que ajuda a inserir novas formas de interação social e novos modelos de aprendizagem (OLIVEIRA et. al, 2020).

Segundo os autores, o AVA proporciona interação entre alunos, professores e mentores por meio de atividades ou recursos. Silva e Figueiredo (2012) afirmam que esse tipo de recurso também pode ser denominado sala virtual, o que tem grande potencial, pois promove o diálogo entre os sujeitos educacionais (alunos, professores, tutores), e fornece recursos como videoaulas e exercícios, além de bate-papo, fórum, etc.

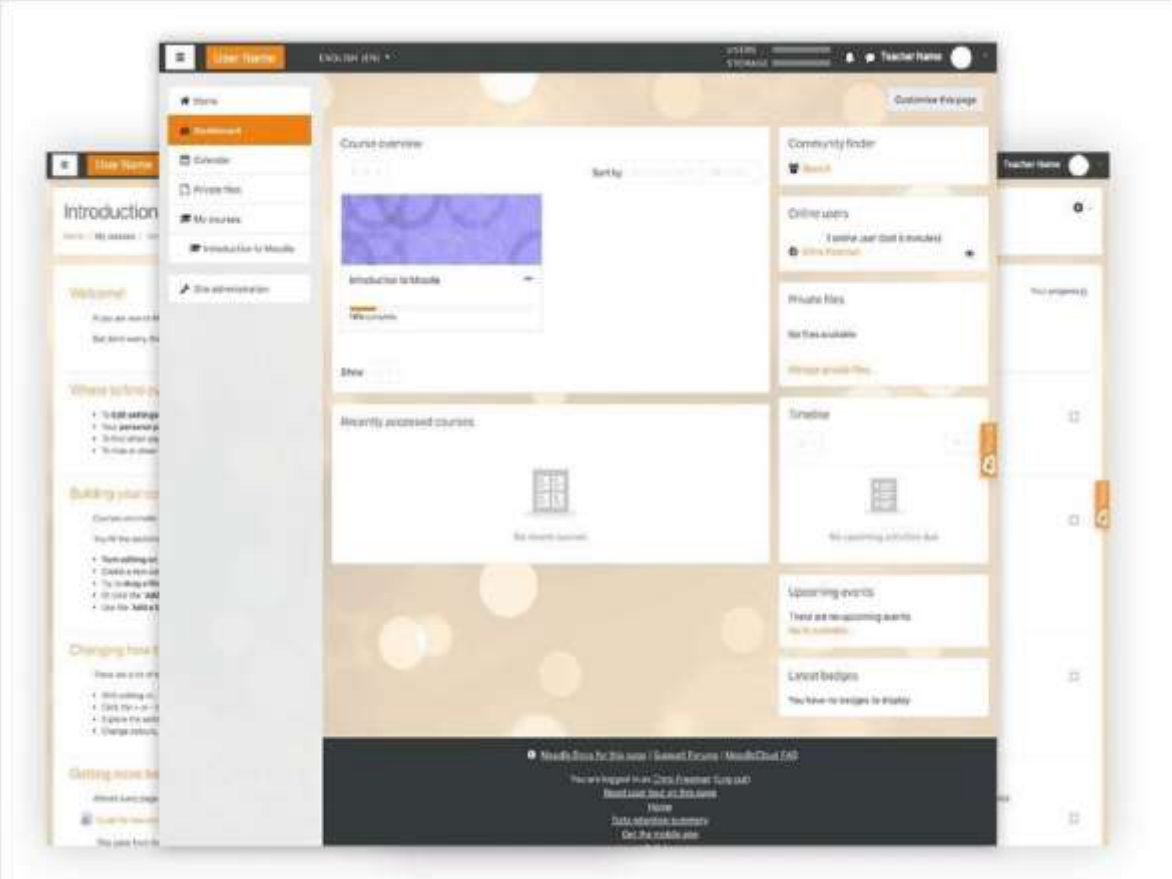
Figura 3 - Ambiente AVA



Fonte: VAT (2021)

Um dos ambientes virtuais de aprendizagem mais comumente usados é o ambiente modular de aprendizagem dinâmico orientado a objetos (Moodle). Maia e Silva (2020), ao discutirem a prática pedagógica do AVA, também reiteraram as vantagens da utilização do Moodle como tecnologia no processo de ensino e aprendizagem. A adoção do Moodle, principalmente em instituições de ensino superior, porque traz a possibilidade de otimização, integração de módulos e formalização de processos, bem como a possibilidade de gestão.

Figura 4 - Ambiente Moodle



Fonte: Moodle (2021)

De acordo com Oliveira et al. (2020), o Moodle é um sistema de gestão de aprendizagem desenvolvido para proporcionar a acadêmicos e professores uma maior dinâmica de ensino dentro e fora da sala de aula. A plataforma é usada como um elemento de suporte para cursos presenciais ou online dedicados. O Moodle também é utilizado como um sistema de gerenciamento de atividades educacionais, com o objetivo de criar uma comunidade de aprendizagem online.

Na plataforma, usando ferramentas da web 2.0, professores, alunos e tutores podem compartilhar materiais didáticos, como apresentações em sala de aula; trabalhos dos alunos; exercícios e listas de apostilas, criar fóruns e chats para discutir vários temas e acessar sistemas de informação e bibliotecas digitais. Oliveira et al. (2020) enfatiza que podemos escolher o Animar para criar e editar vídeos. É um software de criação de vídeos animados contendo cenas, personagens, discursos e objetos, muito adequado para mostrar situações, problemas e possíveis soluções do cotidiano.

Tem um plano pago, mas também oferece uma versão gratuita que pode criar cenários para contextualizar a finalidade do curso, adicionar música ou narração e ainda ajudar a customizar o curso ou a videoaula. Outro método que pode ser usado para criar vídeos

animados para atualizar os cursos é o PowerPoint. Embora esta ferramenta não tenha uma função específica para a criação de vídeos animados, é possível criar vídeos de altíssima qualidade a partir das guias de animação e transição de acordo com a ordem das aulas.

O PowerPoint também é útil quando combinado com outras ferramentas (como o software de gravação de tela Lomé), que permite gravar áudio e vídeo da webcam do seu computador. Além disso, existe uma ferramenta de desenho PowerPoint, onde você pode escrever texto, sublinhar, sublinhar e apagar, para que a tela do computador se transforme em um quadro branco digital e interativo. Após a gravação da aula, é possível fazer pequenas edições no site do Loom, como alfaiataria, aceleração e pequena customização, baixar para o computador ou compartilhar por meio de links, de forma a tornar a aula mais interativa e interessante (OLIVEIRA et al., 2020).

Segundo os autores, a edição de vídeo é uma etapa básica para cursos em vídeo gravado. Embora existam vários editores de vídeo, o InShoot é uma opção simples com diferentes funções no caso específico dos editores de smartphones, como: recorte, efeitos de iluminação, adição de sons (do próprio aplicativo ou do seu dispositivo), narração, filtros de adesivos animados, etc. Já para edição de vídeo em computadores e o Windows MovieMaker é uma boa escolha e, dependendo do sistema operacional usado, o software pode já estar instalado no computador.

O Windows MovieMaker é uma ferramenta de edição de vídeo muito intuitiva que pode reduzir o tempo de edição. Você pode adicionar texto, transições, música, narração, mas em comparação com o InShoot, os usuários têm menos funções. Por exemplo, facilitam muito a capacidade das pessoas de se encontrarem e interagirem em conferências e cursos à distância, conforme evidenciado pelo fato. Neste momento, apresentamos Google MeetGuide, Zoom Cloud Meetings, Teamlink e Skype como possibilidades poderosas para uso em um ambiente educacional pandêmico (OLIVEIRA et al., 2020).

Conforme os autores, o Google Meet é um serviço gratuito de videoconferência que pode acomodar até 250 pessoas ao mesmo tempo, portanto, além de compartilhar materiais por meio de chat, a própria plataforma também pode interagir com várias pessoas. Embora tenha capacidade para 250 pessoas, só permite que 16 pessoas apareçam no painel ao mesmo tempo.

Figura 5 - Ambiente Google Meet



Fonte: Techtudo (2021)

Já o Zoom Cloud Meetings é um aplicativo da startup americana Zoom Video Communications, que serve para realizar e /ou participar de videoconferências, além de computadores, pode ser acessado por meio de dispositivos móveis com sistema operacional Android ou iOS. O aplicativo permite que você convide participantes por e-mail, SMS e redes sociais, e compartilhe arquivos, textos e apresentações durante a chamada. Com a pandemia de coronavírus, a popularidade do aplicativo aumentou, principalmente devido às suas funções diversas e principalmente gratuitas (OLIVEIRA et al., 2020).

Figura 6 - Ambiente Zoom



Fonte: Meio e Mensagem (2020)

De acordo com Oliveira et al. (2020), o Teamlink é a terceira opção para videoconferência e pode suportar até trezentas pessoas para se conectar ao mesmo tempo. Esta ferramenta permite que qualquer pessoa trabalhe com equipes e parceiros de qualquer lugar do mundo, a qualquer hora, em qualquer lugar. Por outro lado, o Skype - uma ferramenta que apareceu em 2003 e se tornou propriedade da Microsoft em 2011 - tem uma série de recursos gratuitos, como chamadas de vídeo e voz com outro usuário do Skype, compartilhamento de arquivos como vídeos e documentos e tela compartilhe e converse.

Já o Skype, de acordo com Oliveira et al. (2020) é uma das primeiras ferramentas a usar sistemas de videoconferência, podendo ser usado tanto em computadores quanto em telefones celulares. A semelhança das ferramentas acima em termos de interface e função é óbvia, podendo a escolha entre as opções ser o número de pessoas na sala e o suporte de acesso.

Figura 7 - Ambiente Skype



Fonte: TechTudo (2018)

No entanto, os autores admitem que o Google Meet é o mais proeminente, porque permite mais pessoas em uma sala, e pode ser acessado diretamente na web sem download. Por sua vez, a versão mobile ocupa menos espaço de armazenamento no dispositivo e é enfatizada em termos de segurança do usuário (OLIVEIRA et al., 2020).

Conforme os autores, os avanços da tecnologia interromperam a forma de comunicação, levando a uma mudança nos conhecidos hábitos culturais digitais. Nos últimos anos, a aplicação das redes sociais na educação a distância tem se tornado cada vez mais ampla. O aplicativo WhatsApp Messenger foi lançado em 2009 e tem sido usado como fórum e espaço de bate-papo, além de recursos semelhantes do Moodle.

Blauth, Dias e Schererb (2019) apontam que o WhatsApp é um aplicativo de comunicação que muitas pessoas usam no dia a dia. Para EaD, é um recurso para reuniões síncronas e assíncronas, além de chat. Devido à pandemia, o WhatsApp tem sido utilizado por diversas instituições de ensino como uma ferramenta para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem, pois a interação e comunicação entre professores e alunos tornou-se simples e rápida. Além disso, ao contrário de outras aplicações, é amplamente utilizado por pessoas de diferentes níveis sociais e culturais (OLIVEIRA et al., 2020).

Para Mattar (2014), é uma ferramenta de comunicação rápida e promissora que pode ser utilizada como plataforma de apoio educacional, pois permite o envio de textos, imagens, sons, vídeos, criação de grupos, etc. Além do WhatsApp, Facebook, Instagram, Twitter, TikTok e YouTube também possibilitaram reuniões virtuais, mas há uma diferença entre

Facebook, Instagram, YouTube e TikTok, que é criar lives por meio da interação em tempo real.

Por sua vez, o TikTok precisa de pelo menos mil fãs para realizar a live. O YouTube também tem essa restrição, mas só se aplica à transmissão ao vivo por meio de dispositivos móveis. Se o usuário transmitir por computador, ele não estará sujeito a essa restrição (OLIVEIRA et al., 2020).

Moran (2015) alerta que essas ferramentas estão relacionadas à interação e comunicação por possibilitarem uma linguagem mais familiar e maior espontaneidade entre os participantes. Portanto, algumas instituições de ensino, incluindo aquelas sem seu próprio AVA ou outras ferramentas, podem escolher as redes sociais para enviar planos de aula, vídeoaulas, lembretes de reuniões, etc.

Blogs e chats se enquadram na categoria de ferramentas de aprendizagem colaborativa porque promovem o "feed" de conteúdo existente ou a construção colaborativa de novo conteúdo. Os blogs em particular permitem comentários e compartilhamento. Além de tornar a customização da interface mais atraente, como um host para o conteúdo do blog, também existem algumas plataformas, como Wix e Blogger. O Wix fornece acesso a uma biblioteca de imagens livres de direitos autorais e as compartilha diretamente nas redes sociais (OLIVEIRA et al., 2020).

O Blogger tem uma interface mais simples. A diferença está na lista de leitura, onde você pode acessar outros blogs hospedados em seu servidor. Esses blogs cobrem tópicos relacionados ao mundo do leitor, incluindo resenhas de livros, dicas para ler, ideias para presentes, entre outros. O chat é outro exemplo de ferramenta interativa e de comunicação. Nunes et al. (2018) definem o chat como uma das ferramentas com maior probabilidade de interagir entre si, pois pode trocar mensagens de texto e anexar imagens rapidamente. Para utilizar esta ferramenta, contamos com o BrasilChat, onde você pode criar salas, encontrar amigos e enviar mídia. Para tanto, é necessário se cadastrar brevemente e concordar com a política de chat, que enfatiza que você deve manter um comportamento baseado nos padrões globais de etiqueta on-line (OLIVEIRA et al., 2020).

Maia e Silva (2020) aprenderam que algumas práticas de ensino tendem a priorizar o conceito de ensino unilateral", portanto, sejam quais forem as ferramentas utilizadas, a tecnologia por si só não garante a interatividade. Atendendo à particularidade de cada pessoa, a reflexão do autor é coerente. Portanto, para todas essas ferramentas aqui apresentadas, é importante considerar os temas educacionais e a interação e diálogo que eles devem manter para ter sucesso no processo de ensino.

5.3 Outros recursos

O podcast é um poderoso aliado no ambiente educacional, fornecendo arquivos de áudio gravando diversos temas, e sua principal característica é a natureza dinâmica do compartilhamento de informações. Os arquivos de áudio são compartilhados na Internet por meio de uma plataforma "host" (como o SoundCloud), permitindo aos usuários criarem listas de reprodução, fazer upload de arquivos e compartilhar. Dessa forma, os podcasts podem ser usados por alunos cegos ou com baixa visão (OLIVEIRA et al., 2020).

Oliveira et al. (2020) apontam que outra estratégia inclusiva no âmbito das ferramentas de apoio educacional é o VLibras. O programa é um conjunto de ferramentas de computação de código aberto que podem traduzir conteúdo digital (texto, áudio e vídeo) para a Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS, para que surdos possam utilizar computadores, telefones celulares e plataformas de Internet. Em segundo plano, o HandTalk é um aplicativo que converte áudio em animação. Com a mascote Hugo, você pode repetir e alterar a velocidade da animação. HandTalk também permite a tradução de documentos digitais, páginas da web e fornece materiais de aprendizagem de idiomas, como cursos em vídeo e ebooks.

Figura 8 - Ambiente VLibras



Fonte: Brasil (2021)

Esses assistentes têm promessas e performance semelhantes, mas ao usá-lo você pode ver que o VLibras tem mais recursos na web. O Hand Talk em smartphones é mais interativo porque tem materiais de aprendizagem complementares e aplicativos diários, tem uma função de dicionário e carrega sinais de execução em disciplinas como história, matemática e geografia. Acredita-se que a utilização de recursos de TIC no atual ambiente de educação a distância ou presencial pode acelerar a velocidade e a quantidade de informações obtidas pelos indivíduos, o que muitas vezes contribui para o desenvolvimento da educação e o surgimento de novas linguagens e sintaxes. Além de proporcionar aos alunos um processo de ensino e aprendizagem de integração livre e responsável (OLIVEIRA et al., 2020).

Obviamente, as TIC no ambiente educacional são uma ferramenta para apoiar educadores e alunos na construção de novos conhecimentos, bem como uma ferramenta para apoiar iniciativas anteriores (como o envio de cartas, recursos de rádio e televisão). Com todas essas evoluções, as TIC têm demonstrado novos métodos de ensino e aprendizagem por meio de telas, sempre levando em consideração o papel do professor na mediação desse processo. Diante da atual situação de pandemia, que reflete o novo coronavírus, o ensino a distância se faz necessário para o cumprimento das medidas de saúde, e as salas de aula agora não têm mais paredes, mas telas. Para tanto, é preciso se reformular por meio de conteúdos mais interativos e de novas formas organizacionais de avaliação, controle, ensino e aprendizagem (OLIVEIRA et al., 2020).

Neste contexto, a utilização de ferramentas técnicas pode não só criar novos significados na interação entre professores, alunos e tutores, mas também promover essa interação no ensino e no desenvolvimento das competências dos alunos. Essas ferramentas também estimulam a autonomia dos alunos, pois, em alguns casos, as aulas podem ser realizadas a qualquer hora e em qualquer lugar. Por outro lado, os alunos devem ser mais responsáveis ao lidar com os distúrbios e saber como administrar seu tempo de estudo (OLIVEIRA et al., 2020).

No entanto, é preciso esclarecer que as diversas ferramentas de interação / comunicação do sistema educacional não podem garantir a equidade da educação em países como o Brasil, pois ao comparar as classes sociais A, B e C, o acesso à Internet é desigual, conforme revelado pela pesquisa realizada pela organização sem fins lucrativos, Todos pela Educação em 2020.

5.4 Ambiente virtual de aprendizagem

Um ambiente de aprendizagem virtual (AVA) é um sistema ou software que reúne conteúdo, exercícios e ferramentas em cursos online em uma comunidade virtual. Entre eles, alunos e professores podem acessar a estrutura do curso, como cursos, módulos e avaliações, além de acompanhar o desempenho das atividades e acessar o conteúdo de qualquer lugar. O VLE é uma plataforma que pode conduzir cursos online de forma síncrona e assíncrona, e promover a comunicação entre alunos e professores geograficamente distantes. Não é um substituto dos cursos presenciais, mas um complemento do processo de ensino, que pode melhorar a interação entre os agentes escolares e facilitar a individualização da aprendizagem.

Em um ambiente virtual, relatórios de desempenho gerados por dados em tempo real podem acompanhar o desenvolvimento individual e coletivo dos alunos em cada disciplina. Essas informações nos permitem identificar problemas recorrentes e trabalhar de forma direcionada para garantir um ensino mais eficaz. O surgimento do AVA decorre da necessidade de se criar um sistema digital otimizado para auxiliar na modalidade a distância e ensino misto.

Se o ensino é feito separadamente no início da educação a distância, então o espaço coletivo pode ser criado através da Internet e a criação de comunidades virtuais pode ser promovida. Portanto, o ambiente virtual surge como uma opção para mediar o processo de

ensino online, fornecendo ferramentas técnicas para troca de informações e comunicação entre alunos e professores.

O AVA permite que os alunos tenham autonomia na própria aprendizagem. Ele escolhe o melhor horário para a atividade e, no caso de cursos assíncronos, ele decide o que assistir. Controle o período de atividades para que os alunos sejam responsáveis por seus objetivos e se tornem os protagonistas da jornada. No ambiente virtual de aprendizagem, os alunos podem assistir às aulas à vontade.

Os alunos podem acessar as videoaulas para ver o conteúdo quando necessário. Da mesma forma, os exercícios também estão disponíveis para revisão. O sistema coleta informações sobre o progresso interdisciplinar de cada aluno e fornece uma visão geral do desempenho nas classes e séries. Os professores e a direção da escola podem usar esses dados para entender a situação real da escola, que são vantagens, que exigem mais atenção, e podem até propor mudanças curriculares antes do final do trimestre.

O acesso aos dados de desempenho permite que as escolas desenvolvam estratégias para melhorar a aprendizagem de cada aluno. Você pode determinar em tempo real quais disciplinas são mais difíceis para os alunos e quais disciplinas são mais bem-sucedidas, e construir um ensino personalizado a partir disso.

Ao contrário das redes sociais, o AVA permite controle de acesso e proteção de conteúdo por meio de contas exclusivas para alunos e professores.

Desta forma, o ambiente de aprendizagem torna-se mais seguro e livre de intrusões externas. Os professores podem controlar o tempo em que os alunos realizam as tarefas e entender a origem do tráfego. A maior fonte de tráfego online ocorre em dispositivos móveis, por isso é importante que o ambiente virtual de aprendizagem também possa se adaptar a diferentes plataformas.

A capacidade de acessar o conteúdo por meio de telefones celulares, computadores ou tablets permite que os alunos controlem melhor e escolham livremente onde e quando estudar. Quando usado em uma sala de aula presencial, o AVA também pode ser um suporte para a educação tradicional.

Ao trabalhar com um modelo de ensino misto, as ferramentas online podem fazer parte do dia a dia da escola. O conteúdo do curso pode ser ministrado de forma virtual, trazer inovação à prática pedagógica, complementar as atividades por meio de exercícios e fazer uso do ensino personalizado.

Para uma gestão de aprendizagem eficaz, deve haver algumas ferramentas básicas na estrutura do AVA:

- A base do conteúdo do curso: O ambiente virtual deve oferecer suporte a conteúdo em diferentes formatos, como arquivos PDF e PowerPoint, ferramentas de texto e glossários.
- Comunicação e interação: Um dos principais elementos do AVA é a comunicação, portanto a plataforma deve ter espaços como fóruns, chats, grupos e caixas de mensagens para interação entre alunos e professores.
- Arquivos de alunos: Os alunos podem ter um espaço personalizável no qual podem se cadastrar para obter informações pessoais, ter sua agenda de eventos, acessar suas notas e desempenho na disciplina, e um canal direto de comunicação com professores e coordenadores.
- Suporte de avaliação: Para avaliar em um ambiente de aprendizagem virtual, a plataforma deve fornecer uma combinação de opções para correção automática de questionários, espaço para perguntas dissertativas e suporte para upload de arquivos.
- Gestão do curso: Os gestores escolares podem usar o AVA para acessar relatórios de desempenho individuais e coletivos, e é possível desenvolver estratégias que podem fortalecer o ensino institucional.
- A plataforma também deve fornecer gerenciamento de conteúdo do curso e alternativas personalizadas.

Para adotar um ambiente virtual de aprendizagem, conheça as ferramentas disponíveis e verifique sua adequação ao seu ambiente escolar. A escolha de um AVA para sua escola deve levar em consideração os programas de ensino da instituição, a compatibilidade entre os sistemas utilizados e as condições de acesso dos alunos. Embora o futuro da sala de aula esteja intimamente relacionado ao mundo digital, a essência da educação é se conectar com o mundo de forma coletivo.

5.5 Tutoria em EAD

A popularidade da educação a distância (EAD) tem promovido uma série de mudanças na dinâmica do ensino. A tarefa dos educadores é reformular a forma de ensinar e disseminar

os conteúdos. O aluno, embora tenha muitas vantagens (flexibilidade, possibilidade de aprender a qualquer hora, em qualquer lugar, etc.), precisa manter a participação no curso, tarefa dos tutores a distância.

Os tutores de EAD são profissionais responsáveis por transmitir o conteúdo dos cursos online de forma atrativa e proporcionar aos alunos a qualidade que eles merecem para facilitar o processo de aprendizagem. Além disso, atuam também como mediadores pedagógicos e intérpretes, acompanhando sempre os alunos para esclarecer suas dúvidas. Também são responsáveis por motivar e participar, pois estão diretamente envolvidos no processo de aprendizagem de cada aluno, identificando suas dificuldades e resolvendo com precisão esses problemas.

Dessa forma, ao ministrarem aulas de reforço à distância, buscam estabelecer um relacionamento permanente com cada aluno específico e atender a todos da melhor forma possível. Agora, você pode querer saber a diferença entre um tutor e um professor, não é? Bem, pode-se dizer que os instrutores são professores, mas também devem:

I Ter um alto nível de escolaridade;

II Ter pelo menos um ano de experiência docente no ensino básico ou superior, ou;

III Estão cursando / concluíram curso de pós-graduação.

Além disso, para serem considerados mentores, eles precisam ter fluência em recursos técnicos para facilitar a aprendizagem dos alunos em ambiente virtual - e até mesmo ajudar os alunos com dificuldades.

Esses profissionais fornecem tutoria remota, portanto, devem sempre ser capazes de melhorar as habilidades dos alunos e mostrar-lhes a melhor maneira de seguir ao longo do processo de aprendizagem.

Para tanto, é necessário enfatizar que eles não só precisam saber utilizar as novas tecnologias existentes na educação a distância, mas também explicitar diferentes formas de disseminação do conhecimento, a fim de aumentar o interesse, a motivação e a participação dos alunos.

Outro papel importante dos tutores de ensino à distância é garantir que os alunos tenham um ambiente de aprendizagem estimulante. Afinal, com todas as inovações promovidas pela educação a distância, é preciso garantir que os cursos sejam enfrentados de

forma dinâmica, e que os alunos não sigam tudo de forma automática, sem solucionar suas dúvidas ou participar do conteúdo.

Além disso, o tutor deve ser capaz de estimular a participação dos alunos nos debates realizados no fórum, bem como na interação e cooperação entre os participantes de cada curso. Desta forma, promove-se o conceito de aprendizagem colaborativa, em que os alunos podem contar não só com a ajuda de tutores a distância, mas também uns com os outros para construir conhecimento em conjunto. O ensino a distância passou por muitas mudanças, exigindo que os professores continuem se atualizando. Isso porque a educação a distância parece um mundo repleto de possibilidades, mostrando-se aberta a novos conceitos e estratégias de ensino.

Mas o que isso tem a ver com a importância do mentor? A resposta é simples: tudo. A EAD torna o aluno cada vez mais independente, isso é um fato. No entanto, é responsabilidade do educador garantir que a aprendizagem seja realizada da melhor forma possível e garantir a interação entre o curso e o aluno.

Portanto, em geral, os tutores de ensino a distância são muito importantes porque:

IV Eles auxiliam nas consultas individuais e em grupo de maneiras diferentes para ouvir tudo o que os alunos têm a dizer;

V Preste atenção à importância do processo educacional centrado no aluno;

VI Forneça feedback aos membros da classe;

VII Despertar a autonomia dos alunos;

VIII Cultive a capacidade de resolução de problemas dos alunos;

IX Pode promover a inovação;

X Os principais procedimentos adotados pelo currículo líder;

XI Apresentar um conceito de aprendizagem muito claro;

XII Incentivar a cooperação entre indivíduos ou grupos com interesses comuns;

XIII Promover a construção do conhecimento;

XIV Adapte-se ao ritmo determinado por cada aluno dentro de seus parâmetros;

XV Crie empatia com os alunos.

Obviamente, devido à variedade de processos envolvidos, o trabalho do tutor frequentemente assumirá o trabalho do professor. Isso significa que, normalmente, sua principal atividade é responder às perguntas que surgem após a introdução da aula. Portanto,

se houver, um tutor pode acompanhar vários cursos ao mesmo tempo. Para os alunos, além das orientações e conteúdos dados pelo professor, esse tipo de apoio é muito benéfico.

O ensino à distância não será um desafio para nenhum aluno. Esta situação pode afetar o desempenho da sala de aula e prejudicar o desempenho do aluno e da instituição. Felizmente, quando a figura do tutor entrou, os obstáculos no processo de ensino foram removidos. Isso porque, embora possam atuar como professores, os profissionais também se esforçam para garantir que os alunos possam aproveitar todos os aspectos do modelo de ensino a distância.

Para tanto, costuma desenvolver um conjunto de ações educativas para aprimorar as competências e habilidades básicas dos alunos. Esse cuidado na preparação dos cursos permite que eles ganhem autonomia e tomem as melhores decisões.

Os tutores de ensino a distância também receberam treinamento e podem utilizar uma metodologia de ensino para orientar os alunos a realizarem as atividades de acordo com suas próprias circunstâncias. Portanto, é necessário criar um ambiente amigável e rico que conduza ao aprendizado online.

Na plataforma virtual, o profissional deve ser aquele que facilita a interação entre os alunos para que possam discutir questões e explorar os materiais ministrados em aula. Durante o debate, o instrutor costumava fazer perguntas para estimular o pensamento crítico dos participantes. Essa forte participação na atividade incentiva o interesse e a vontade dos alunos de examinar o conteúdo em profundidade.

Lidar com a falta de ajuda é uma preocupação comum para quem não entende a dinâmica da educação a distância. No entanto, se o curso oferece excelentes tutores, é quase impossível ficar sem suporte durante o processo de aprendizagem.

Nesta modalidade, dependendo da plataforma virtual adotada pela instituição, as dúvidas dos alunos podem ser enviadas via chat ou outros sistemas de mensagens. Depois de iniciar a pergunta, o instrutor pode visitar e responder à pergunta. A partir dos problemas mais comuns, os profissionais podem entender áreas de melhoria e até propor soluções para tornar o processo de ensino mais eficiente. Você também pode determinar as vantagens e descobrir se o desempenho atingiu o nível necessário.

Com o desenvolvimento dos cursos à distância, o sistema de ensino passou por diversas mudanças. Nesse sentido, os tutores de EAD devem participar diretamente desse processo, orientando as pessoas a se familiarizarem com as novidades e usufruir de seus benefícios. Eles mediam a conexão entre alunos e professores para garantir que o assunto seja totalmente compreendido. Este trabalho requer uma compreensão da tecnologia utilizada,

abordagem cuidadosa dos métodos orientados para o aluno e interesse em bons resultados.

O perfil do mentor representa um novo tipo de educador, pois costuma estar aberto às novidades e sempre acompanhar as tendências do mercado. Isso o torna pronto para ajustar as recomendações do curso online de acordo com as necessidades dos alunos.

Portanto, quem conta com a tutoria está mais disposto a entender e a ficar satisfeito com as oportunidades de aprendizagem. Conforme mencionado anteriormente, o instrutor deve ser capaz de usar todas as ferramentas técnicas utilizadas no curso. Dominar as principais ferramentas e recursos de comunicação (como listas de mala direta, e-mails e salas de bate-papo) permitirá que você explique aos alunos como tudo isso funciona. Isso significa que, ao se deparar com dúvidas relacionadas aos itens disponíveis no ambiente virtual de aprendizagem, o aluno pode buscar a orientação adequada de um tutor.

Portanto, você não terá nenhum obstáculo nas aulas e nos exercícios sugeridos. Como você pode ver, os tutores a distância são muito importantes para os alunos da EAD no ensino. Portanto, são fundamentais para o sucesso do curso e até mesmo das instituições que contam com esses profissionais. Sendo assim, antes de pensar na possibilidade de fazer um curso a distância, é interessante que os alunos escolham uma universidade que ofereça tutoria. É claro que esta é uma diferença que deve ser considerada no processo de tomada de decisão.

5.6 Competências profissionais EAD

Com o tempo, um conjunto de recursos materiais e intelectuais usados pelo sistema de aprendizagem sofrerá modificações e atualizações. Portanto, os meios utilizados no processo de educação eventualmente continuarão a evoluir. Por exemplo, um professor do final do século 19 lidou com uma base epistemológica adaptada ao contexto da época.

Nas décadas seguintes, devido às mudanças socioeconômicas e ao aprofundamento da teoria do conhecimento, esses pilares tornaram-se mais complexos, refletindo o surgimento de métodos de ensino mais abrangentes. No entanto, em comparação com o cenário inédito estabelecido nos últimos anos, não há mudança.

Neste caso, a Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) implementou um paradigma de ensino disruptivo no qual a relação entre o ambiente, as ferramentas e os indivíduos mudaram. Essas transformações em grande escala e irrestritas afetarão a atribuição dos envolvidos no processo de ensino, impondo e explorando o desenvolvimento de novas capacidades cognitivas, comportamentais e técnicas.

Em 2013, o livro “Competência em Educação a Distância” publicado pela Editora Pensa deu uma introdução detalhada a este tema. Em mídia digital. O debate sobre o papel dos professores, mentores, alunos e administradores neste método de ensino hiper conectado começou e, claro, a aprendizagem.

Por exemplo, conhecimento não é entendido apenas como informação ou conteúdo fornecido aos alunos. Ao considerar a ideia de inteligência coletiva criada pelo filósofo francês Pierre Lévy, este livro adiciona interações em espaços virtuais aos elementos que formam a estrutura. “O conhecimento é construído em um espaço virtual por meio da comunicação entre sujeito e objeto, por meio de ferramentas e conteúdos digitais, e da interação formada na Internet”, escreveu o autor.

Outro fator importante é a diferença entre habilidades e habilidades. Habilidades referem-se à destreza adquirida com a prática do conhecimento (seja intelectual ou físico) em um ambiente estabelecido e reconhecido. A definição de EAD deriva do conceito de psicologia introduzido pela teoria epistemológica do cientista suíço Jean Piaget também é formada pela interação com o meio ambiente.

A diferença nessa descrição é a comunicação entre os participantes e o ambiente virtual de aprendizagem (AVA), que é o local onde ocorre o ensino a distância. Portanto, os indivíduos envolvidos no processo recebem os quatro aspectos listados por Piaget - chamados de temas cognitivos, emocionais, sociais e biológicos - além de características técnicas (temas técnicos). Cada uma dessas funções é responsável por uma instância em que a habilidade deve ser desenvolvida.

O primeiro envolve o controle e uso de recursos técnicos de EAD, como AVA e outras ferramentas virtuais. Por outro lado, o âmbito cultural precisa compreender o ambiente em que os atores estão inseridos. No modelo ubíquo e sem fronteiras de EaD, esse fator é particularmente importante na entrega do conteúdo e na forma de tutoria, e a origem dos alunos e as condições diversificadas devem ser consideradas. Quando os alunos buscam cursos e aprendizados desenvolvidos em diferentes regiões ou países, a direção oposta também é verdadeira.

As habilidades relacionadas ao domínio cognitivo referem-se à capacidade de aprender, coordenar ações e organizar conteúdo. Por fim, a área de gestão requer competências administrativas e acadêmicas, seja na formulação de planos de ensino ou na operação de instituições, devem ser consideradas as características do modelo de educação a distância.

O resultado é que o aprendizado se dilui em uma ilha. O mercado é tão competitivo que os diplomas geralmente não são mais diferenciados. Da mesma forma, o domínio de um segundo idioma não é mais um pré-requisito. É preciso ir mais longe.

Nesse sentido, os profissionais precisam fornecer não apenas conteúdos técnicos, mas também abrir espaço para uma visão mais abrangente do conhecimento. Portanto, o modelo de ensino baseado em habilidades tem atraído cada vez mais atenção. Também conhecido como aprendizado por competência, esse método vem avançando porque, ao contrário do ensino tradicional de disciplinas, conecta todas as áreas do conhecimento.

Como diferença, tende a focar: o método não enfatiza a teoria, mas combina conhecimento, motivação, valores, recursos, atitudes e habilidades para realizar ações mais eficazes. Além de promover o fim da dicotomia entre conceito e prática, a principal vantagem desse método é que fecha disciplinas não relacionadas.

5.7 Legitimação e democratização do EAD

Uma compreensão crítica da interação entre a educação e a sociedade exige que estejamos dispostos a aceitar os fatores desconhecidos da educação a distância e a própria ameaça contida no discurso de sua legitimidade, que geralmente é impulsionado por estatutos. Barros (2014) sugere analisar o discurso atual sobre a legalização da educação a distância pela Internet. Reconhece que a sociedade do conhecimento é uma nova utopia da modernidade e espera coexistir com a democracia na EaD, a partir do desenvolvimento de novas tecnologias telemáticas.

Para Barros (2014), dada a expansão dos cursos online em meu país, esse fenômeno é muitas vezes descrito como um processo de democratização da educação. No entanto, a democratização não só aumenta as chances de obtenção de vagas de emprego, mas também envolve os direitos morais e o processo de democratização como valor socioeducativo.

Portanto, Barros (2014) investigou os elementos práticos que sustentam essa afirmação, verificando que a democratização pode ser entendida no contexto de seu significado histórico e social, o que, a partir de documentos oficiais brasileiros, não levará automaticamente ao acesso à própria EaD como um processo de democratização. Isso porque, com a democratização da educação a distância e o surgimento das categorias capital e trabalho, a educação tornou-se uma mercadoria de troca muito valiosa e um negócio, pois essa rede tecnologicamente assimétrica está se expandindo a cada dia.

Segundo Barros (2014), o EaD pode ser entendido a partir de duas dimensões: como promessa de uma sociedade mais livre e esclarecida, e expressão de um novo momento do capitalismo, serve como fonte econômica possível de valor prova que é um fenômeno total da existência.

Desse modo, apesar do anúncio da liberação do conhecimento nesta sociedade global, o surgimento da dependência por meio de modelos procedimentais e distanciados limita a reciprocidade do diálogo e leva ao acompanhamento contínuo do sujeito, pela obrigação de aprendizagem contínua, para convergir para o campo das finanças. Por meio da educação a distância, o mercado de trabalho continua aprisionando e alienando o modo de pensar e o comportamento. O desenvolvimento da educação a distância é uma questão política, técnica e pedagógica, porque a questão da possibilidade de uma sociedade do conhecimento é uma questão técnica como uma questão política. Nisso, Barros (2014) acredita que a sociedade do conhecimento é uma questão aberta, e a tendência teórica precisa ser mais aprofundada, incluindo reivindicações opostas, destacando novos problemas, resistências e formando contradições.

À medida que as novas tecnologias de informação e comunicação continuam a se recuperar, que novas relações surgirão? Como serão as relações sociais no futuro próximo? Qual é o impacto das inovações tecnológicas e das novas formas sociais no processo educacional? Até que ponto a consideração de EaD se tornar um novo paradigma educacional se mostrará correta? Porém, em seu discurso final,

Barros (2014) considera a EaD uma forma de democratizar a sociedade, comprovando que a sociedade do conhecimento é uma questão política por meio do trabalho intelectual de ação cultural crítica, livre, justa e solidária, desde que a educação a distância não obedeça à transferência de operação do método passivo de ensino.

Carvalho (2015) visa a educação emancipatória, buscando mostrar a necessidade e dificuldade de transformar a educação a distância em tendências e oportunidades autocríticas e socialmente emancipadas, pois pode contar com o tecnicismo pedagógico alienado dos mecanismos sociais.

Carvalho (2015) pretende contribuir para a educação emancipatória por meio das discussões sobre a educação cívica a distância, em que disciplinas fundamentais são dedicadas à melhoria de vida de todos e do planeta. Ele acrescentou: Este não é um trabalho sobre educação a distância, porque educação a distância não existe. O que realmente existe é a educação, vista de vários ângulos e desenvolvida em certos modos, incluindo a chamada remota.

Portanto, essa transformação envolve uma mudança de olhares em relação à interdependência humana nesse tipo de mobilidade formativa para reconstruir o diálogo, pois mesmo com a tecnologia como intermediária, a EaD não pode ser uma educação que distancia o sujeito, mas uma forma de educação. Sensibilizar, reunir, compreender e divulgar conhecimentos por meio da cultura digital, para que possam se tornar cidadãos do mundo atual ou virtual. Embora em toda a tradição docente os educadores sejam vistos como simples mediadores do processo educativo.

Diante disso, em sua última análise, Carvalho (2015) retomou o desafio inicial da pesquisa e ampliou a questão sobre a diversidade de alvos e fontes de avistamentos, a saber: Libertação / educação cívica é a distância possível? É viável para a educação a distância freiriana? Afinal, para aprovar oficialmente a EaD com ordens freirianas, é preciso primeiro mudar atitudes, incluindo hábitos culturais e os próprios fenômenos educacionais (autocrítica, diferenciação e pensamento interdependente), além de suprimir certas práticas opressivas e simbólicas. A violência reaparece na instituição.

Galasso (2013), a partir de um estudo empírico do contexto universitário, propôs o princípio da interação na educação online, a Colaboração, e um intermediário indispensável para a compreensão teórica e empírica deste método de ensino.

Galasso (2013) acredita que este modelo pode contribuir para um ensino mais significativo ao discutir as técnicas utilizadas e as competências básicas dos professores para mediar a aprendizagem. Assim, este artigo propõe um estudo de caso, extraído de um questionário adequado a alunos do ensino superior, a partir da qual podemos perceber os princípios básicos deste modelo de ensino para o alcance de bons resultados.

Nessas coleções de evidências, principalmente entre elas estão os recursos disponibilizados pelo ambiente virtual do curso, bem como a interação e colaboração entre os alunos e o papel do professor no ambiente (GALASSO, 2013). Os relacionamentos apontam novos significados para a educação online e afetam a configuração da aprendizagem e da educação estabelecida pela experiência interativa.

Essa forma de organização pode criar uma comunidade virtual baseada na teoria da aprendizagem interativa, apoiando os aspectos básicos da educação online, como a existência social e a construção coletiva do conhecimento (GALASSO, 2013). Mesmo nessa perspectiva, a realidade da educação online enfrenta muitas dificuldades, a saber: descontinuidade da legislação, políticas públicas e financiamento; utilização de modelos de ensino inadequados; alto custo de equipamentos e softwares importados complexos; escassez

de materiais portugueses disponíveis na Internet; pouca experiência de fronteira; falta de profissionais experientes para criar e operar a educação on-line.

Relacionando com a legislação, Galasso (2013) lembrou que atualmente é um momento de busca e debate pleno, incluindo tecnologia, política e metodologia, bem como as preocupações formativas da educação online, que envolve o professor, considerando seu comportamento, e sua preparação, disponibilidade e participação dos alunos. A formação contínua dos educadores se dá por meio das habilidades técnicas do curso, da agilidade de resposta em tempo real ou assíncrona, do retorno às tarefas desenvolvidas pelos alunos no fórum e do incentivo aos alunos para participarem de discussões e pesquisas (GALASSO, 2013).

Voltando aos interesses dos alunos, a análise das entrevistas no jornal mostra que quando os resultados das atividades são atrasados, os alunos se sentem inseguros. Galasso (2013) também defendeu a importância da qualidade da relação professor-aluno em um ambiente virtual, pois a interação permite uma abordagem personalizada para identificar diferentes estilos de aprendizagem. A partir de inúmeras atividades e metodologias, nesse processo de (re) construção do conhecimento, a forma de produção e mobilização do conhecimento tem se fortalecido, destacando-se a possibilidade de vivência social construída por meio de cursos experimentais.

De acordo com a entrevista, 95% dos respondentes afirmaram que o ensino online estimulou o desejo de aprender e 88% concordaram que o processo de aprendizagem virtual baseado na mediação professor-aluno e na interação e colaboração aluno entre aluno levou à formação de uma comunidade on-line. Isso nos mostra que a educação online pode atender às necessidades contemporâneas da educação aberta e intercultural. Além de estimular a diversidade de significados e usos dos participantes sociais, também pode atender aos requisitos da educação aberta e intercultural por causa da tecnologia da educação virtual. A fundação pode apoiar a educação para atender aos requisitos modernos de forma adequada e manter a boa qualidade do ensino.

Em um novo contexto, para analisar a educação a distância do curso EAD UAB da UFSCar (2007/2008): as atividades realizadas nas disciplinas de instrumentos e tecnologia e rastrear o perfil dos ingressantes no curso, Perez (2013) analisou os dados empíricos do questionário enviado aos alunos no início do curso, e preencheu o diário de reflexão no ambiente virtual de aprendizagem de todo o curso, contemplando os registros de aprendizagem, opiniões, dificuldades, desafios e lacunas enfrentadas por 26 acadêmicos.

Perez (2013) relaciona alguns dados sobre a empregabilidade de acadêmicos, a maioria dos quais já atuam na área de educação e, por isso, buscam melhores qualificações e melhoria no mercado de trabalho. Em sua análise do papel do educador, os estudiosos enfatizaram uma profissão de amor e dedicação mais do que remuneração e eles acham que mudou o papel, o professor deixou de ser aquele que transmite conhecimento, ele faz a educação ao longo da vida em todos os aspectos que isso significa, porque a sociedade também mudou.

Em relação ao que deveria ser aprendido na formação inicial, eles enfatizaram a importância do conhecimento de conteúdo específico, conhecimento de conteúdo de ensino e conhecimento de ensino geral para desenvolver melhores práticas de ensino em sala de aula (PEREZ, 2013). Em relação à formação ministrada pelas escolas de ensino fundamental, afirmam que conhecimentos relevantes, atividades complementares e motivação dos alunos são essenciais para que o ensino se torne atraente e criativo.

Já quanto às dificuldades enfrentadas pela aprendizagem virtual, Perez (2013) destacou os problemas relacionados à construção do hipertexto, problemas de senha, problemas de conexão e dificuldade de execução de atividades devido ao desconhecimento do ambiente virtual de aprendizagem (AVA). O curso oferece uma boa oportunidade para o grupo de alunos se familiarizar com a tecnologia e a interação, porém, alguns alunos encontram dificuldades na interação com os pares por não terem uma interação contínua com o ambiente (PEREZ, 2013).

Para contornar essas e outras dificuldades relacionadas ao AVA, os alunos mencionaram que utilizam os fóruns para buscar mentores virtuais e presenciais para dúvidas, mensagens ou e-mails, além de estreitar o relacionamento com os colegas, por meio de ligações telefônicas e socializar em outras comunidades ou online (PEREZ, 2013).

Desta forma, inscreve-se no processo de EaD uma experiência formativa que permeia as estruturas sociais governadas unilateralmente, demasiado opacas e com percursos estranhos que estimulam a atenção crítica em nome da adequada unidade intelectual, da expressão do aluno e da autoconfiança para o diálogo.

Com o objetivo de estabelecer um vínculo com a educação a distância por meio da fenomenologia, Pasqualli (2013) estudou e pesquisou com o intuito para comprovar e compreender os professores de cursos à distância. Desse modo, identificou os titulares de graduação em ciências naturais e matemática em EaD entre todos os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia do Brasil.

Entre as questões básicas da investigação, as seguintes questões são particularmente proeminentes: qual é o processo de formação dos professores que atuam nesses cursos (ou o

que é agora) e, portanto, como ocorreu a desejada conversão do magistério nos arquivos de pós-graduação desses cursos? Que tipo de conhecimento docente está sendo mobilizado para esta revolução silenciosa? Isso realmente rompe com o modelo clássico de formação de professores? E isso quer se diferenciar, mas também precisa do processo de treinamento fornecido remotamente?

Pasqualli (2013) revela e condena algumas contradições escritas (teoricamente planejadas) e efetivamente concretizadas na prática da EAD, mostrando as fragilidades da teoria e dos métodos proporcionados pela EAD, a distância e até mesmo a resistência ao que se passa pela frente deles. O autor ressalta que quase não há integração entre as disciplinas pesquisadas, principalmente porque o instrutor acredita que se ocorrer esse tipo de interação, o currículo será melhor.

Parece que existe uma concepção de educação a distância que se baseia na estrutura econômica e nas ordens de decisão (separação de funções e tarefas entre professores / tutores / alunos) na prática docente, que não leva em consideração o diálogo entre esses professores. Diferentes cursos e processos de ensino têm contato direto com os alunos, e a lógica da comunicação autodestrutiva enfraquece a conexão da identificação mútua.

Do ponto de vista da instituição, esses cursos estão em linha com a legislação vigente, porém não agregam elementos que explicam a diversidade produzida pelo modelo de EaD. Na maioria das vezes, são documentos de criação dos mesmos cursos que só são oferecidos em formato presencial. Portanto, a dificuldade do ensino presencial reaparece na EaD devido às dificuldades e arranjos da tecnologia de processamento, à falta de metodologia dos educadores e ao desinteresse dos estudiosos.

Para reverter essa situação, Pasqualli (2013) observou que alguns professores e tutores têm interesse em uma melhor formação para lidar com a complexidade da educação a distância. Porém, há algumas falas, principalmente do instrutor, eles não ficam contentes porque não há mais treinamento, porque se sentem isolados no processo (PASQUALLI, 2013).

Desse modo, Pasqualli (2013) afirma que o saber docente nunca se consolidará, e que são necessárias ações diferenciadas, inclusive questionando lacunas, este artigo defende a formação qualificada de professores em diferentes formações, grupos, tempos e espaços abertos do conhecimento online, como uma nova forma de promover o trabalho profissional;

De acordo com o autor, os professores precisam não apenas da formação acadêmica de Lato e Stricto Sensu, mas também do desenvolvimento do conhecimento de formação profissional, conhecimento da matéria, conhecimento do currículo, conhecimento profissional

e conhecimento da experiência. O saber docente ainda não está pronto e acabado, está em constante mudança e deve ser sempre mobilizado, levando-se em conta a complexidade da situação profissional que envolve o professor.

No mundo aberto da EaD, existem contrastes com diferentes realidades e diferenças no AVA (algumas características permanentes das funções da ferramenta), que são consideradas pouco atrativas pelos alunos. Além disso, existem dificuldades em resolver ambiguidades de comunicação nestes espaços.

Em grande medida, a pesquisa de Miranda (2012) discute a formação de professores e determina a contribuição das políticas de formação para os cursos de ensino virtual. A partir desse cenário, resolve as dificuldades encontradas pelos professores de educação a distância na formação e na prática profissional. Os resultados mostram que o local das atividades do curso é muito diferente, “o primeiro (residente) levanta-se com mais frequência (76%), pois a maioria trabalha em dois turnos (manhã e tarde), e optaram pelo noturno para fazer seus cursos de aprendizagem, materiais e ter mais tempo para as atividades acadêmicas.

Dadas as diversas experiências e ferramentas apresentadas no curso, há mais interação entre os participantes no ambiente virtual. Porém, durante o processo de formação, o desempenho dos instrutores foi severamente criticado, considerando que 31% dos professores e alunos enfatizaram que às vezes resolvem problemas, enquanto 23% costumam resolver problemas, evidenciando a falta de feedback oportuno (Miranda, 2012).

De alguma forma, a aprendizagem em grupo fortalece a conexão entre professores e alunos do curso. Para cumprir os requisitos legais, os alunos do centro de ensino a distância têm os seguintes obstáculos para fazer o exame: cuidar do estudo e do trabalho; fazer muitas provas em apenas uma semana; a distância dos polos, pois tem gente que mora em cidades mais distantes da sede onde são realizados os cursos; estender as provas e métodos a conteúdos que geram insatisfação no momento da avaliação, por fim, a falta de materiais (cartuchos de tinta e papel) para a impressão das provas é comum no atendimento ao primeiro grupo.

De acordo com a avaliação realizada por Miranda (2012), 61% (08) dos professores / alunos acreditam que sua trajetória de desenvolvimento é excelente, e com base nos méritos de atribuição, trajetória e desempenho acadêmico, porque possibilita estabelecer uma nova compreensão da prática docente e da interdependência com os demais alunos para a construção do conhecimento, melhorando assim o processo de ensino da instituição.

No contexto da tese, este percurso educativo em EaD contribui para a melhoria da prática docente de professores / alunos, pois proporciona oportunidades de construção de

novos conhecimentos e utilização de recursos técnicos, o que será uma grande oportunidade de contacto presencial. usar uma abordagem mais interativa para praticar em uma rede de aprendizagem colaborativa virtual (MIRANDA, 2012).

Tudo mostra que a composição de grupos ou círculos culturais que aprendem em EaD cria comunidades de investigação, seja para partilhar dúvidas, seja para fortalecer a agenda colectiva, enfim, permite a construção colaborativa de conhecimentos, o que é óptimo para nós. Parece ser uma efetiva problematização, com foco na mobilização da aquisição contextualizada de benefícios formativos, profissionais e sociais.

No entanto, é importante destacar que a democratização dos cursos à distância tem se desenvolvido de forma desigual na pesquisa e na produção de conhecimento sobre formação de professores, métodos de diálogo e projetos alternativos nessa área. Portanto, parece que a solução mais pertinente é usar a educação a distância como forma de pesquisar e compreender a racionalidade da educação, especialmente em áreas onde não existem universidades.

5.8 Mídias e ferramentas utilizadas no EAD

Se você acompanha o blog EAD Plataforma, sabe que para se tornar um empreendedor em educação a distância é necessário se munir das melhores mídias e ferramentas utilizadas em EAD.

Isso porque o setor cresce exponencialmente no Brasil a cada ano e, por se tratar de uma oportunidade de investimento para empreendedores, significa um aumento significativo da concorrência. Segundo a Abed, entre 2018 e 2019, a oferta de cursos públicos não corporativos no Brasil aumentou para 39% das instituições. Em 2020, com a nova pandemia de coronavírus, esse segmento de mercado ganhou mais expressão. Portanto, dominar as melhores mídias e ferramentas utilizadas em EAD pode ajudar a atrair novos alunos, principalmente aqueles que já utilizam seus produtos digitais.

Televisão: Você fica com medo ao ler nosso primeiro exemplo de mídia e ferramentas usadas em EAD? Bem, você pode se acostumar com isso! Importante aliada da educação semipresencial (lembra quando o Telecurso 2000 era muito popular no país? Era o principal recurso utilizado!), A TV é uma das formas de garantir a inclusão social na educação a distância.

Isso ocorre porque a televisão pode ser usada para transmitir ou gravar programas educacionais por meio de redes abertas ou satélites. Essa é uma forma eficaz de democratizar o conteúdo da educação a distância e levá-lo aos alunos que não têm acesso à Internet.

A TV digital também amplia as possibilidades da educação a distância. Com ele, alunos e professores podem não apenas assistir ao conteúdo, mas também produzir e transmitir informações por meio dos canais educacionais. Além disso, a TV na Internet também pode ser usada como um recurso de transmissão.

Videoconferência (ou sala de aula online): O segundo meio em nossa lista é o meio mais popular em ensino à distância. Estamos falando sobre videoconferência, adaptação ao popular formato de curso online ao vivo.

Crie uma conexão ponto a ponto (entre duas salas - alternativa utilizada no modo de aprendizagem b) ou multiponto (entre o tutor e vários alunos) com o auxílio de um programa específico, a videoconferência é simulada no EAD na sala de aula Forma eficaz. Através da transmissão ao vivo, é possível acompanhar o andamento do aprendizado dos alunos e realizar a troca de informações em tempo real.

Mídia móvel: Recentemente incluídos na gama de opções de mídia e ferramentas utilizadas em EAD, recursos específicos para dispositivos móveis são o método atual de combinar a educação a distância com os hábitos dos alunos. Vou dar uma ideia, no Brasil mais de 90% das conexões são feitas por meio de dispositivos móveis. Isso mostra que os perfis de acesso à Internet e de consumo de conteúdo estão totalmente voltados para esse tipo de tecnologia.

Portanto, é necessário desenvolver uma mídia para EAD especificamente projetada para consumo em dispositivos móveis, como tablets, celulares, leitores digitais, etc. Os métodos educacionais para esses dispositivos são chamados de aprendizagem móvel.

Internet (transmitida por meio de um pipe em AVA): Por último, mas não menos importante, não podemos deixar de mencionar que a Internet é o meio e a ferramenta mais importante de EAD. Podemos dizer que a base da EAD é a conexão à internet, pautada na utilização de AVA-ambiente virtual de aprendizagem.

- Em um ambiente virtual de aprendizagem, alunos e tutores:
- Troca de informações
- Acesse o conteúdo;
- Verifique os materiais didáticos;
- Acompanhamento do plano de aula;

- Recebimento e envio de trabalhos;
- Eles usam canais interativos para estabelecer conversas.

Ferramentas de Design: O primeiro bloco de ferramentas usado no EAD são os recursos de design. Essas ferramentas auxiliam na produção de conteúdos diferenciados que podem atrair e inspirar alunos de EAD. Portanto, nas principais ferramentas de design de conteúdo, podemos destacar:

- Canva: Canva é um software que fornece layouts prontos e personalizáveis em diferentes formatos;
- Prezi: Com o Prezi, você pode investir no desenvolvimento de apresentações dinâmicas e modernas;
- Wordwall: Wordwall permite que você crie eventos e desafios (com um pouco de gamificação).

Edição de vídeo: O segundo kit de ferramentas básico em nossa lista de mídia e ferramentas usadas em EAD, o editor de vídeo é muito útil para aqueles que desejam fornecer aos alunos materiais prontos para o uso, mas ao mesmo tempo procuram conteúdo rápido e prático criadores para completá-lo Soluções para produtos digitais.

Alguns dos editores de vídeo mais populares são:

- YouCut (pode ser baixado aqui);
- iMovie (disponível para download na Apple Store);
- Inshot (veja as características do site oficial da ferramenta);
- Videoleap (baixe aqui);
- Adobe Premiere (para Android e iOS).

Plataforma de Sistema de Gestão de Aprendizagem

O último item da lista de mídias e ferramentas que usamos no EAD também é uma ferramenta básica. É a plataforma LMS, que é responsável por hospedar o conteúdo do curso e garantir um AVA funcional para alunos e tutores. LMS significa Learning Management System ou Learning Management System, um ambiente no qual tutores ou administradores de cursos podem acessar informações importantes para monitorar seus cursos e o desempenho de cada aluno registrado. A ideia de tirar um diploma com menos burocracia tem chamado a atenção de quem busca uma graduação ou curso a distância. Não é à toa: esse modelo rompe

barreiras, diminui o peso do bolso e democratiza a educação. Portanto, a importância do ensino à distância torna-se cada vez mais evidente.

Este método deixou de ser uma escolha apenas por falta de escolha para se tornar a principal preferência. Isso se deve aos avanços da tecnologia, ao fácil acesso à Internet e ao investimento das instituições em uma boa experiência do aluno. O ensino à distância (cursos EaD) é popular e adepto há muitos anos: no final de 2018, o número de inscrições aumentou 8%, e o número total de inscrições chegou a 1,6 milhão.

Mas qual a importância da educação a distância para o cenário educacional brasileiro? Confira neste artigo alguns dos motivos que a tornam uma das mais importantes formas de educação do país. Para grande parte da população brasileira, não é realista obter ensino superior ou cursos por meio de instituições físicas, pois eles precisam ser alocados em cidades com determinada estrutura, para que os jovens que vivem em cidades subdesenvolvidas tenham a oportunidade de cursar o ensino superior.

A criação de uma universidade com curso de EaD acabou se tornando uma maneira mais fácil e barata de levar o ensino superior para cidades subdesenvolvidas, e a única forma de os alunos obterem um diploma de ensino superior e ajudarem a mudar a realidade da região. Ao comparar dois cursos do mesmo formato, mas diferentes, fica claro que o preço do ensino à distância é mais acessível do que a opção específica presencial. A possibilidade de conclusão do estágio em universidades públicas ainda existe, mas a competição e a grande demanda por vagas fazem com que a maioria dos alunos demore ou nunca passe no ENEM e vestibular.

Mesmo para aqueles que não podem pagar a faculdade EaD, existem várias bolsas de estudos e programas de financiamento que permitem que os alunos estudem com um grande desconto após a formatura e trabalhem na área e até mesmo comecem a pagar a faculdade. No processo de aprendizagem da plataforma de educação a distância, os alunos podem aprender de acordo com seu próprio ritmo de aprendizagem, organizar o tempo de acordo com sua situação, captar conteúdos e entender a velocidade.

Os alunos assumem total responsabilidade por sua própria experiência de aprendizagem. A EAD é baseada em seus próprios interesses de aprendizagem para estimular o desenvolvimento das pessoas. A distribuição do conteúdo de EaD nas instituições de ensino presencial é a mesma, a diferença é que, em primeiro lugar, o aluno tem total controle e responsabilidade sobre seu próprio processo de aprendizagem e, em segundo lugar, está vinculado à programação e ao tempo de aprendizagem do professor. Essa diferença é essencial para o desenvolvimento humano, pois visa estimular os alunos a assumirem total responsabilidade pela qualidade de seu aprendizado.

Por meio da plataforma EAD, alunos e educadores podem se comunicar a qualquer momento, e a comunicação às vezes é mais importante do que escolas de educação presencial (pode não haver trocas tão abertas e relaxadas fora da sala de aula). A comunicação fácil torna possível esclarecer fazer perguntas e realizar trabalhos sobre o tema da investigação. Chat e debate em grupo.

Embora algumas pessoas não concordem totalmente, o EAD mostra-se uma excelente ferramenta para o aluno exercer o compromisso e a dedicação. Neste tipo de plataforma, só aprenderão quem realmente quer aprender e tem interesse em aprender coisas novas, por isso a dedicação é fundamental. Para quem quer se comprometer e se dedicar ao novo, a plataforma de EAD é uma boa opção, que vai promover o desenvolvimento de pessoas e, assim, trazer resultados positivos para a própria empresa.

Na plataforma de ensino a distância, você pode alcançar alunos de todo o país e às vezes até do exterior. É muito comum que os alunos troquem ideias e conhecimentos com outros colegas da plataforma, o que promoverá o crescimento e desenvolvimento pessoal e, ao mesmo tempo, ampliará os horizontes culturais dos alunos. Os alunos de plataformas de ensino a distância precisam ter hábitos diferentes dos alunos presenciais, devem ter ou desenvolver uma cultura de participação, pois isso é essencial para a colaboração e interação entre alunos e professores. Esse tipo de cultura de participação incentivada por meio da plataforma de ensino acabará por produzir resultados na vida profissional e pessoal do aluno, e eles mudaram sua forma de pensar e comportamento em um grande grupo.

Esta característica da educação a distância está muito alinhada com os novos padrões de comportamento cada vez mais dinâmicos e interativos das pessoas no mundo globalizado, buscando adquirir cada vez mais novas competências e aprimorar suas competências profissionais. Por meio do EAD, as pessoas podem começar a produzir seu próprio conteúdo para ensinar outras pessoas e até conduzir negócios na área. O rápido desenvolvimento da educação à distância tornou-se um dos métodos de ensino mais completos e eficientes.

Grande parte da importância da educação a distância hoje reside em seu papel em quebrar várias barreiras que impedem as pessoas de obter uma educação de qualidade, e representa uma função importante de auxiliar as pessoas na obtenção de qualificação profissional. As pessoas que costumam ter dificuldade em frequentar os cursos presenciais são porque é difícil seguir seus hábitos de aprendizagem ou porque o preço é muito alto. Agora eles podem obter os melhores resultados de aprendizagem a qualquer hora e em qualquer lugar. O ensino a distância é a solução perfeita para que essas pessoas finalmente tenham uma

formação profissional, seja por meio da redução de custos com transporte, da maior agilidade de tempo ou do acesso facilitado a conteúdos educacionais.

Outra importância da educação a distância é dispersar os centros de ensino por meio do uso da tecnologia para quebrar barreiras como dificuldade de mobilidade ou distância geográfica. O ensino à distância permite que até mesmo pessoas que moram em áreas remotas acessem cursos que consideram difíceis de aprender presencialmente. Com a Internet, a educação deixou de se concentrar nas regiões sul e sudeste e passou a fazer parte da vida das pessoas em todo o país.

Materiais impressos, PowerPoint, imagens, vídeo-aulas, jogos, gráficos. Existem várias maneiras de transmitir conteúdo aos alunos. Por meio do ensino à distância, essas transmissões tornaram-se mais diversificadas e inovadoras. Com o apoio das novas tecnologias, a importância do EAD é aprimorar os métodos de ensino por meio da tecnologia multimídia, promover a discussão de temas de sala de aula em fóruns, aumentar a interação dos alunos e expandir o conteúdo por meio de bibliotecas virtuais. Mesmo durante a crise econômica, o sistema de ensino a distância continuou a se desenvolver no Brasil e tornou-se um dos mercados de crescimento mais rápido do país. Todos os anos, o MEC reconhece milhares de novos cursos online. Desde 2003, o número de alunos de ensino à distância aumentou de 50.000 para 1,3 milhão. Esse movimento econômico faz com que as pessoas vejam o ensino a distância como uma nova oportunidade de negócios.

5.9 Dicas para o ensino à distância

Para se firmar como alternativa válida às instituições e aos profissionais do ensino, é necessário que as propostas de EAD mantenham um diálogo permanente com o conhecimento acadêmico-científico produzido nas abordagens pedagógicas emergentes, inclusive aquelas que habitam o domínio do e-learning.Também conhecido como “e-educação”, o termo abrange todos os modelos didáticos mediados por tecnologias de informação e comunicação, como educação aberta (educação aberta), hibridização (blended learning) e o próprio ensino a distância. Este, em particular, tornou-se um campo fecundo de investigação e intervenção, no qual se concentra uma parte importante das propostas relativas aos vários ramos do e-learning - atualmente também denominado “educação digital”. Em termos gerais, a “distância” na EaD consiste na separação temporal e espacial entre o professor e o aluno (FILATRO, 2017; MATTAR, 2012).

Isso significa que, ao contrário do ensino presencial, os processos de ensino aprendizagem dessa modalidade não são baseados em atividades realizadas por alunos e professores que compartilham o mesmo espaço físico ao mesmo tempo. A educação a distância, que ao longo de sua existência teve as cartas e a televisão como veículos primários, transformou os ambientes virtuais em salas de aula ocupadas por um número cada vez maior de alunos usuários, graças ao advento da comunicação mediada por computador.

Por outro lado, apesar de cumprir funções semelhantes em relação aos espaços educacionais tradicionais, o ciberespaço não representa apenas uma mudança superficial nas atividades pedagógicas. Pelo contrário, é um evento paradigmático, que tem profundas implicações para toda a educação, especialmente no que diz respeito à oferta, design, processos de interação, avaliação, bem como ao papel dos professores e alunos nos processos de ensino-aprendizagem. Não é o propósito deste texto listar essas distinções em sua totalidade.

Aqui é importante contribuir para o amadurecimento do conceito e das práticas da EAD, levando em consideração não só as especificidades do contexto pandêmico do qual emerge como solução viável, mas também suas possibilidades de diálogo com a produção intelectual do país no contexto de e-learning. Então, o que o ensino à distância pode aprender com o ensino à distância? Com a suspensão das atividades em sala de aula, muitos professores foram pressionados a adotar as estratégias de que dispunham para não comprometer anos e semestres letivos. A necessidade de manter as instituições de ensino funcionando em meio às restrições impostas por medidas de distanciamento social ajudou a criar diversos recursos que, em sua maioria, nem faziam parte do repertório de ferramentas do cotidiano dos profissionais da educação.

Um dos exemplos mais emblemáticos são os serviços de videoconferência que, através de plataformas como Zoom e Google Meet, têm ajudado no processo de virtualização da sala de aula. Sem dúvida, a realização de aulas online em ambientes de webconferência tornou-se a principal tática adotada por escolas e universidades, constituindo uma das mudanças mais significativas observadas no ecossistema da educação formal diante da instabilidade gerada pela pandemia COVID19. Por outro lado, apesar de sua crescente popularidade, o "ensino por videochamada" enfrenta inúmeros desafios e obstáculos. Além dos problemas relacionados à (falta) de conectividade e acesso à internet, aos altos índices de analfabetismo digital entre professores e alunos e ao esgotamento mental gerado pela profusão de vidas, reuniões e aulas

online, existem fragilidades decorrentes da precária e apressada transposição dos cursos presenciais para ambientes online.

O ciberespaço teve impactos substanciais nos processos de comunicação, estabelecendo novas formas de socialização e protocolos de interação na rede. No campo educacional, um dos principais efeitos dessa situação é a já mencionada perturbação espaço temporal operada nos processos de ensino e aprendizagem. Esse aspecto está em consonância com a cultura pedagógica que historicamente tem apoiado - e ainda sustenta - a educação em sala de aula e que tem contribuído para legitimar o "evento-aula" como a unidade estrutural primária dos projetos pedagógicos.

Neste caso, não devemos perder de vista que as classes, na sua forma tradicional, são constituídas por acontecimentos inevitavelmente confinados no tempo e no espaço e que consequentemente alimentam a imaginação de que existe um tempo e um espaço. um lugar: um "aqui" e um "agora" - específico para aprendizagem. Porém, quando uma aula termina, as possibilidades de construção do conhecimento nela presentes também se dissolvem. A rigidez e a efemeridade imposta por essa condição transitória afetam as aulas ministradas em plataformas de webconferência, tornando-as suscetíveis às mesmas restrições que existem nos processos de ensino-aprendizagem presencial.

Este modelo tem sido desafiado por diferentes práticas educacionais desenvolvidas no contexto da educação digital, em particular na educação a distância, modalidade que tem explorado as diferentes possibilidades técnicas oferecidas pela comunicação digital, computação em nuvem e dispositivos móveis, a fim de proporcionar experiências aos alunos. e caminhos de treinamento onipresentes e maleáveis.

Com a possibilidade de tornar onipresentes os conteúdos, atividades e orientações, o e-learning oferece condições favoráveis à flexibilidade dos regimes de estudo e aprendizagem.

No Brasil e em outros países do mundo, parte significativa dos modelos pedagógicos adotados nos cursos de ensino superior à distância não tem a sala de aula como principal estratégia de ensino.

É claro que esse tipo de configuração pode gerar dúvida e apreensão naqueles para quem o ato de ensinar representa o objetivo central e último do professor. Já na EAD, o professor assume novas funções compatíveis com uma perspectiva de educação sem formação (direta), tais como: a) curadoria de conteúdos e materiais didáticos; b) planejamento didático e; c) mentoria.

Além disso, o professor deixa de ser o elo principal - por vezes o único - entre os alunos e os objetivos de aprendizagem, passando a desempenhar um papel centrado no apoio pedagógico e na mediação. Essa visão fundamenta-se na transferência do protagonismo no processo educativo do professor para o aluno, que deixa de ser considerado um sujeito passivo, ascendendo à condição de sujeito de seu próprio conhecimento. Para isso é imprescindível que os alunos sejam capazes de demonstrar autonomia, disciplina e organização, dominando a capacidade de "aprender a aprender".

Desejado no treinamento presencial, este perfil é vital nos principais modos de treinamento online. Para isso, os cursos devem ser cuidadosamente planejados e executados de forma a proporcionar as experiências necessárias ao desenvolvimento dessas competências. Com o objetivo de contribuir para a construção de projetos pedagógicos capazes de explorar as principais potencialidades dos ambientes digitais, apresento a seguir algumas das "lições" que a formação a distância pode humildemente transmitir à distância. Essas recomendações não pretendem encerrar o debate ou fornecer uma solução mágica. Estas são apenas sugestões para ajudar professores e outros educadores a promoverem a transposição sistemática de cursos presenciais para o ciberespaço.

Em comparação com o ensino presencial, o tempo médio que os alunos passam em ensino à distância realizando atividades e tarefas é maior. Essa diferença se justifica pela necessidade de proporcionar ao aluno as condições necessárias para que ele aprenda com maior autonomia. É natural que alguém demore mais para entender que por conta própria do que quando outra pessoa, um professor ou um especialista, explicita essa relação.

Neste contexto, o professor desempenha um papel particularmente didático, garantindo à turma o suporte pedagógico e motivacional necessário para atingir, com as suas próprias forças, os objetivos de aprendizagem. A sua principal função não passa pela exposição, descrição e explicação completa dos conteúdos didáticos - como é norma na formação presencial -, mas sim monitoriza o processo de aprendizagem dos alunos, esclarece dúvidas e constitui um ambiente fértil para construção do seu próprio conhecimento.

Durante o curso, essa dinâmica deve estimular os alunos a desenvolverem formas de auto-organização e habilidades cognitivas para lidar com o funcionamento da educação a distância, em particular, sua vocação para o autodidatismo. Quando se descobre que "tudo leva mais tempo" na EaD, é possível prever que dificilmente um curso à distância será capaz de incorporar o mesmo volume de conteúdo estudado em uma disciplina presencial.

Em muitos casos, isso requer uma seleção criteriosa dos temas e tópicos abordados, juntamente com a aplicação de métricas e técnicas de "dosagem" compatíveis com o tipo de aprendizagem desejada nos cursos à distância. Além disso, este “descolamento” implica alterações na distribuição e ordenação das disciplinas previstas para cada semestre.

Por estarem envolvidos em um processo de aprendizagem com uma grande carga de tarefas domésticas e de avaliação, os alunos de educação a distância tendem a não ter um bom desempenho quando se submetem a muitos componentes curriculares simultâneos. No ensino presencial, é comum que todas as disciplinas agendadas para determinado semestre comecem no mesmo horário e funcionem em regime estendido.

Na EAD, por outro lado, a oferta semestral de disciplinas é muitas vezes entregue em regime de bloco semiextensivo ou semi-intensivo: para permitir a redução do número de disciplinas simultâneas em curso, carga horária semanal reservada para cada um deles, a duração global do período é aumentada e, portanto, proporcionalmente reduzida, deixando espaço para o início do próximo bloco de disciplinas do mesmo semestre letivo.

Evidentemente, a implantação dessa modalidade organizacional não é uma decisão individual, mas sim o resultado do diálogo, da negociação e do consenso entre os professores em ação, junto com suas lideranças, diretores e coordenadores pedagógicos. “O material didático é uma prioridade” Em situações normais de sala de aula - online ou presencial - o professor atua como uma espécie de porta-voz dos conteúdos curriculares, um “tradutor” que revela e torna inteligíveis as informações essenciais contidas nos materiais de apoio.

Por meio do ensino direto, os professores tornam-se o principal elo entre os alunos e os objetivos de aprendizagem. Na educação a distância, o centro do processo de ensino é deslocado do professor para os conteúdos, atividades e materiais didáticos no ambiente virtual de aprendizagem. Portanto, o processo de planejamento, desenvolvimento e verificação de todos esses recursos costuma ocupar uma parte importante da organização do trabalho docente do curso online (FILATRO; CAITO, 2015).

Quando o papel principal do professor não é mais "mostrar" e "explicar o material", o livro didático deve atender plenamente ao nível de conhecimento e habilidade do público-alvo. No contexto da educação superior, os artigos científicos publicados em periódicos costumam desempenhar um papel coadjuvante no processo de ensino dos cursos presenciais.

Apesar da sua qualidade, rigor e consistência, a principal função destes trabalhos é promover o diálogo entre investigadores pertencentes a uma determinada comunidade científica. Nesse caso, a linguagem usada pelos especialistas para se comunicarem entre si nem sempre é a melhor para os indivíduos que estão apenas entrando no campo do conhecimento ou da atividade - esse é o caso da maioria dos alunos de graduação.

A partir dessa abordagem, os cursos à distância continuam investindo na criação de livros didáticos voltados especificamente para cada disciplina, utilizando linguagens de fácil compreensão, exercícios práticos e cargas de conteúdo mais "amigáveis".

Na educação presencial, por existirem operações protocolares como o “chamamento”, identificar se um indivíduo participa (ou não) de um espaço de aprendizagem não é uma tarefa problemática. Porém, por se basearem em projetos pedagógicos que não utilizam a sala de aula como principal estratégia de ensino, os cursos à distância não podem utilizar a presença física como parâmetro para medir a frequência.

Para tanto, voltaram sua atenção para as interações, tarefas e outras "trajetórias" deixadas pelos alunos no ambiente virtual que dava suporte ao curso. Um exemplo é o fórum de discussão, onde são realizados debates e diálogos sobre temas específicos. Nele, todas as inscrições são escritas, publicadas e armazenadas, não apenas como meio de interação entre alunos e professores, mas também como prova da participação individual e da dedicação ao longo do processo formativo.

Mesmo que trabalhem remotamente, muitos professores ainda estão vinculados às normas, compromissos e requisitos de gestão do ensino presencial, como aqueles sobre atendimento - que, por sua vez, não faz sentido em deixar de manter seus próprios projetos de ensino na sala de aula. A situação de ensino dominante. Portanto, os professores devem definir e esclarecer aos alunos os tipos de ações e atividades a serem consideradas no cumprimento dos padrões de atendimento para garantir a transparência necessária para que os alunos organizem sua agenda de consultas na instituição.

Em comparação com o horário de trabalho que existe nas disciplinas presenciais, geralmente com base no tempo e número de dias de curso, os cursos da EAD são planejados de acordo com unidades estruturais mais flexíveis, incluindo jornada de trabalho ampliada, durante a qual os alunos podem gerenciar as atividades à sua maneira O tempo reservado para dedicação e tarefas, e essas atividades e tarefas devem ser concluídas dentro do prazo prescrito. Ou seja, os alunos não farão atividades em sala de aula das 8h ao meio-dia de quarta-

feira, mas usarão as quatro horas previamente reservadas para o curso para "completar" uma série de tarefas como leitura, prática, trabalho em grupo, avaliação, etc, em uma semana.

Além de proporcionar aos alunos mais liberdade na preparação para as rotinas de aprendizagem, essa dinâmica também traz alguns desafios aos professores relacionados às aulas. Antes de proceder principalmente em sala de aula, esse monitoramento deve ser cuidadosamente negociado, definido e amplamente divulgado. Este é um requisito básico para evitar que a classe se sinta desamparada sem dar a impressão de que o professor está em um estado irrestrito e incondicionalmente disponível. Uma forma de prevenir tais problemas é definir regras claras de comunicação, levando em consideração as formas síncronas e assíncronas de interação disponíveis no ambiente virtual do sujeito.

Quais são os meios oficiais de interação entre professores e alunos (e-mail, grupos de Whatsapp, serviço de mensagens integrado à sala virtual da disciplina)? Qual é o prazo para os professores responderem às informações da aula? Fornecerá ajuda em tempo real aos alunos "de plantão"? quando? Refletir sobre essas (e outras questões) tende a diminuir a chance de ruídos no processo de participação no grupo e, além de auxiliá-los no processo de auto-organização, pode também minimizar a ocorrência de "dúvidas de última hora".

De um modo geral, a sala de aula - presencial ou por videoconferência - não é apenas uma situação de ensino onde os professores realizam atividades de ensino com o objetivo de atingir objetivos de aprendizagem. São também um ambiente de integração e socialização entre os alunos, por isso desempenham um papel importante nos programas de incentivo (PALOFF; PRATT, 2015). Nos cursos à distância que não são suportados por "atividades de aula", existem medidas preventivas adicionais para reduzir os riscos psicológico-emocionais e cognitivos causados pela redução ou inexistência de oportunidades de contacto entre colegas. Por este motivo, os projetos de ensino concebidos no modelo de educação a distância e online atribuem grande importância às atividades coletivas de cooperação, diálogo, negociação, debate, resolução colaborativa de problemas e outras regulamentações semelhantes.

O impacto da pandemia COVID-19 no campo da educação será objeto de debate e reflexão nos próximos anos. No longo prazo, a suspensão forçada (e necessária) da maioria das instituições educacionais mostrou que o cultivo de gerações de profissionais, jovens e cidadãos causou perdas incomensuráveis.

No curto prazo, esta situação impõe a necessidade de desenvolver estratégias que tenham efeito imediato para que as atividades educativas possam ser retomadas com segurança, de forma progressiva e de acordo com as necessidades pedagógicas.

Trata-se de um cenário complexo e caótico em que diversos interesses e projetos de sociedade lutam contra o pano de fundo das escolas e universidades. Se considerada uma ideia inacabada e, portanto, em construção, a educação a distância representa um campo aberto com contribuições e disputas de interesses. Os cenários de crise muitas vezes geram tecnologias "milagrosas" e as chamadas soluções definitivas, que são fornecidas principalmente por agentes, empresas de tecnologia e organizações multinacionais. Seus objetivos e valores nem sempre são consistentes com aqueles defendidos por instituições de ensino e profissionais.

Portanto, é preciso admitir que nenhuma das sugestões feitas é a solução definitiva para superar o dilema atual imposto à educação. A operacionalidade destas diretrizes não depende apenas da sua publicação e socialização, mas também é importante que os docentes tenham condições suficientes para se adaptarem às novas exigências de ensino e gestão decorrentes da necessidade de cooperação social do Pessoal, participando ativamente na construção de soluções e ações. na área de educação para o combate à pandemia, estudantes e representantes de comunidades atendidas por outras escolas e universidades

6. CONCLUSÃO

A presente dissertação buscou explorar e analisar o impacto do aprendizado online durante a pandemia de COVID-19, especificamente no contexto da educação a distância (EAD). Ao longo deste estudo, foram examinadas diversas facetas desse fenômeno, desde a adaptação dos educadores e alunos ao ambiente virtual até os desafios enfrentados e as oportunidades emergentes.

Uma das descobertas centrais desta pesquisa é a rápida transição para o ensino remoto como resposta à crise sanitária global. Esse movimento acelerado revelou não apenas a resiliência do sistema educacional, mas também expôs suas vulnerabilidades, destacando a necessidade de investimentos em infraestrutura digital e capacitação docente para garantir a eficácia e a equidade no ensino online.

Além disso, identificamos uma série de desafios enfrentados por educadores e alunos durante o período de aprendizado online. Desde a falta de acesso à internet e dispositivos adequados até a dificuldade de manter a motivação e o engajamento, esses obstáculos evidenciam a importância de abordagens inclusivas e flexíveis no design de programas e plataformas de EAD.

Apesar dos desafios, também observamos oportunidades significativas associadas ao aprendizado online na pandemia. A expansão do acesso à educação, a diversificação de métodos de ensino e aprendizagem e a promoção da autonomia do aluno são apenas alguns exemplos das vantagens potenciais desse modelo de ensino.

No entanto, é importante reconhecer as limitações desta pesquisa. O estudo concentrou-se em um recorte específico de instituições e participantes, o que pode restringir a generalização dos resultados para outros contextos educacionais. Ademais, os dados coletados basearam-se, em grande parte, em percepções e relatos dos envolvidos, o que pode introduzir vieses subjetivos. Outra limitação refere-se ao período de análise, circunscrito ao contexto pandêmico, não permitindo avaliar de forma longitudinal os impactos do ensino online no médio e longo prazo.

Olhando para o futuro, é crucial que os formuladores de políticas, instituições educacionais e demais partes interessadas considerem as lições aprendidas durante este período e as incorporem em estratégias de longo prazo para o ensino online. Isso inclui investimentos contínuos em infraestrutura tecnológica, formação de professores, suporte ao aluno e pesquisa sobre melhores práticas pedagógicas no contexto virtual.

Em resumo, esta dissertação contribui para o entendimento do aprendizado online na pandemia EAD, destacando suas complexidades, desafios e oportunidades. Espera-se que as conclusões aqui apresentadas inspirem novas pesquisas e iniciativas práticas destinadas a aprimorar a qualidade e a acessibilidade da educação online no futuro, bem como estudos que superem as limitações identificadas e ampliem o escopo de investigação sobre o tema.

7. REFERÊNCIAS

ABED. Associação Brasileira de Ensino a Distância. Disponível em: http://www.abed.org.br/site/pt/faq/. Acesso em out. 2021.

ALEXANDER, Bryan et al. Educause horizon report: 2019 higher education edition. Loiusville, CO: EDUCAUSE, 2019.

ALI, W. Online and Remote Learning in Higher Education Institutes: a necessity in light of covid-19 pandemic. Higher Education Studies. Canadá, p. 16-25. Mai. 2020.

ALLAN, Luciana. Como a tecnologia pode ajudar nossas escolas a vencer o Coronavírus? Artigo revista exame. 2020. Disponível em: <https://exame.com/blog/crescerem-rede/como-a-tecnologia-pode-ajudar-nossas-escolas-avencer-o-coronavirus/>. Acesso em: Setembro/2021.

ALTOÉ, Anair; SILVA, Heliana da. O desenvolvimento histórico das novas tecnologias e seu emprego na educação. Artigo Educação e Novas tecnologias. Maringá – PR. 2005.

ALVES, Paulo. Zoom Meetings: como funciona o site para videoconferência. Informação relativa – site TechTudo. 2020. Disponível em: <techtudo.com.br/noticias/2020/01/zoommeetings-como-funciona-o-site-paravideoconferencia.ghtml>. Acesso em: Setembro/2021.

AMARAL, M. R. S. S. Implementação do projeto político pedagógico (PPP) de forma participativa: desenvolvendo práticas de gestão democrática. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/151619>. Acesso em: Setembro/2021.

AQUINO, Estela M. L. et al. Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. Ciênc. saúde coletiva [online]. v. 25, e.1, p.2423-2446. 2020.

ARAÚJO, R. M. et al. COVID-19, Mudanças em práticas educacionais e a percepção de estresse por docentes do Ensino Superior no Brasil. Revista Brasileira de Informática na Educação, v. 28, p. 864-891, 2020. Disponível em: https://www.brie.org/pub/index.php/rbie/arti-cle/view/v28p864. Acesso em out. 2021.

ARAÚJO, U. F. A educação e a construção da cidadania: eixos temáticos da ética e da democracia. In: Ética e cidadania: construindo valores na escola e na sociedade. Secretaria de Educação Básica, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2007. Disponível em: <portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000015509.pdf>. Acesso em: setembro/2021.

ARETIO, L. G. Investigar para Mejorar la Calidad de la Universidad. Madrid: UNED, pp. 607, 1997.

ARIÑO, D. O; BARDAGI, M. P. Relação entre Fatores Acadêmicos e a Saúde Mental de Estudantes Universitários. Psicologia em Pesquisa. Juiz de Fora, p. 44-52. dez. 2018.

BALDEZ, Coryntho. Pandemia expõe impasses da educação a distância. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2020. Disponível em: <https://ufrj.br/noticia/2020/05/13/pandemia-expoe-impasses-da-educacao-distancia>. Acesso em: setembro/2021.

BARROS, J. N. S. Democracia e utopia na sociedade do conhecimento: reflexões sobre a educação a distância. 2014. 227 f. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

BARROS, D. M. V. Guia didático sobre as Tecnologias da Comunicação e Informação. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2009.

BETINI, G. A. A construção do projeto político-pedagógico da escola. Rev. Ped. v, 1, n. 3, p. 37-44, 2005.

BLAUTH, Ivanete Fátima; DIAS, Nelson; SCHERER, Suely. WhatsApp como ambiente de interações na Educação à Distância; encontros síncronos e assíncronos. Holos Environment, Rio Claro, v. 6, p. 1-13, 2019.

BOCCATO, V.R.C. Metodologia da Pesquisa Bibliográfica na Área Odontológica e o Artigo Científico como Forma de Comunicação. Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo, 2006.

BOHRY, Simone. Crise Psicológica do Universitário e Trancamento Geral de Matrícula por motivos de Saúde. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) -Universidade de Brasília, Brasília, p.1-240. 2007.

BOHRY, Simone. Crise Psicológica do Universitário e Trancamento Geral de Matrícula por motivos de Saúde. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) -Universidade de Brasília, Brasília, p.1-240. 2007.

BORINE, R. C. C., WANDERLEY, K. S., BASSITT, D. P. Relação entre a Qualidade de Vida e o Estresse em Acadêmicos da Área da Saúde. Estudos Interdisciplinares em Psicologia, v.6, n. 1, p. 100-118. jun, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Portal MEC. O que é educação a distância, 2020. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12823:o-queeeducacao-a-distancia. Acesso em out. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 343, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID19. Disponível em: http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-376-de-3-de-abril-de-2020- 251289119. Acesso em out. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 376, de 3 de abril de 2020. Dispõe sobre as aulas nos cursos de educação profissional técnica de nível médio, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19. Disponível em: http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-376-de-3-de-abril-de-2020- 251289119. Acesso em out. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Base nacional comum curricular. Brasília, DF, 2017. Disponível em: < http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-dabncc>. Acesso em: setembro/2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Coronavírus (Covid-19). Disponível em: https://covid.saude.gov.br/. Acesso em out. 2021.

BROOKS S, B. KW. et al. Disfunção cerebrovascular induzida por estresse psicológico: O papel da síndrome metabólica e do exercício. PubMed, v.103, n.5, p.761-776, maio, de 2018.

CAMARGO, E. C.; FONSECA, J.A.L. A ética no ambiente escolar: educando para o diálogo. 2008. Disponível em: <http://www.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/021e4.pdf>. Acesso em: setembro/2021.

CARMO, Renata de Oliveira Souza FRANCO, Alexia Pádua. DA DOCÊNCIA PRESENCIAL À DOCÊNCIA ONLINE: APRENDIZAGENS DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. Educ. rev., Belo Horizonte, v. 35, e210399, 2019.

CARVALHO, J. S. Educação cidadã a distância: uma perspectiva emancipatória a partir de Paulo Freire. 2015. 211 f. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

CARVALHO, J. S. F. Direitos humanos e educação. Educação e direitos humanos: formação de professores e práticas escolares. In: Ética e cidadania: construindo valores na escola e na sociedade. Secretaria de Educação Básica, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2007. Disponível em: < portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000015509.pdf>. Acesso em: setembro/2021.

CASTRO, Milena. Educação a distância em tempos de pandemia; veja relato de estudantes e professores do DF. G1 Notícias. Disponível em:< https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/04/15/educacao-a-distancia-emtemposde-pandemia-veja-relato-de-estudantes-e-professores-do-df.ghtml>. Acesso em: setembro/2021.

CAVALHEIRO, S. N.; VARGAS, F. L..; SILVA, R. OS BENEFÍCIOS DA EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA NO ENSINO SUPERIOR EM TEMPOS DE PANDEMIA. Revista Multidisciplinar de Educação e Meio Ambiente, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 28, 2021. DOI: 10.51189/rema/872. Disponível em: <https://editoraime.com.br/revistas/index.php/rema/article/view/872>. Acesso em out. 2021.

CAVELLUCI, Lia. Cristina B. Estilo de Aprendizagem em Busca das Diferenças individuais. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/21015627/artigo-2003-estilos-deaprendizagemem -busca-das-diferenças-individuais- CAVELLUCI>. Acesso em out. 2021.

CLAY, R. COVID-19 e suicídio. American Psychologia Association, v. 51, n.4, Jun, 2020.

COELHO, A. P. S. et al. Saúde mental e qualidade do sono entre estudantes universitários em tempos de pandemia da COVID-19: experiência de um programa de assistência estudantil. Research, Society And Development, Feira de Santana, v. 9, n. 9, p. 114, set. 2020.

CONTE, Elaine. MARTINI, Rosa Maria Filippozzi. As Tecnologias na Educação: uma questão somente técnica. Revista Educação e Realidade, vol.40, no.4, Porto Alegre – RS. 2015. ISSN 2175-6236.

COSTA, Karla da Silva; FARIA, Geniana Guimarães. EAD – Sua Origem Histórica, Evolução E Atualidade Brasileira Face Ao Paradigma Da Educação Presencial. Congresso FaE/UFMG. 2008. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2008/tc/552008104927AM.pdf>. Acesso em: Setembro/2021.

CRUZ JUNIOR, Gilson. Do Isolamento da Educação à Educação no Isolamento: Lições do eLearning para o ensino remoto emergencial. Pesquisas em educação na Amazônia: contextos formativos. Santarém, PA: 2021.

CULLEN, W.; GULATI., G., KELLY, B. D. Mental health in the Covid-19 pandemic. QJM:An International Journal of Medicine, Oxford, v. 113, e. 5, p.311-312. 2020.

CURY, C. R. J. O direito à educação: um campo de atuação do gestor educacional na escola. Brasília, Escola de Gestores, 2005. Disponível em: <egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/jamilcury.pdf>. Acesso em: Setembro/2021.

DINIZ, Sirley Nogueira de Faria. O uso das novas tecnologias em sala de aula. Dissertação de pós-graduação – Engenharia de produção. Florianópolis – SC. 2001.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Gêneros orais e escritos na escola. [Tradução e organização: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro]. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

DUAN; E., Zhu G. Intervenções psicológicas para pessoas afetadas pela epidemia de COVID19. Lancet Psychiatry, v. 7, p. 300-302. 1 abr. 2020.

EDITH, Litwin. Educação a Distância: temas para o debate para uma nova agenda. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

FILATRO, Andrea; CAITO, Sabrina. Produção de conteúdos educacionais. São Paulo: Saraiva, 2015.

FILATRO, Andrea. Como preparar conteúdos para EAD: guia rápido para professores e especialistas em educação a distância, presencial e corporativa. São Paulo: Saraiva Educação, 2018.

FONSECA, M. Gestão escolar em tempo de redefinição do papel do Estado: planos de desenvolvimento e PPP em debate. Revista Retratos da Escola, v. 3, n. 4, p. 185-198, 2009. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/111/300>. Acesso em: Setembro/2021.

FREIRE, E. P. A. Aplicações escolares do material. In: Congresso Nacional de Ambientes Hipermídia para Aprendizagem, João Pessoa. Anais do 6º Congresso Nacional de Ambientes Hipermídia para Aprendizagem. João Pessoa: Ideia Editora, 2013.

FULLAN, Michael; Hargreaves, Andy. Por que é que vale a pena lutar? O trabalho de equipa na escola. 1ª ed. Porto Editora, Porto, Portugal, 2001.

FURTADO, J. C. F. Aprendizagem significativa: modalidades de aprendizagem e o papel do professor. Porto Alegre: Mediação, 2008.

GAINO, L. V. et al. O conceito de saúde mental para profissionais de saúde: um estudo transversal e qualitativo. SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.), Ribeirão Preto, v. 14, n. 2, p. 108-116, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-

GALASSO, B. J. B. Do ensino em linha ao ensino online: perspectivas para a educação online baseada na mediação professor-aluno. 2013. 206 f. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

GIL, Antonio Carlos et al. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002.

GOUVÊA, G. e OLIVEIRA, C. I. Educação a Distância na Formação de Professores: Viabilidades, potencialidades e limites. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2006.

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. O papel do diretor escolar a organização do trabalho pedagógico: documentos norteadores da escola – Unidade 1: conhecendo o projeto político pedagógico. Secretaria da Educação, 2018a. Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/gestao_em_foco/gestao_escolar_ u nidade1.pdf>. Acesso em: Setembro/2021.
HACK, J. R. Introdução à educação à distância. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

HEDLUND, A. C. A formação ética e cidadã na construção da gestão escolar. Monografia (Especialização) – Universidade Federal de Santa Maria. 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br>. Acesso em: Setembro/2021.

HOULDEN, S.; VELETSIANOS, G. A posthumanist critique of flexible online learning and its “anytime anyplace” claims. British Journal of Educational Technology. v. 50, p. 1005-1018, 2019.

IBRAHIM, A. K.; KELLY, S.J.; ADAMS, C. E., & GLAZEBROOK, C. A systematic review of studies of depression prevalence in university students. Journal of Psychiatric Research, v. 47, p. 391-400, 2013.

JOHANN, J. R. Educação e ética: em busca de uma aproximação. Porto Alegre: Edipucrs, 2009. Disponível em: <www.pucrs.br/edipucrs/educacaoeetica.pdf>. Acesso em: Setembro/2021.

KAZIMA, E. P. S.; VALEIRO, M. F. As quatro dimensões que norteiam o PPP – projeto político pedagógico: dimensões administrativa, pedagógica, política/financeira e jurídica. 2017. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/as-quatro-dimensoesquenorteiam-o-ppp-projeto-politico-pedagogico-dimensao-administrativa-pedagogicapoliticafinanceira-e-juridica/111528>. Acesso em: Setembro/2021.

KEARLEY, Greg. O cenário atual da educação a distância. Tecnologia educacional, Rio de Janeiro, v.16, nº 78-79, 1996.

KENSKI, V. M. Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância. 8ª Ed. Campinas, SP: Papirus, 2010.

KERCKOVE, Derrick. A pele da cultura. Uma investigação sobre a nova realidade. Relógio da Água. Lisboa, 1997.

KUKLINSKI, H. P.; COBO, C. Expandir la universidad más allá de la enseñanza remota de emergencia – ideas hacia un modelo híbrido pós-pandemia. Barcelona: Outliers School, 2020. Disponível em: https://outliersschool.net/wpcontent/uploads/2020/05/Expandir_la_universidad.pdf. Acesso em out. 2021.

LEVY, Pereira. As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: ed. 64, 1993.

LIMA. T. C. S. L; MIOTO. R. C.T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. Rev. katálysis vol.10 no.spe Florianópolis, 2007.

LOPES, M. C. L. P; ET AL. O Processo Histórico Da Educação A Distância E Suas Implicações: Desafios E Possibilidades. Artigo UNICAMP. 2007. Disponível em:< http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada7/_GT1%20PDF/O%20PROCESSO%20HIST%D3RICO%20DA%20EDUCA%C7%C3O%20 A%20DIST%C2NCIA%20E%20SUAS%20IMPLICA%C7%D5ES.pdf>. Acesso em: Setembro/2021.

MAIA, B. R.; DIAS, P. C. Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. Estudos de Psicologia (Campinas), Campinas, v. 37, e200067, 2020.

MAIA, C. e MATTAR, J. ABC da EaD: educação a distância hoje. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

MAIA, Mirtes Dâmares Santos de Almeida; SILVA, Danilo Garcia da. Práticas Pedagógicas em Ambientes Virtuais de Aprendizagem: usos e abusos. Em Rede: Revista de Educação à distância. Porto Alegre, v. 7, n.1, p. 81- 95, 2020.

MATHEUS, soluções. Ensino A Distância (Ead) No Brasil: Como Surgiu? Site Matheus Soluções – Sistemas De Gestão Escolar. Disponível em:< https://matheussolucoes.com/ensino-a-distancia-ead-no-brasil-como-surgiu/>. Acesso em: Setembro/2021.

MATTAR, João. Design educacional: educação a distância na prática. São Paulo: Artesanato Educacional, 2014.

MATTAR, João. Tutoria e interação em EAD. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

MIRANDA, M. C. G. Formação de pedagogos em serviço a distância: representações de professores/aprendentes do curso de pedagogia a distância da UFPB virtual. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

MOORE, M. e KEARSLEY. Educação a Distância: uma visão integrada. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

MOORE, Michael. Educação a distância: um estudo sobre as expectativas dos alunos em relação ao uso do meio impresso ou eletrônico. Rio de Janeiro, 1986.

MORAIS, C. A.; et al. Concepções de saúde e doença mental na perspectiva de jovens brasileiros. Estudos de Psicologia, Campinas, v. 3, n. 17, p. 369-379, dez.

MORAIS, N. A. Um estudo sobre a saúde de adolescentes em situação de rua: o ponto de vista de adolescentes, profissionais de saúde e educadores. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. p. 165. 2005.

MORAM, J. M. O que é educação à distância. Universidade de São Paulo. Disponível em http:www.eca.usp.br/moran/dist.htm acessado em 05/10/14

MORAN, José Manuel. Educação híbrida: um conceito-chave para a educação hoje. In: BACICH, Lilian; NETO, Adolfo Tanzi; TREVISANI, Fernando de Mello. Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015.p. 27- 52.

NISKIER, A. Educação a distância: a tecnologia da esperança. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

NUNES, Enedina Betânia Leite de Lucena et al. A interação como indicador de qualidade na avaliação da educação a distância: um estudo de caso com docentes, tutores e discentes. Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior, Campinas, v. 23, n. 3, p. 869-887, 2018.

NUNES, I. B. A história da EAD no mundo. 1 Capítulo do livro: Educação a distância o estado da arte. LITTO, F. M. e FORMIGA, M. (orgs). São Paulo: Pearso Education, 2009.

OLIVEIRA, Bianca Rodrigues et al. Recursos tecnológicos potencializadores do ensino não presencial em tempos de pandemia da COVID-19. REBECIN, São Paulo, v. 7, número especial, p. 129-155, 2020.

OLIVEIRA, E. S.; CRUZ, T. N.; SILVA, M. R.; FREITAS, T. C.; SANTOS, J. R. N.; SANTOS, W. F. A educação a distância (EaD) como ferramenta democrática de acesso à educação superior: formação docente. In: Digitalização da educação: desafios e estratégias para a educação da geração conectada. 1 ed, Campo Grande: Editora Inovar, 2020. p. 8-14.

OLIVEIRA, Elida. Estados adotam plataformas online e aulas na TV aberta para levar conteúdo a estudantes em meio à pandemia de Coronavírus. G1 notícias. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/04/09/estados-adotamplataformas-onlinee-aulas-na-tv-aberta-para-levar-conteudo-a-estudantes-em-meio-apandemia-decoronavirus.ghtml>. Acesso em: Setembro/2021.

OPAS/OMS. Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19 &I temid =875. Acesso em out. 2021.

Organização Mundial da Saúde. Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS/WHO)–1946. 2017 Disponível em: http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organiza%C3%A7%C3%A3oMundialda-Sa%C3%BAde/constituicao-da-organizacaomundial-da-saude-omswho.html. Acesso em out. 2021.

Organização Mundial da Saúde. Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS/WHO) – 1946. 2017 Disponível em: https://www.who.int/emergencies/diseases/novelcoronavirus-2019/question-andanswershub/q-a-detail/q-a-coronaviruses Acesso em out. 2021.

OTTO, Patrícia Aparecida. A Importância Do Uso Das Tecnologias Nas Salas De Aula Nas Series Iniciais Do Ensino Fundamental I. Trabalho de conclusão de curso – Pós-graduação-Educação na Cultura Digital. Florianópolis – SC. 2016.

PALOFF, Rena M.; PRATT, Keith. Lições da sala de aula virtual: as realidades do ensino online. Porto Alegre: Penso, 2015.

PASQUALLI, R. Trajetórias de saberes: a formação e a prática dos professores dos cursos de licenciatura a distância em ciências naturais e matemática nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia no Brasil. 2013 , 305 f. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

PÉREZ-SANAGUSTÍN, M. et al. H-MOOC framework: reusing MOOCs for Hybrid Education. Journal of Computing in Higher Education, v. 29, n. 1, p. 4764, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/312870974_HMOOC_framework_reusing_MOOCs_for_hybrid_education. Acesso em out. 2021.

PEREZ, S. M. Ingressantes na licenciatura em pedagogia do sistema UAB/Ufscar: quem são, o que pensam e aprendizagens iniciais. 2013. 290 f. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

PETERS, Otto. Retrospectiva histórica da educação a distância. São Paulo, 1973.

PICOLI E. S. A., Carvalho E. J. G. Projeto Político-Pedagógico: Uma construção "coletiva"?.
In: III Encontro de Pesquisa em Educação, I Jornada de Gestão Escolar e XV Semana de Pedagogia – Pedagogia 35 anos: História e Memória, 2008; Maringá. P. 1-26. Disponível em: <www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/218-4.pdf>. Acesso em: Setembro/2021.

PRETI, O. (org.). Educação a distância: uma prática mediadora e mediatizada. In: Educação a distância: inícios e indícios de um percurso. Cuiabá, UFMT. 1996.

RAMOS, Márcio Roberto Vieira. O Uso De Tecnologias Em Sala De Aula. Revista Eletrônica LENPES-PIBID de ciências sociais da UEL. Edição Nº. 2, Vol. 1. Londrina – PR. 2012.

RIBAS, M. R. Educação à distância. Disponível em: http// www.universitario.com.br/noticias/n.php?! 10360.

SANTOS, A. M. Educação a distância – análise dos desafios futuros. Brazilian Journal of Development, v. 6, n. 7, p.45341-45354, 2020.

SANTOS, Vanessa Sardinha dos. Coronavírus: a família de vírus que causou a pandemia de COVID-19. Matéria de Brasil Escola. 2020. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/doencas/coronavirus.htm. Acesso em: Setembro/2021.

SCHMIDT, B; CREPALD, M; BOLZE, D; NEIVA-SILVA, L; Demenech LM. Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID19). Estud psicol. Campinas, v.37, e, 200063, p. 1-13. 2020.

SEGANTINI, Jésus Henrique. O Uso Das Tecnologias Na Sala De Aula, Como Ferramenta Pedagógica E Seus Reflexos No Campo. Monografia – Especialização em Educação. Universidade Federal do Paraná. Foz do Iguaçu – PR. 2014.

SILVA, A. C.; ET AL. O material como objeto de Aprendizagem - Interações em sala de aula: Um estudo de caso. Nuevas Ideas en Informática Educativa TISE. 2015. Disponível em: <http://www.tise.cl/volumen11/TISE2015/672-677.pdf>. Acesso em: Setembro/2021.

SILVA, Camila Gonçalves; FIGUEIREDO, Vítor Fonseca. Ambiente virtual de aprendizagem: comunicação, interação e afetividade na EAD. Aprendizagem em EAD, Brasília, DF, v. 1, n. 1, p. 1-16, 2012. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/raead/article/view/3254/2229>. Acesso em out. 2021.

SILVEIRA, Ismar Frango. O papel da aprendizagem ativa no ensino híbrido em um mundo pós-pandemia: reflexões e perspectivas. Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância, V2, 2021.

SIQUEIRA, Caroline. Tecnologia assume papel ainda mais importante na educação durante a pandemia. Artigo de Iforchanel. 2020. Disponível em: <https://inforchannel.com.br/tecnologia-assume-papel-ainda-mais-importante-naeducacaodurante-a-pandemia/>. Acesso em: Setembro/2021.

TEIXEIRA, Melissa Ribeiro; DAHL, Catarina Magalhães. Recriando cotidianos possíveis: construção de estratégias de apoio entre docentes e estudantes de graduação em Terapia Ocupacional em tempos de pandemia. Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional- REVISBRATO, v. 4, n. 3, p. 509-518, 2020.

TORI, R. Educação sem distância: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

TREINTA, F. T; et al. Metodologia de pesquisa bibliográfica com a utilização de método multicritério de apoio à decisão. Production, v. 24, n. 3, p. 508-520, 2014.

UNESCO. COVID-19 response – hybrid learning as a key element in ensuring continued learning. Relatório técnico, versão 2, dez. 2020. Disponível em: https://en.unesco.org/sites/default/files/unesco-covid--19-response-toolkithybridlearning.pdf. Acesso em out. 2021.

VALENTE, C. e MATTAR, J. Second Life e Web 2.0 na Educação: o potencial revolucionário das novas tecnologias. São Paulo: Novatec, 2007.

VERGARA, S. C. Estreitando relacionamentos na educação a distância. Cadernos EBAPE.BR. v.5, nº esp. Rio de Janeiro, 2007.

VIEIRA, R. M. S. J.; GALINHA, S. A. Estudo de avaliação global da assertividade dos estudantes no início do período de confinamento COVID-19. Revista da UIIPS, Santarém, V. 8, n. 2, p. 1-12, 2020.

WANG, C; et. al. Respostas psicológicas imediatas e fatores associados durante o estágio inicial da epidemia de doença do coronavírus de 2019 (COVID-19) entre a população em geral na China. Int J Environ Res Public Health. v. 17, e. 5. P. 1729. 6 mar. 2020.

WEB TERRA. Ferramentas digitais auxiliam professores nas aulas a distância. 2020. Disponível em: <https://webterra.com.br/2020/04/09/ferramentas-digitaisauxiliamprofessores-nas-aulas-a-distancia-veja-dicas/>. Acesso em: Setembro/2021.

YUAN, S. et al. Comparison of the Indicators of Psychological Stress in the Population of Hubei Province and Non-Endemic Provinces in China During Two Weeks During the Coronavirus Disease 2019 (COVID-19) Outbreak in February 2020. Med Sci Monit., v.26, e.923767-1, p. 1-10. 2020.

APÊNDICE – DIREFERENÇAS ENTRE EAD E ATIVIDADES EDUCACIONAIS REMOTAS

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília: Senado Federal, 1988.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Declaração Universal dos Direitos Humanos. Paris, 1948.

BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. M. Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015.

KENSKI, V. M. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. 8. ed. Campinas: Papirus, 2012.

MORAN, J. M. Educação híbrida: um conceito-chave para a educação hoje. In: BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. M. (org.). Ensino híbrido. Porto Alegre: Penso, 2015.

PRENSKY, M. Digital natives, digital immigrants. On the Horizon, v. 9, n. 5, 2001.

UNESCO. Education in a post-COVID world: nine ideas for public action. Paris: UNESCO, 2020.

VALENTE, J. A. Blended learning e as mudanças no ensino superior: a proposta da sala de aula invertida. Educar em Revista, Curitiba, n. 4, p. 79–97, 2014.

EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. As cem linguagens da criança. Porto Alegre: Penso, 2016.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LIBÂNEO, J. C. Didática. São Paulo: Cortez, 2013.

MONTESSORI, M. A mente absorvente. Rio de Janeiro: Nórdica, 1989.

MORAN, J. M. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. Porto Alegre: Penso, 2015.

PIAGET, J. A equilibração das estruturas cognitivas. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

SAVIANI, D. Escola e democracia. Campinas: Autores Associados, 2008.

STEINER, R. A educação da criança segundo a ciência espiritual. São Paulo: Antroposófica, 1997.

UNESCO. Education for sustainable development. Paris: UNESCO, 2019.

VEIGA, I. P. A. Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível. Campinas: Papirus, 2004.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ARRUDA, E. P. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. EmRede – Revista de Educação a Distância, v. 7, n. 1, p. 257–275, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 343, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus – COVID-19. Diário Oficial da União, Brasília, 2020.

HODGES, C.; MOORE, S.; LOCKEE, B.; TRUST, T.; BOND, A. The difference between emergency remote teaching and online learning. EDUCAUSE Review, 2020.

MORAN, J. M. Educação híbrida: um conceito-chave para a educação hoje. In: BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. (org.). Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2020.

WHO. World Health Organization. Coronavirus disease (COVID-19) pandemic. Geneva: WHO, 2020.

WHO. World Health Organization. Statement on the second meeting of the International Health Regulations (2005) Emergency Committee regarding the outbreak of novel coronavirus (2019-nCoV). Geneva, 2020.

ARRUDA, E. P. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. EmRede – Revista de Educação a Distância, v. 7, n. 1, p. 257–275, 2020.

HODGES, C.; MOORE, S.; LOCKEE, B.; TRUST, T.; BOND, A. The difference between emergency remote teaching and online learning. EDUCAUSE Review, 2020.

MORAN, J. M. Educação a distância: pontos e contrapontos. Campinas: Papirus, 2015.

UNESCO. Education in a post-COVID world: Nine ideas for public action. Paris: UNESCO, 2020.

ARAÚJO, R. M. et al. Ensino remoto emergencial no Brasil: desafios e práticas docentes durante a pandemia da COVID-19. 2020.

KUKLINSKI, H. P.; COBO, C. La universidad en tiempos de pandemia: desafíos de la educación híbrida. 2020.

SILVEIRA, D. T. Educação híbrida e inovação pedagógica no contexto da COVID-19. 2020.

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265–274, 2006.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de metodologia científica. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos. Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

XAVIER, O. S.; FERNANDES, R. C. A. Educação em espaços não formais: contribuições para a formação integral. Revista Educação & Sociedade, v. 29, n. 105, p. 1083–1102, 2008.

FERNANDES, R. C. A. Tecnologias educacionais: desafios e perspectivas para o ensino. São Paulo: Cortez, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MORAN, José Manuel. A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. 3. ed. Campinas: Papirus, 2007.

XAVIER, O. S.; FERNANDES, R. C. A. Educação em ambientes não formais: contribuições para a aprendizagem significativa. Revista Brasileira de Educação, v. 13, n. 39, p. 123–138, 2008.

8. ANEXOS

	Atividades Educacionais ou Educação Remota emergenciais	Educação a Distância no Brasil
Histórico no Brasil	Com a pandemia da COVID-19 e situações emergenciais específicas previstas em lei.	Não há consenso na literatura sobre sua origem. No Brasil, os primeiros cursos datam da década de 1930.
Uso da tecnologia educacional	Presente de forma efetiva. Adaptada com a realidade domiciliar.	Presente de forma efetiva de acordo com as necessidades discentes. Há um forte investimento tecnológicos na estrutura física, nos polos com acessos a computadores e *Internet*.
Papel do professor	Transmissor do conteúdo. O professor deve estar à disposição do aluno para tirar dúvidas.	Docência compartilhada com outros especialistas, como professores tutores a distância e professores formadores, a depender do modelo pedagógico adotado na instituição. Em alguns casos, há a figura do tutor presencial como parceiro.
Papel do aluno	Reprodutor do conteúdo. Baixa interação com professor	Aprendizagem colaborativa. Alta interação com seus pares (alunos-alunos) e professores.
Interação	Síncrona por meio de videoconferências. Unilateral: professor-aluno. Assíncrona: por meio de envio de tarefas, podendo ser adotado o meio impresso ou virtual.	Híbrida com momentos presenciais e não presenciais, com ferramentas síncronas (bate-papos) e assíncronas (fóruns, tarefas). Pode adotar o modelo interativo de ecossistema de aprendizagem, como junção de ambientes virtuais de aprendizagem e redes sociais.
Planejamento	Não há planejamento coletivo. Quando ocorre, é em um formato micro, ou seja, o professor planeja de forma solitária, com pouca orientação.	Adota um modelo macro de planejamento pedagógico, como capacitação prévia dos docentes e planejamento prévio das atividades com prazos. Participação do design educacional como profissional que contribui para o planejamento. A carga horária é adaptada ao modelo a distância, conforme previsto no projeto pedagógico.
Perfil do aluno	Indicado para todos os alunos em situações emergenciais, como conflitos bélicos, calamidades, e pessoas com necessidades educativas especiais que não podem estar no ensino presencial.	Direcionado aos adultos, com viés andragógico. No Brasil, é adotado no ensino superior e técnico, podendo ser adotado no ensino fundamental e médio, em casos específicos previstos em lei.
Conteúdo educacional	Transposição do ensino presencial para a distância. Aulas expositivas em formato de videoaulas ou aulas ao vivo (*lives*), baseado em horas-aulas. Uso de televisão educativa. Uso de material impresso. Uso do rádio. Em alguns casos podem usar sites ou ambientes virtuais de aprendizagem, como *Google* Sala de Aula e o *Moodle* como repositórios de conteúdos e atividades.	Não se prende a modelos fixos de produção de conteúdo. Cada instituição cria o seu modelo pedagógico de criação de conteúdo e estratégias pedagógicas. No Brasil, os cursos nessa modalidade devem ter minimamente 20% de atividades presenciais, como estágios e avaliações. Participam da produção de conteúdos, profissionais especializados como designers educacionais, ilustradores e revisores. Além de os professores produzirem conteúdos digitais, há a presença de profissionais que colaboram na gestão da aprendizagem, como tutores presenciais e a distância, podendo contribuir na sugestão de atividades. Adotam massivamente os AVAs como forma de controle acadêmico.

Avaliação	Igual ao modelo presencial, como provas e atividades Ou também as avaliações que ocorreram, a apresentação das atividades propostas pós- pandemia.	Apresenta estratégias variadas, conforme o modelo pedagógico dos cursos, os quais podem adotar um modelo mais tradicional ou com uso de metodologias mais ativas, como ensino híbrido e aprendizagem baseada em problemas dentre outras.
Formação docente	Não obrigatória, mas é recomendada. Ocorre de forma aligeirada.	Obrigatória na EaD pública (UAB), sendo altamente recomendada.
Foco	Educação básica e ensino superior em situações de complementação de aprendizagem. Em alguns casos substituição ou reposição de aulas presenciais. Caráter temporário, não é modalidade educativa. Não emite certificação.	Ensino superior e pós-graduação. Cursos livres e extensão. Ensino técnico e profissional. Educação continuada. Caráter permanente. Modalidade educativa prevista na LDBEN. Emite certificação ao final do processo.
Eficácia	Não há estudos suficientes sobre a sua eficiência no contexto brasileiro. Contudo, educação emergencial ocorre em países em conflito, como Afeganistão e Bósnia com muito sucesso.	Área com mais de 100 anos de atuação e com pesquisa consolidada.

Fonte: próprio autor (2021)

MARCUS PAULO GIOSCIA

ENSINO TECNOLOGICO QUALIFICADO NO PERIODO DE PANDEMIA E ISOLAMENTO SOCIAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Novas Tecnologias Digitais na Educação do Centro Universitário UniCarioca como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Novas Tecnologias Digitais na Educação.

O Presidente da Banca, abaixo assinado, atesta que os membros da banca participaram desta defesa de dissertação.

Examinado por:

gov.br Documento assinado digitalmente
ALESSANDRO JATOBA
Data: 30/09/2025 09:19:54-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Alessandro Jatobá, D. Sc. (UniCarioca)
Presidente da Comissão Examinadora

Prof. Hugo Cesar Bellas, D. Sc. (UniCarioca)

Profa. Bárbara Bulhões Lopes de Andrade, D. Sc. (FIOCRUZ)

Rio de Janeiro
2025

G494e Gioscia, Marcus Paulo
Ensino tecnológico qualificado no período de pandemia e isolamento social / Gioscia, Marcus Paulo; orientador: Alessandro Jatobá coorientador: Paulo Victor Rodrigues de Carvalho. – Rio de Janeiro, 2025.
117 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação) – Centro Universitário UniCarioca, Rio de Janeiro, 2024.

1. Aprendizagem. 2. Ensino a distância. 3. Informática. 4. Pandemia. I. Jatobá, Alessandro, prof. orient. II. Carvalho, Paulo Victor Rodrigues de, prof. coorient. Título.

CDD: 371.344